

# Lênin

## Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América

Novos dados sobre as leis de desenvolvimento  
do capitalismo na agricultura

(Coleção Alicerces)

Lenin, Vladimir Ilich, 1870-1924.  
L585c Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos : novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura / Vladimir Ilich Ulianov Lénin ; apresentação Wladimir Pomar. — São Paulo : Ed. Brasil Debates, 1980.

(Coleção alicerces)

Tradução brasileira a partir da versão francesa confrontada com a versão espanhola.

1. Agricultura — Aspectos econômicos — Estados Unidos
2. Capitalismo I. Título. II. Título : Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura.

17. e 18. CDD-335.43833810973

17. -333.150973

18. -330.1220973

80-0250

17. e 18. -338.10973

Índices para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Agricultura : Produção : Economia  
338.10973 (17. e 18.)
2. Estados Unidos : Capitalismo : Economia  
330.150973 (17.) 330.1220973 (18.)
3. Estados Unidos : Economia agrícola : Ponto de vista marxista-leninista 335.4383310973 (17. e 18.)

## Sumário

### Apresentação (Wladimir Pomar)

#### Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos

1. Característica geral das três regiões principais. O Oeste em processo de colonização e os homesteads
2. O Norte industrial
3. O antigo Sul escravista
4. Dimensão média das farms. A “decomposição do capitalismo”
5. O caráter capitalista da agricultura
6. As regiões de agricultura mais intensiva
7. As máquinas e o trabalho assalariado na agricultura
8. A eliminação das pequenas explorações pelas grandes. A quantidade de terra cultivada
9. Continuação. Dados sobre o valor das farms
10. Às deficiências dos métodos habituais de investigação econômica. As peculiaridades da agricultura segundo Marx
11. Uma comparação mais precisa entre as pequenas e grandes explorações
12. Os diferentes tipos de explorações na agricultura
13. Como se minimiza a eliminação da pequena produção pela grande agricultura
14. A expropriação dos pequenos agricultores
15. Quadro comparativo da evolução da agricultura e da indústria
16. Balanço e conclusões

## Apresentação

Sessenta e dois anos após sua primeira publicação, surge a versão em português deste trabalho de Vladimir Ilich Lênin. O significado do acontecimento para os leitores brasileiros vai muito além do fato de tratar-se de uma das obras do mais respeitado e destacado marxista deste século. Representa um exemplo clássico de aplicação do método materialista-dialético de investigação e análise de uma situação concreta e fala muito de perto aos estudiosos dos problemas brasileiros. A estes apresenta a oportunidade de realizar um estudo comparativo entre duas economias agrícolas — a dos Estados Unidos no início do século e a do Brasil atual — de modo a ajudar na compreensão de um dos temas mais controvertidos do momento: o das leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura em geral e na agricultura brasileira em particular.

Basta um simples olhar sobre as diferentes interpretações que a análise da economia agrária no Brasil tem gerado para que se apreenda a atualidade da obra. Tais interpretações variam das que consideram a economia agrária brasileira como originalmente capitalista, combinando-se ou não com formas de produção “não-capitalistas”, às que simplesmente negam o peso do capitalismo na agricultura, encontrando-se inúmeras variações intermediárias. Sob pretexto de tratar-se de análise dogmática, calcada em modelos stalinistas, erigiu-se verdadeiro tabu à aceitação da tese da existência de formas ou relações feudais, semifeudais ou pré-capitalistas na agricultura brasileira, não só na atualidade como em qualquer época de nossa história.

Alguns pesquisadores e cientistas sociais que têm realizado pesquisas em profundidade da problemática agrária sentem-se compelidos a, no máximo, aceitar a tese da existência de relações agrárias “não-capitalistas”. Mesmo entre esses, o papel de entrave ou não do processo de desenvolvimento do capitalismo desempenhado pelas relações “não-capitalistas” suscita toda uma gama de novas discrepâncias.

Isto, para ficar só na análise, já que como conseqüência se encontra uma enorme variedade de políticas. Tal diversidade de interpretações é, em parte, fruto da própria complexidade da situação agrária, tornada ainda mais confusa pelas formas que o processo de desenvolvimento capitalista tem assumido no mundo e em nosso país. Em vista disso, essa obra de Vladimir Ilich Lênin só pode ser encarada como oportuna e valiosa por todos aqueles que desenvolvem esforços no sentido de deslindar de modo científico a realidade da agricultura e as leis de sua evolução.

Tomando a economia agrícola dos Estados Unidos no início do século como fulcro de sua análise, Lênin aborda o caso mais típico da agricultura capitalista, em que pôde examinar em sua maior pureza, livres das influências e circunstâncias que as complicam, as leis gerais do desenvolvimento do capitalismo na agricultura e a variedade de formas que essas leis adquirem.

Naquela época, como ainda hoje, os Estados Unidos ofereciam o exemplo mais adequado a esse estudo. Eram o país que se encontrava “na vanguarda do capitalismo moderno” (Todas as citações, exceto as expressamente indicadas, são da presente obra de V. I. Lênin) onde a agricultura capitalista ocupava as maiores extensões, apresentando “a maior diversidade de relações e a maior riqueza de matizes e formas”. Afora isso, os censos agrícolas de 1900 e 1910, lá realizados, constituíam a “última palavra em estatística social nessa esfera da economia”, colocando à disposição de estudiosos e pesquisadores “material de uma riqueza e exatidão sem equivalente em qualquer outro país do mundo”. Aproveitando-se dessa rara ocasião para “estudar uma notável diversidade de formas que abarca tanto o passado quanto o futuro”, Lênin tinha em meta combater tendências de “conteúdo totalmente burguês” que predominavam justamente sobre “a tendência burguesa mais democrática, a mais à esquerda, do pensamento social russo e europeu”, concepções englobadas como “teoria da evolução não capitalista da agricultura na sociedade capitalista”.

Chama a atenção, no curso de toda a exposição, como Lênin se dedica ao debate dos métodos de investigação e estudo comumente utilizados pelos estatísticos e economistas, insurgindo-se principalmente contra as estatísticas burocráticas e rotineiras. Dando Marx como exemplo, cujos princípios deveriam servir de guia para estudar o “nascimento dá capitalismo dentro da economia

escravista no Sul dos Estados Unidos ou dentro da economia baseada na prestação de serviços no centro da Rússia”, Lênin acentua a necessidade de adotar métodos apropriados e racionais de pesquisa, modificando-os em função das diversas formas assumidas pelo processo em que “o capital subordina e transforma, à sua maneira”, os diversos tipos de propriedade da terra que encontra ao surgir no cenário histórico. Como nos Estados Unidos os homesteads representavam uma dessas formas, Lênin sugere que sejam concentrados num grupo especial, de modo à “seguir seu posterior destino econômico”. E Lênin tem plena razão, pois os homesteads, glebas de terras públicas distribuídas gratuitamente ou a um preço reduzido a quem as desejasse cultivar, representaram a forma típica e democrática do processo de colonização dos Estados Unidos, em especial do Oeste, onde englobavam no início do século mais da metade do total de farms (estabelecimentos agrícolas) lá existentes.

E é a partir dos dados de concentração dos homesteads nas principais regiões do país (1/2 no Oeste, 1/8 no Norte e 1/17 no Sul) que Lênin considera importante examinar separadamente, e não em conjunto, os dados dessas diferentes regiões, tendo em vista a grande diversidade existente entre elas quanto à situação econômica peculiar a cada uma.

Sua obra constitui permanente estudo comparativo de dados entre essas diversas regiões, o que nos reporta, de imediato, àqueles que costumam tomar os dados de uma região ou zona e transformá-los em caso geral. Exemplo disso, entre nós, é o daqueles pesquisadores que, a partir dos dados referentes aos bóias-frias, em zonas do Paraná e São Paulo, e aos volantes na Zona da Mata do Nordeste e na Amazônia, concluem que a massa principal dos trabalhadores rurais do Brasil já é constituída pelo proletariado agrícola. Para tanto englobam como proletariado rural não só os volantes e os “bóias-frias”, mas também os pequenos proprietários, os parceiros e os pequenos arrendatários. Todos seriam “proletários-camponeses” ou camponeses em processo de proletarização. Essa maneira pouco científica de generalizar pesquisas setoriais, comum entre alguns círculos acadêmicos, contribui para tornar ainda mais confuso o quadro de análise da situação agrária. Um estudo mais acurado que seguisse os métodos indicados por Lênin permitiria descobrir que os volantes e bóias-frias do Paraná, São Paulo, zona do cacau na Bahia, zona canavieira do Nordeste e de derrubadas na Amazônia, que em geral moram nas cidades e possuem como ocupação única a venda de sua força de trabalho, são realmente proletários, expropriados completamente de seus meios de produção; são assalariados permanentes no sentido de que só conseguem viver se trocarem permanentemente sua força de trabalho por salários. Mas o mesmo não se pode dizer de uma parte dos volantes da zona canavieira do Nordeste, daqueles que descem do Agreste é do Sertão para a colheita da cana e depois retornam a suas propriedades ou parcelas trabalhadas em parceria ou arrendamento. O mesmo não se pode dizer, em geral, dos pequenos proprietários, parceiros, pequenos arrendatários e posseiros de todo o país, que procuram complementar sua produção necessária vendendo eventualmente sua força de trabalho. Não podem ser considerados assalariados permanentes nem proletários rurais. São assalariados temporários que podem ter ou não como ocupação principal a venda de sua força de trabalho, mas ainda não foram completamente expropriados de seus meios de produção. São camponeses em processo de proletarização, o que sem dúvida é um importante índice do processo de desenvolvimento capitalista na agricultura.

À constatação do aumento indiscutível do emprego de assalariados permanentes e temporários, caberia aos pesquisadores, conforme acentua Lênin, verificar o montante real de cada uma dessas categorias, a proporção dos assalariados temporários que têm como ocupação principal a venda de sua força de trabalho. Deslindar, assim, a confusão normalmente causada pelas estatísticas que consideram assalariados permanentes só os empregados constantes da exploração agrária e não também os que só podem viver assalariando-se permanentemente, mesmo que não encontrem um emprego constante, que permaneçam grande parte do tempo desempregados ou subempregados. Dessa maneira seria mais fácil, à medida que se determinasse, concomitantemente, o total de despesas em mão-de-obra assalariada, determinar o caráter capitalista ou não das explorações e possuir um indicador mais seguro da intensidade do processo de capitalização da agricultura.

Outro ensinamento valioso que se pode extrair do método crítico aplicado por Lênin ao estudar os dados estatísticos dos censos norte-americanos reside nas apreciações que faz a respeito do método de agrupar as explorações agrícolas segundo a área que ocupam ou cultivam com o objetivo de determinar sua grandeza econômica e seu caráter capitalista. Lênin destaca que a área ocupada está longe de indicar sempre e diretamente esse caráter ou grandeza. Apesar de “certas considerações científicas que indicam a necessidade e o acerto de tal agrupamento” ou classificação, Lênin mostra que ela é insuficiente por não levar em conta a intensificação da agricultura, a crescente inversão de capital por unidade de área, seja em gado, máquinas, sementes selecionadas, métodos mais avançados de cultivo, ou mão-de-obra assalariada. E mostra o emaranhado de contradições a que é levado quem se atém exclusivamente à classificação das explorações segundo a quantidade de terra: levam, por exemplo, à conclusão de que são capitalistas não as “pequenas”, porém as “grandes” explorações em área e, ao mesmo tempo, que quanto menor é a exploração em área, mais intensiva é a agricultura nela praticada e maior o valor dos gastos em mão-de-obra. Trata-se de uma “contradição aparente”, mas questão importante, na medida em que “todas as discussões sobre a evolução da agricultura e de suas leis centralizam-se precisamente na pequena e na grande produção”. Para safar-se dessa “contradição”, Lênin realizou um exaustivo trabalho de comparação entre as pequenas e as grandes explorações tomando por base também outras considerações, além da quantidade de terra.

Valendo-se dos dados sobre o valor global da produção das explorações (exceto a parte destinada ao arraçoamento do gado), dados que só existiam então nas estatísticas americanas e que mostravam, “muito mais diretamente que outros, o volume da produção e, em especial da produção mercantil”, Lênin chega a conclusões diametralmente opostas àquelas obtidas com o agrupamento das explorações por extrato de área. Verifica que com “o aumento da magnitude da exploração, a intensidade da agricultura declina se se julga a magnitude pela superfície da exploração, e aumenta se se julga a magnitude pelo valor, da produção”. Desse modo, constata um “duplo crescimento do capitalismo”, no qual ocorria um aumento das dimensões das fazendas, exploradas com métodos técnicos antigos e também a criação de “novas empresas dedicadas a cultivos comerciais especiais, em áreas minúsculas, com volume muito grande de produção e emprego de trabalhadores assalariados”. Em função disso, Lênin reafirma a necessidade de “destacar, investigar e; sempre que possível, levar em conta os índices que comprovam a transformação da agricultura natural em agricultura mercantil” e, em especial, os dados sobre trabalho assalariado.

Todo esse esforço do autor chama a atenção para o primarismo de alguns cientistas sociais que confundem e misturam grande exploração com grande propriedade. Nem Marx nem Lênin, ao falar de pequena ou grande exploração, prendem-se à pequena ou à grande propriedade. Eles reafirmam mais de uma vez, e Lênin o faz com bastante ênfase nesta obra, que a linha principal de desenvolvimento da agricultura capitalista é a da utilização de métodos intensivos, não pelo aumento da superfície cultivada, porém melhorando a qualidade do cultivo do solo, aumentando a quantidade de capital invertido numa mesma superfície. A “pequena exploração”, sem deixar de ser pequena pela área ou propriedade, transforma-se em grande pela produção. Tal conceito, aparentemente simples, tem, no entanto, gerado uma série de interpretações incorretas, tanto a respeito das teses marxistas, quanto da realidade agrária brasileira.

É comum a crítica ao marxismo sustentar que sua tese de substituição da pequena exploração pela grande, com o conseqüente desaparecimento do campesinato, estaria superada. Segundo esses críticos, os próprios marxistas teriam feito esforços para corrigi-la ao verificar que a agricultura não se desenvolve segundo o mesmo processo da indústria, porém segundo leis próprias. A vida teria demonstrado a existência de obstáculos que retardam o desaparecimento da pequena produção, tais como a resistência dos pequenos camponeses, intervenção do Estado preservando a pequena produção, limitação do solo, o fato de que nem sempre a grande exploração demonstra ser a melhor, etc. Todavia, como que se prevenindo de tais críticas, Lênin mostra que muitas dessas interpretações sobre a persistência da pequena propriedade são, no fundo, maneiras de escamotear a existência e-o verdadeiro papel das explorações capitalistas “modelo”, que também são pequenas em superfície, mas constituem uma minoria entre a enorme massa de pequenos agricultores.

Bastaria, “com os métodos modernos de investigação”, combinar dois métodos de classificação (“cada um dos cinco agrupamentos por superfície poderia ser dividido em dois ou três subgrupos de acordo com o emprego de trabalho assalariado”) para obter uma imagem real da situação, “um quadro eloqüente” da vida da grande maioria dos pequenos agricultores, arruinados, oprimidos, empobrecidos e expropriados.

Nesse sentido, Lênin frisa a grande importância de se pesquisar de modo conveniente o processo de expropriação do pequenos agricultores, determinando “de que setores, camadas ou grupos da população rural provêm os elementos que fogem do campo, e em que circunstâncias, (. . .) quantas farms e que tipos de farms foram vendidas ou entregues em arrendamento com o objetivo de mudar para a cidade e quantos membros da família e em que circunstâncias abandonaram a agricultura, temporária ou definitivamente. Só desse modo será possível compreender e valorizar o papel do capitalismo na agricultura, sua tendência em substituir a pequena exploração pela grande”.

Tal tendência, porém, “não deve ser entendida unicamente no sentido de uma expropriação imediata do pequeno produtor: pode adotar a forma de um longo processo de ruína e proletarização dos pequenos agricultores”, já que o capitalismo subordina e se aproveita de todas as demais formas de propriedade e exploração da agricultura. Os principais teóricos do marxismo jamais negaram os obstáculos que os pequenos agricultores colocam frente ao pleno desenvolvimento do capitalismo e, portanto, frente a sua própria destruição. Lênin mostra que um dos fatores pelos quais a pequena produção não esgotou ainda seu papel econômico e histórico é justamente a persistência de restos e sobrevivências feudais e semif feudais, mesmo na economia agrária norte-americana daquela época.

Se, em termos gerais, a pequena produção é contrária à grande exploração capitalista — e pouco importa se essa grande exploração é realizada numa grande ou numa pequena propriedade — e entrava a evolução social, encobrendo e amortecendo a luta de classes, em termos concretos essa mesma pequena exploração camponesa pode desempenhar um papel progressista quando o apoio a ela significa a luta pela destruição das relações pré-capitalistas. Desse modo, se encararmos a situação real do mundo, onde subsistem relações de produção anacrônicas em vastas áreas, podemos concluir que a pequena produção camponesa ainda tem um longo caminho pela frente.

Isso não nega, contudo, a tendência principal da agricultura capitalista. A mudança principal já ocorreu: o pequeno produtor transformou-se em produtor de mercadorias. A partir daí, a diminuição da proporção de proprietários e o aumento da proporção de arrendatários e trabalhadores assalariados assinalam, em geral, a ruína e a substituição dos pequenos agricultores. Em cada caso, todavia, é indispensável ter presente os fatores reais que complicam e mascaram essa tendência.

Um desses fatores é, sem dúvida, a persistência de sobrevivências de tipo feudal, semifeudal, semiescravista, patriarcal ou pré-capitalista. Este é um dos pontos mais polêmicos e controvertidos no atual debate sobre a economia agrária e, como os demais, acaba centralizando-se no caráter da grande e da pequena propriedade e da grande e da pequena exploração agrícolas.

É muito difundida a tese de que na origem e na base da estrutura agrária brasileira se encontra a grande exploração rural escravista ligada ao mercado externo, grande exploração que teria evoluído no sentido da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado, ao mesmo tempo que conservava o caráter de grande exploração. Os defensores desta tese usam indistintamente os conceitos de grande exploração e grande propriedade, esquecendo-se do fato histórico comprovado de que, se é verdade que houve grandes explorações agrícolas — as plantations — com base na grande propriedade e na escravidão, também é verdade que a grande propriedade territorial brasileira existiu e se estendeu independente da existência e expansão da grande exploração, nem sempre havendo reciprocidade entre ambas. Usam também sem discriminação o conceito de trabalho assalariado, considerando a meia, a terça, a partilha e outras formas de parceria ou pequeno arrendamento utilizados na agricultura e na pecuária brasileiras como formas de pagamento in natura. Refutam, assim, como sendo aceitação e aplicação mecânicas de modelos importados, o tratamento do latifúndio e das relações de produção geradas por sua existência como sobrevivências semif feudais.

Há correntes que reconhecem a existência de formas “não-capitalistas” na agricultura, o que não significa, avisam, reconhecer um caráter feudal, semifeudal ou mesmo pré-capitalista em tais

formas, Tal reconhecimento não implica, por outro lado, urna unanimidade de opiniões quanto ao papel que tais formas não-capitalistas” desempenham no processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Uns consideram os setores em que predominam as relações capitalistas como praticamente estanques em relação aos setores em que predominam as “não-capitalistas”, enquanto outros consideram que há uma interação entre essas formas, sendo que as formas “não-capitalistas” servem ao desenvolvimento capitalista, em vez de entravá-lo. Na caracterização das formas “não-capitalistas”, alguns apontam o latifúndio; outros, as formas de pequena produção.

Todas essas questões são nevrálgicas para o delineamento de uma política de classe do proletariado, indo muito além dos objetivos de um debate acadêmico. Delas depende uma política que leve em conta ou não os camponeses, que os considere como força progressista ou reacionária. Não é por acaso que muitos dos defensores da teoria da não existência de relações pré-capitalistas na agricultura brasileira ou ficam nos limites da melhoria das condições de vida dos trabalhadores, em nada avançando na proposta de socialização completa dos meios de produção, ou traem a si próprios situando a luta do proletariado no terreno da luta democrática, cingindo-a a uma questão “operário-camponesa” onde, teoricamente, não mais deveria haver camponeses. No fundo não conseguem livrar-se do peso real das sobrevivências ou formas atrasadas, mesmo negando-as ou minimizando-as. Como dizia Goethe, a árvore da vida é sempre mais verde. . . A realidade acaba arrombando as portas, fazendo prevalecer sua verdade.

Nesta, como nas demais obras em que trata do problema agrário, Lênin sempre compreendeu e valorizou o papel do capitalismo na agricultura. Um dos gumes de sua luta teórica e prática se voltou constantemente contra aqueles que, de uma forma ou de outra, negavam o desenvolvimento do capitalismo na agricultura, negavam seu papel progressista. Mas Lênin era bem preciso ao definir a posição do proletariado frente a tal papel:

“O proletariado (. . .) não defende todas as medidas que acelerem o progresso burguês, mas somente as que diretamente contribuem para fortalecer a capacidade da classe operária para lutar por sua emancipação”. Em outras palavras, para Lênin o “progresso burguês” não era senão o “pleno e livre desenvolvimento da luta de classes”, o que só é possível, na sociedade capitalista em processo de desenvolvimento, destruindo “os restos da servidão que entorpecem esse desenvolvimento” e, conseqüentemente, fortalecendo a burguesia. E agregava que “deixar-se ‘confundir’ por isto equivale a incorrer de novo no erro daqueles socialistas segundo os quais a nós não interessa a liberdade política, já que esta só serve para fortalecer e afiançar a burguesia”.\* (\* V. I. Lênin, *“Programa Agrário da Social-Democracia”, Obras Escolhidas, vol. VI*). Eis por que Lênin não escamoteava os fatos, não temia definir como sobrevivências feudais as relações de produção vigentes no sistema de parceria no Sul dos Estados Unidos.

Não confundia de modo algum, a necessidade da crítica intransigente do capitalismo e da luta por sua superação com a análise real de uma dada situação. Ao contrário, Lênin procurava “ajudar” o capitalismo a colocar a descoberto sua contradição fundamental, de modo a que ele fosse enterrado mais rapidamente. Para tanto era justamente necessário “livrar” o capitalismo de todas aquelas relações que mascaravam, encobriam o antagonismo entre o capital e o trabalho, mesmo que tais relações se subordinassem ao capital e servissem à sua reprodução e acumulação.

Apesar de tratar desse problema de passagem, Lênin dá uma série de opiniões que deveriam merecer a reflexão de todos os economistas e cientistas sociais interessados no problema. Em primeiro lugar ele refuta incisivamente a tese de que “os Estados Unidos não conheceram as sobrevivências do feudalismo por jamais terem conhecido o feudalismo”, considerando que isso “contradiz totalmente a verdade, pois as sobrevivências econômicas da escravidão não se diferenciam em nada das do feudalismo”. Esta tese, que causa horror a muitos autores “marxistas”, não foi, entretanto refutada por nenhum deles a partir da teoria econômica de Marx. Em geral atêm-se ao historicismo: não houve feudalismo, logo não há restos feudais.

Lênin, porém, baseia sua concepção na teoria da renda da terra, demonstrando que não há diferença essencial entre a renda escravista da terra e a renda feudal da terra, enquanto que entre estas e a renda capitalista da terra há. No escravismo e no feudalismo não existe separação entre a renda e o lucro, separação que é justamente a. premissa do modo de produção capitalista, conforme assinala

Marx. Dessa maneira, quando ocorrem relações de produção que se realizam economicamente por meio da renda-trabalho, da renda-produto ou da renda--dinheiro, e não da renda capitalista, tais relações se realizam à maneira escravista ou feudal. Para caracterizar o tipo real de que se trata, entram em cena outros fatores diferenciais, mas a similitude econômica permanece. Por isso, no curso da obra e por mais de uma vez, ao referir-se aos parceiros do Sul dos Estados Unidos, Lênin repete que se trata de parceiros “semifeudais ou, o que do ponto de vista econômico é o mesmo, semiescravos” (grifo nosso).

O que interessa, pois, não é saber se determinado país conheceu ou não o feudalismo para reconhecer a existência de restos ou sobrevivências feudais ou semifeudais (ou semiescravistas). O que interessa é saber se os trabalhadores rurais desse país são “explorados à maneira feudal ou semifeudal” (grifo nosso), isto é, se sua produção excedente (sobreproduto) se confunde de forma completa com a renda da terra. Em outras palavras interessa saber se a apropriação do sobreproduto pelo proprietário territorial se dá pelo simples fato deste possuir a propriedade da terra.

Muitos dos críticos das teses da existência de relações de produção feudais ou semifeudais no campo brasileiro nem de longe levam em consideração a teoria marxista da renda da terra para conceituar cientificamente as relações atrasadas. Com isso acabam se perdendo numa caracterização de relações “não-capitalistas” que nada caracteriza, já que não define seu conteúdo econômico. Para demonstrar o acerto do que dizem, não conseguem ir além do fato histórico inquestionável de que nunca houve feudalismo no Brasil, especialmente se o concebemos no sentido europeu. Para eles, a partir dessa idéia, não passaria de absurdo histórico falar em formas feudais ou semifeudais, ou mesmo restos de sobrevivências desse tipo.

Não é nosso propósito aqui aprofundar os problemas históricos e econômicos referentes aos debates sobre modos de produção. Tampouco nos estenderemos às manifestações de sobrevivências feudais na superestrutura ideológica, política, jurídica, etc. Isto demandaria tempo e fugiria aos objetivos desta introdução. Atemo-nos exclusivamente à presença daqueles remanescentes nas relações agrárias. Para isso gostaríamos de lembrar que na colônia brasileira surgiram, à época do escravismo e dentro do modo de produção predominante, relações de produção de novo tipo, não-escravistas, que aos poucos foram se ampliando e, com a abolição da escravatura, tornaram-se predominantes por um largo período. Referimo-nos particularmente aos agregados, donde derivaram as formas atuais de parceiros e arrendatários parceiros já que não nos interessa no momento discutir outras categorias que também eram exploradas à maneira feudal (arrendatários-escravistas, comunidades indígenas de reduções, vaqueiros e peões das fazendas de gado). Basta-nos aquele caso típico.

No sistema de agregação, o trabalhador se obrigava a pagar uma renda ao proprietário-fundiário pelo “favor” que este lhe fazia deixando-o trabalhar e produzir em terras de sua propriedade. A renda cobrada era basicamente a renda-trabalho ou a renda-produto, sendo que a renda-trabalho muitas vezes se expressava através de formas de prestação de serviços extra--econômicos.

Ora, qualquer que seja a nuance “brasileira” que se lhe queira dar, esse sistema não é outra coisa que o sistema da parceria, sistema que Lênin denominava de “sobrevivência russa do feudalismo” e considerava a base sobre a qual “cresceu e se manteve a superestrutura de dominação dos negros dos Estados Unidos”. Lênin mostra que enquanto os lavradores brancos típicos eram proprietários, os lavradores negros típicos eram arrendatários, “arrendatários não no sentido europeu, civilizado, moderno da palavra, mas sim arrendatários-parceiros, semifeudais ou, o que do ponto de vista econômico é o mesmo, semiescravos”.

É interessante notar que Lênin se referia a um país onde 62,1% dos lavradores eram proprietários; 0,7%, administradores, e 37%, arrendatários. Apesar de o número destes últimos crescer sem cessar no fim do século passado e início deste, o que se destaca a predominância dos proprietários. No Brasil sempre ocorreu o contrário, com a predominância esmagadora dos lavradores sem terra trabalhando em terras dos grandes proprietários sob o sistema de agregação ou assemelhado.

Se nos Estados Unidos 24% dos agricultores eram parceiros “explorados à maneira feudal ou semifeudal pelos antigos donos de escravos”, com muito mais razão se pode falar de uma “exploração à maneira feudal ou semifeudal” dos agregados ou parceiros brasileiros que



representavam, até há alguns anos, bem mais de 50% do total de agricultores. Em 1900, enquanto nos Estados Unidos existia uma região industrializada em alto grau e aquele país já era o mais avançado do ponto de vista capitalista, com a indústria determinando a intensificação da agricultura, no Brasil, a industrialização mal começara e o avanço capitalista estava subordinado, em grande medida, aos interesses do nascente imperialismo.

Não é por acaso que o máximo que os críticos da exploração semifeudal conseguiram foi classificá-la como “escravismo disfarçado” ou como forma impura de salariedade. Um e outro mal conseguem disfarçar seu preconceito. Tanto o feudalismo quanto o capitalismo não passam de “escravismo disfarçado”. Lênin mesmo reafirma que o capitalismo não faz mais do que perpetuar as antigas formas de opressão e exploração sob uma capa “moderna”. Todavia, não é isso que define seu conteúdo econômico na agricultura, mas sim a forma como é apropriada a renda da terra. Também por isso as formas “impuras” de salariedade, ou seja, a mescla da renda feudal com a capitalista não fazem mais do que confirmar a existência e, portanto, a sobrevivência de relações feudais ou semifeudais.

Em que medida tais relações entravam o processo de desenvolvimento do capitalismo? É interessante notar que o peso da exploração semifeudal nos Estados Unidos era relativamente pequeno, se comparado com o Brasil. Além da proporção inferior a 1/4, concentrava-se quase exclusivamente numa região, o Sul. Ali, 0,7% dos estabelecimentos eram latifúndios com áreas superiores a 1.000 acres (405 hectares), correspondendo a 23,9% da superfície total da terra ocupada. Desta, só 8,5% era cultivada.

Para os Estados Unidos em conjunto, os latifúndios correspondiam a 0,8% do total de estabelecimentos, ocupando 19,0% da área total e cultivando só 18,7% de suas terras. No Brasil, os latifúndios com áreas superiores a 1.000 hectares, conforme dados do INCRA, representavam em 1972 cerca de 1,5% do número de imóveis, ocupando 51,5% da área total e cultivando somente 10% de sua superfície. Enquanto os Estados Unidos cultivavam, em 1910, 54% da área total dos estabelecimentos, em 1972 o Brasil cultivava apenas 17,1% da área dos imóveis. As discrepâncias entre unidades (estabelecimento e imóvel; áreas superiores a 400 ou 1.000 hectares) não alteram substancialmente o quadro, demonstrando como o Sul dos Estados Unidos, 60 anos antes, estava bem mais desenvolvido no sentido capitalista que o Brasil tomado em conjunto.

Pois bem, aquela região era a mais atrasada no emprego de mão-de-obra assalariada e a causa disto, para Lênin, era a maior intensidade do emprego do sistema de parceria semiescravista ou semifeudal. Esses dados, para ele, evidenciavam quão imprudente era confundir os latifúndios com a agricultura capitalista em grande escala e com quanta frequência o latifúndio não é senão “uma sobrevivência das relações pré-capitalistas, escravistas, feudais ou patriarcais”. As regiões de maior predomínio dos latifúndios e, conseqüentemente, da parceria, eram as regiões “de maior estancamento, degradação e opressão das massas trabalhadoras”.

Assim, para Lênin, as relações semifeudais são um entrave ao maior emprego da mão-de-obra assalariada, freando o desenvolvimento do capitalismo na agricultura. Isso não significa, porém, que impeçam tal desenvolvimento. O capitalismo não só se desenvolve independentemente das formas de propriedade (e, portanto, das relações de produção) que encontra na agricultura, como subordina tais formas ao seu domínio. O capitalismo aproveita-se dessas formas, manifestando-se então seu desenvolvimento de diversos modos particulares que dependem das condições específicas de cada país ou região. Ora se traduz no aumento das dimensões dos estabelecimentos ou mesmo dos latifúndios, ora no aumento do número de estabelecimentos e declínio dos latifúndios.

O problema não está em que o capitalismo não se desenvolva, porém em que as sobrevivências semifeudais, etc., retardam o pleno desenvolvimento do emprego de mão-de-obra assalariada, retardam o pleno desenvolvimento da luta de classes no campo, encobrindo a opressão e a exploração burguesas.

Lênin entende o desenvolvimento do capitalismo, seu papel progressista, principalmente como desenvolvimento da luta de classes. A eliminação das sobrevivências feudais ou semifeudais impulsionaria, por si só, o desenvolvimento das forças produtivas, livrando o camponês da sujeição que o obriga a entregar ao latifundiário não só o sobreproduto como também parte importante do

resultado do trabalho necessário. Acabaria com a possibilidade de o latifundiário compensar a falta de melhorias técnicas pela intensificação da exploração semifeudal e intensificaria a incorporação da terra à circulação mercantil.

Nesse sentido, muitos dos críticos da tese de existência de sobrevivências semifeudais têm razão quando afirmam e denunciam que ela serviu, durante muito tempo, no passado como ainda hoje, para evitar qualquer ataque ao capitalismo e à burguesia brasileira, para evitar que fosse compreendida a necessidade de superação do próprio capitalismo como sistema. Uma corrente ponderável, de caráter reformista-burguês, não entende a luta pela extinção das relações pré-capitalistas como uma luta pelo deslindamento e aprofundamento da luta de classes entre o proletariado e a burguesia, porém como uma luta pelo capitalismo.

A bem da verdade é necessário reconhecer que tal corrente tem dado o tom, até agora, ao debate teórico e político. O que tem gerado, em contrapartida, naqueles que desejam o fim da exploração capitalista, uma real ojeriza à tese da existência de restos semifeudais, confundindo a sua defesa com a defesa da tese da necessidade do desenvolvimento capitalista na agricultura e no país. A elucidação dessa confusão é importante para que se compreenda, por um lado, a necessidade da superação do sistema capitalista brasileiro e, por outro, a necessidade de permitir ao campesinato participar das decisões políticas relativas à transformação social da agricultura e adotar as formas de organização da produção que correspondam a seus interesses, nível de consciência, etc. Esta é uma tarefa que merece uma atenção especial em virtude do agravamento da crise agrária brasileira e da intensidade cada vez maior com que as diversas correntes de pensamento se dedicam a uma busca de soluções, já que essa questão influi sobre o conjunto da sociedade, devendo pois despertar particular interesse naqueles que procuram defender os interesses da classe operária.

Ao examinar de forma precisa e minuciosa uma das chamadas “vias de desenvolvimento do capitalismo na agricultura” — a chamada via “americana” — Lênin mostra que, paralelamente à transição da estrutura escravista da agricultura para a agricultura mercantil e capitalista, ocorria um rápido e intenso desenvolvimento do capitalismo no conjunto do país e, em particular, na agricultura da região Norte, ao lado de uma extensa colonização “capitalista-democrática”. Lênin acentua o fato de os Estados Unidos constituírem uma exceção entre os demais capitalistas, no sentido de que contava com uma enorme extensão de terras não ocupadas, devolutas, que foram distribuídas gratuitamente ou a baixo preço àqueles que as desejassem.

Em vista disso, a agricultura nos Estados Unidos podia desenvolver-se, como de fato se desenvolveu, mediante a ocupação e cultivo das terras virgens; sob formas primitivas e extensivas. Lênin afirma ainda que essa particularidade, longe de excluir o capitalismo, ampliava sua base e acelerava seu desenvolvimento, servindo ainda para ocultar a expropriação dos pequenos agricultores nas partes mais povoadas e industrializadas do país.

No Sul dos Estados Unidos a transição para a agricultura mercantil de pequena escala se dava por meio da desintegração dos latifúndios escravistas e da diminuição da área média dos estabelecimentos, que passaram a ser explorados, na maior parte, por parceiros semifeudais. No Oeste desenvolvia-se um vasto processo de colonização e distribuição de homesteads, apesar da grande incidência de latifúndios de pecuária extensiva. No Norte não mais havia colonização e o número de estabelecimentos diminuía, assim como a área cultivada e a superfície total ocupada pelos estabelecimentos, sendo a área de agricultura mais intensiva e mais capitalizada.

Para Lênin, a determinação do grau de desenvolvimento capitalista na agricultura de cada uma dessas regiões dependia da verificação das diferenças na quantidade de capital invertido naquele setor da economia, o que significava diferenças nas modificações técnicas. Dependia ainda da verificação de diferenças na intensificação da agricultura, na passagem a sistemas superiores de cultivo, no uso crescente de fertilizantes, na difusão e melhoramento de equipamentos e máquinas, no emprego de mão-de-obra assalariada, etc. Lênin mostra que a soma desses processos complexos e diversificados é que forma o processo geral de desenvolvimento capitalista na agricultura, processo em todos os casos da mesma natureza, mas que adota formas as mais diversas. Ao examinar cada um desses processos, Lênin não só consegue identificar as diversas formas adotadas

pelo desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos, como também confirma a ação de algumas leis gerais, comuns a todos os países capitalistas.

Em primeiro lugar, confirma que devido às peculiaridades técnicas agricultura, o processo de sua intensificação conduz quase sempre a uma redução da área cultivada da fazenda, e ao mesmo tempo, ao seu engrandecimento como unidade econômica, aumentando sua produção e convertendo-a cada vez mais numa empresa capitalista. Essa intensificação se expressa na maior inversão de capital por unidade de área, através do emprego de vários tipos de insumos; caracteriza-se também pela concentração de sua produção em cultivos altamente comerciais, Este traço é típico, essencial e fundamental da agricultura capitalista, “de modo que uma ‘pequena’ produção (...) resulta ser ‘grande’ pelo montante de capital invertido na terra”. Em função disso, Lênin diferenciava as regiões de capitalismo extensivo daquelas de caráter intensivo, mas acentuava que a tendência do capitalismo na agricultura é a de intensificação, de substituição da economia extensiva pela intensiva, de diminuição de área por estabelecimento, de forma que, numa pequena propriedade se possa formando-a assim numa grande exploração.

Em segundo lugar, confirmou que “os dados relativos ao trabalho assalariado são mais importantes quando se trata do capitalismo na agricultura”. O incremento do emprego da mão-de-obra assalariada, superando o aumento da população rural e o aumento de lavradores é o indicativo mais revelador do crescimento do capitalismo na agricultura, constituindo um processo mais geral de desenvolvimento do capitalismo que supera todas as demais peculiaridades. Quanto mais rápido é o incremento no emprego de mão-de-obra assalariada, mais intenso é o reforçamento do caráter capitalista das explorações agrícolas.

Tais leis, comuns a todos os países capitalistas civilizados da Europa, também caracterizaram o desenvolvimento do capitalismo na agricultura dos Estados Unidos. Será muito útil, pois, para os estudiosos do problema, verificar a ação dessas leis no processo, de evolução do capitalismo na agricultura brasileira, de modo a determinar as formas que essa evolução assume e suas características fundamentais. Sem pretender esgotar o assunto, por si só vasto, limitar-nos-emos a estabelecer algumas comparações com os aspectos destacados por Lênin em sua obra.

Inicialmente ocorre uma diferença nítida. No Brasil ao contrário dos Estados Unidos, não se dá um processo de desagregação dos latifúndios, mas sim uma maior concentração da propriedade fundiária nas mãos de alguns poucos. Há uma intensificação do monopólio da propriedade privada da terra. A enorme extensão de terras públicas — uma similitude com os Estados Unidos — ao contrário do que lá ocorreu, é ocupada fundamentalmente pelos latifúndios pertencentes a ‘grandes empresas monopolistas, numa concorrência desigual com o sistema itinerante de posse. Enquanto os posseiros, em geral, cultivam suas terras por meios antigos e primitivos, os monopólios capitalistas “latifundizados” especulam com a terra, seja mantendo-a na forma natural, seja através da pecuária extensiva ou de projetos de colonização. De uma forma ou de outra, o latifúndio de velho ou de ‘novo tipo cobra do conjunto da sociedade a renda da terra, pouco ou quase nada contribuindo para o desenvolvimento real da agricultura.

Apesar dessas diferenças marcantes, salta aos olhos que a agricultura brasileira é uma agricultura mercantil. Isto é verdadeiro não só quanto às grandes explorações comerciais de latifúndios (cana, café, soja, etc.) como também quanto às pequenas explorações chamadas “de subsistência”, em sua maior parte praticada por pequenos proprietários e por camponeses sem-terra, parceiros e arrendatários-parceiros.

O que dá a aparência de não mercantil a essas pequenas explorações é o fato de o latifundiário apropriar-se tanto do sobreproduto (por meio do pagamento da renda) quanto de parte considerável da produção necessária à própria reprodução da força de trabalho do camponês (por meio da cobrança de juros sobre o capital adiantado ao camponês a título de “fornecimento”, “aviamento”, etc.). Essa produção destina-se ao mercado, no caso não importando que o latifundiário seja o veículo da mercantilização. O camponês, por sua vez, é obrigado a adquirir objetos de consumo que não produz, em parte porque não tem os meios de produção para fabricá-los, nem o tempo necessário, e em parte porque o latifundiário exige que se dedique àqueles produtos “comerciais” que dão bom preço.

Desse modo, para complementar sua produção necessária, desfalcada pela usura do latifundiário, o camponês recorre mais uma vez ao mercado, vendendo sua força de trabalho. A economia mercantil vai forçando, dessa forma, o incremento do emprego da mão-de-obra assalariada e, portanto, o incremento das relações capitalistas, ao mesmo tempo que significa uma enorme elevação no grau de exploração dos pequenos produtores rurais. Ocorre um aumento considerável e excessivo na carga de trabalho, o rebaixamento dos padrões de alimentação, maior endividamento e subordinação do pequeno agricultor, tudo isso exprimindo um longo e penoso processo de arruinamento, deterioração e expropriação.

A utilização dos indicadores de Lênin pára caracterizar a agricultura capitalista é válida para determinar a linha seguida pelo desenvolvimento do capitalismo nesse setor da economia brasileira. Pela pequena amostra de comparação de aspectos da agricultura brasileira atual e suas tendências e a agricultura dos Estados Unidos no início do século, evidencia-se que a via “brasileira” em nada se parece com a via “americana”. Muitos deduzem daí que aqui se dá a via “prussiana”, ou seja, a via de “modernização” dos latifúndios e sua transformação em latifúndios capitalistas. Pode-se admitir que isso ocorra numa certa escala, mas também é verdade que na agricultura brasileira atuam fenômenos desconhecidos pelo processo de transformação da agricultura alemã numa agricultura capitalista. A presença e a ação do capital monopolista é o mais importante deles.

A fase monopolista do capitalismo possui leis próprias, diferentes das leis de evolução do capitalismo concorrencial. Em geral, as últimas negam as primeiras, apesar de representarem um desenvolvimento destas. A ação dessas leis do capital monopolista na agricultura brasileira vem determinando um processo de expansão do capital extremamente complexo e contraditório, que subordina toda a evolução do setor agrícola da economia, e mesmo, de toda a economia brasileira, aos interesses da burguesia monopolista nacional e internacional.

Esta obra de Lênin que ora chega às mãos dos leitores brasileiros não esgota o assunto que examinou com tanta profundidade. Desde que foi escrita, a agricultura dos Estados Unidos experimentou um avanço sem precedentes. Tornou-se, de longe, a maior produtora mundial de alimentos e matérias-primas agrícolas. Sua intensificação, com maciças inversões em adubos, equipamentos, máquinas, sementes selecionadas, defensivos agrícolas, etc., alcançou níveis inigualáveis. Como na indústria, o emprego das máquinas substitui em larga escala a força de trabalho humana, elevando a produtividade a altos níveis, o que permite manter na agricultura somente uma pequena parcela da população economicamente ativa. Por outro lado, o capital monopolista passou a dominar completamente a economia norte-americana, aí incluindo a subordinação do setor agrícola e seu enredamento nos liames do capital financeiro, Surgiram e se desenvolveram enormes cooperativas, cujo papel vai se tornando cada vez maior e que em quase nada se distinguem das grandes corporações monopolistas.

Apesar disso, continua bastante difundida a opinião “popular” de que a agricultura dos Estados Unidos baseia-se fundamentalmente na pequena propriedade que utiliza mão-de-obra familiar. Lênin dedica grande parte da obra à elucidação dessa questão que, para ele, só servia para induzir a erro, fazendo pensar na não existência de trabalho assalariado. Segundo os dados que apresenta, mesmo nos Estados Unidos, onde ocorreu a evolução capitalista mais democrática que se conhece; só uma minoria de 1/5 ou 1/4 do total de agricultores “não contratava operários, não era contratada, nem sofria qualquer outro tipo de sujeição”, enquanto 1/3 do total de farmers era constituído por trabalhadores cuja principal ocupação era a venda de sua força de trabalho, e por parceiros. O importante para Lênin é definir o papel exato do indivíduo na produção, pois de um modo ou de outro os membros da família “trabalham”, sejam como assalariados, parceiros, arrendatários, posseiros, camponeses independentes ou mesmo patrões. A definição concreta da participação de cada indivíduo ou unidade familiar na produção é que pode dar uma idéia real do caráter e evolução da agricultura.

Sem dúvida, a fonte dessa opinião “popular”, que permanece viva ainda hoje, reside na persistência da “pequena propriedade”, encarada superficialmente como “pequena exploração”, e na ampliação do caráter imperialista do capitalismo americano. Em certa medida, ao exportar capitais e subordinar áreas periféricas, onde ainda são bastante acentuadas as sobrevivências de relações de

produção pré-capitalistas, o imperialismo retarda o processo de pleno desenvolvimento capitalista em sua própria agricultura ou, em outras palavras, retarda o aguçamento da luta de classes entre a burguesia e o proletariado, mantendo uma camada de camponeses médios e pequenos à custa da brutal espoliação dos países dependentes. Por isso é um engano pensar que as teses marxistas sobre a tendência principal da agricultura capitalista estejam superadas. Os novos fenômenos surgidos com a passagem do capitalismo à sua fase superior — o imperialismo — vieram embrulhar e tornar ainda mais complexo e longo o processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura, não só nos Estados Unidos como em todo o mundo, mas nada prova que as características apontadas por Lênin como tendência tenham se modificado. Para demonstrá-lo seria necessário, pelo menos, uma nova obra com a envergadura e o caráter científico deste seu trabalho. De qualquer modo, a análise daquelas características, tal como se apresentam na atualidade, já se tornou uma necessidade premente para que o marxismo continue a se desenvolver em consonância com a evolução do mundo.

Wladimir Pomar

## Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos

O país-vanguarda do capitalismo moderno apresenta um interesse muito particular para o estudo do regime econômico e social da agricultura atual e de sua evolução. Os Estados Unidos não possuem concorrente que os iguale, nem pela rapidez de desenvolvimento do capitalismo no final do século XIX e início do século XX, nem pelo nível extremamente elevado já atingido por este desenvolvimento, nem pela imensidão do território sobre o qual se aplica uma técnica que representa a última palavra da ciência e que leva em conta uma potável diversidade de condições naturais e históricas, nem pela liberdade política e o nível cultural da massa da população. Portanto, sob vários aspectos, este país constitui o modelo e ideal de nossa civilização burguesa.

O estudo das formas e das leis de evolução da agricultura nos Estados Unidos é ainda mais facilitado pela realização neste país, a cada dez anos, de um recenseamento da população (“Census”), acompanhado de cadastros notavelmente detalhados de todas as explorações industriais e agrícolas. Obtém-se assim uma documentação de uma precisão e riqueza sem equivalente em nenhum outro país, e que permite verificar toda uma série de afirmações correntes, formuladas em sua maioria de uma forma precipitada do ponto de vista teórico, repetidas sem espírito crítico, e que normalmente difundem as concepções e preconceitos burgueses.

No fascículo de junho de 1913 da revista *Zaviéty* (\**Zaviéty (Os Preceitos), revista legal, mensal, literária e política, de tendência socialista-revolucionária: publicada em Petersburgo de abril de 1912 a julho de 1914*) o Sr. Guimmer citou alguns dados do último recenseamento, o décimo terceiro, realizado em 1910, e se serviu dele para retomar mais uma vez uma afirmação bastante popularizada e profundamente burguesa, tanto por sua base teórica quanto por seu significado político: que “nos Estados Unidos a imensa maioria das propriedades agrícolas é constituída de explorações fundadas no trabalho familiar”; que “nas regiões mais desenvolvidas o capitalismo agrícola se decompõe”; que, “na imensa maioria das localidades do país”, “a pequena agricultura fundada no trabalho familiar estende o campo de sua dominação”; que, precisamente “nas regiões de agricultura mais antiga e mais elevado grau de desenvolvimento econômico”, “a agricultura capitalista se desagrega, a produção torna-se parcelária e se reduz”; que “já não existem regiões onde o processo de colonização não ocorra, e onde a agricultura capitalista não esteja em vias de

decomposição e não esteja sendo substituída pela agricultura baseada no trabalho familiar”, etc., etc.

Todas estas afirmações são monstruosamente falsas e contrárias à realidade. Elas constituem tão-somente uma caricatura da verdade. E vale a pena explicar detalhadamente por que elas são errôneas, quando se tem em conta que o Sr. Guimmer não é o primeiro a fazê-las, nem é o autor fortuito de um artigo fortuitamente publicado numa revista, mas sim um economista renomado que representa a tendência burguesa mais democrática, a mais à esquerda, do pensamento social russo e europeu. Por isto as concepções do Sr. Guimmer tendem a ter — e já têm, em parte, entre as camadas não-proletárias da população — uma penetração e influência particularmente acentuadas. Pois não se trata de concepções pessoais suas, nem de seus erros pessoais, mas sim da expressão — exposta nos termos mais democráticos, adornada por uma fraseologia pseudo-socialista — de concepções comuns a toda a burguesia, a que aderem com muita facilidade, nos marcos da economia capitalista, tanto o professor burocrata que segue caminhos já trilhados, quanto o pequeno agricultor um pouco mais ilustrado que milhões de seus semelhantes.

A teoria da evolução não-capitalista da agricultura na sociedade capitalista, defendida pelo Sr. Guimmer, é de fato a teoria da imensa maioria dos professores burgueses, dos democratas burgueses e dos oportunistas do movimento operário em todo o mundo, que não são mais que uma variante moderna duma mesmos democratas burgueses. Não será exagerado afirmar que tal teoria não passa de uma ilusão, um sonho no qual se embala toda a sociedade burguesa. Ao consagrar a seqüência de minha exposição à refutação desta teoria, procurarei fornecer um quadro completo do capitalismo na agricultura americana, pois um dos erros essenciais dos economistas burgueses consiste em isolar fatos e números, mais ou menos importantes, do contexto geral das relações político-econômicas. Todos os dados citados foram extraídos das estatísticas oficiais dos Estados Unidos da América do Norte; trata-se, em primeiro lugar, dos tornos cinco do 12º e 13º recenseamentos de 1900 e 1910; e, em segundo lugar, do Resumo Estatístico (Statistical Abstract of United States) de 1911. Indicadas as fontes, não mais fornecerei para cada cifra as referências às paginas e números dos quadros: seria fatigante para o leitor e sobrecarregaria o texto sem necessidade, pois as pessoas interessadas encontrarão facilmente os dados correspondentes recorrendo ao índice das publicações mencionadas.

## **01. Característica geral das três regiões principais. O Oeste em processo de colonização e os homesteads \***

*{\*Homestead (Home = lar + stead = lugar), terras doadas ou vendidas a preço simbólico pelo governo norte-americano a colonos no oeste do país. Embora os homesteads fossem concedidos anteriormente, a lei que os regulamentou — “Homesteads Act” — data de 1862, e garantia 160 acres (65 hectares) a cada família. (Nota da edição brasileira.)}*

A gigantesca superfície ocupada pelos Estados Unidos, pouco inferior à da Europa, e a enorme diversidade das condições de exploração reinantes nas diferentes partes do país, obrigam a estudar separadamente as principais regiões, essencialmente heterogêneas por sua situação econômica. Em 1900, as estatísticas americanas dividiam o país em cinco regiões; em 1910, em nove: 1) Nova Inglaterra, isto é, os seis Estados do Nordeste, na costa do oceano Atlântico (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode-Island e Connecticut); 2) Médio Atlântico (Nova York, Nova Jersey e Pensilvânia); em 1900 estas duas regiões formavam juntas o “Atlântico Norte”. 3) Nordeste Central (Ohio, Indiana, Illinois, Michigan e Wisconsin). 4) Noroeste Central (Minnesota, Iowa, Missouri, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Nebraska e Kansas); em 1900, estas duas regiões formavam juntas o “Centro Norte”. 5) Atlântico Sul (Delaware, Maryland, Distrito de Colúmbia, Virgínia e Virgínia Ocidental, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia e Flórida), mesma região que em 1900. 6) Sudeste Central (Kentucky, Tennessee, Alabama e Mississípi). 7) Sudoeste Central (Arkansas, Oklahoma, Louisiana e Texas); estas duas regiões formavam, em 1900,

o “Cejitro Sul”. 8) Montanhas (Montana, Idaho, Wyoming, Colorado, Novo México, Arizona, Utah e Nevada). 9) Pacífico (Washington, Oregon e Califórnia); em 1900, estas duas regiões formavam o “Oeste”.

O número excessivo dessas divisões levou os estatísticos americanos, em 1910, a dividirem o país em três grandes regiões: O Norte (1-4), o Sul (5-7), e o Oeste (8-9). Veremos que esta divisão em três regiões principais é realmente muito importante e essencial, ainda que aí, como em todas as coisas, existam evidentemente tipos intermediários e seja necessário considerar à parte a Nova Inglaterra e o Médio Atlântico quanto a certas questões fundamentais.

Para caracterizar as diferenças essenciais das três regiões principais, podemos denominá-las: o Norte industrial, o antigo Sul escravista, e o Oeste em processo de colonização.

Eis os dados relativos às superfícies, percentual de terras cultivadas e população:

Regiões	Superfície Total em milhões de acres (1)	Porcentagem de terras cultivadas	População (1910) (em milhões)
Norte	588	49%	56
Sul	562	27%	29
Oeste	735	5%	7
Conjunto dos EUA	1903	25%	92

(1) Acre = 0,405 hectares.

O Sul e o Norte possuem aproximadamente a mesma superfície; o Oeste é quase uma vez e meia mais extenso que cada um deles. Mas a população do Norte é oito vezes mais numerosa que a do Oeste. Pode-se afirmar que o Oeste é quase despovoado. Contudo, a rapidez com que se realiza seu povoamento é evidenciada pelo fato de que em dez anos, de 1900 a 1910, a população aumentou em 18% no Norte, 20% no Sul, e 67% no Oeste! No Norte, o número de farms\* {*\*Farm, um trato de terra destinado à produção agrícola, sob uma só direção. O termo mais assemelhado em português seria estabelecimento ou exploração agrícola, em oposição a imóvel. O termo fazenda não é correto, pois as terras ocupadas por uma farm não são necessariamente extensas e nem de propriedade do farmer. Este pode ser arrendatário, parceiro ou proprietário das terras da farm. (Nota da edição brasileira,)*} quase não aumentou: 2.874.000 em 1900 e 2.891.000 em 1910 (+0,6%); no Sul cresceu em 18%, passando de 2,6 a 3,1 milhões; no Oeste cresceu em 54%, isto é, mais de uma vez e meia, passando de 243.000 a 373.000.

A forma sob a qual se realiza a ocupação de terras no Oeste é indicada pelos dados sobre as homesteads (lotes de terra de 160 acres, em sua maioria, ou seja, cerca de 65 decares (\* *Deciare = 1 hectare*), distribuídos pelo governo a título gratuito ou contra um pagamento nominal). Em dez anos, de 1901 a 1910, a superfície das homesteads ocupadas elevou-se, no Norte, a 55,3 milhões de acres (dos quais, 54,3 milhões, ou seja, mais de 98%, em uma única região, a saber, o Noroeste Central); no Sul, a 20,0 milhões de acres (dos quais 17,3 milhões em uma única região: o Sudoeste Central); e no Oeste a 55,3 milhões de acres, nas duas regiões que o compõem. O que significa que o Oeste é, essencialmente, uma região de homesteads, ou seja, uma região de distribuição gratuita & terras não-ocupadas; o que recorda o direito de exploração do solo pelo primeiro ocupante, tal como ele é praticado nas regiões periféricas afastadas da Rússia, com a diferença de que ele não é regulamentado por um Estado feudal, mas de uma forma democrática (eu deveria dizer: populista; a república americana colocou em prática, à maneira capitalista, a idéia “populista” da distribuição de terras não-ocupadas a todos que as desejem). Quanto ao Norte e ao Sul, o que existe, nos dois casos, é uma única região de homesteads, que constitui uma espécie de tipo intermediário entre o Oeste despovoado e o Sul e Norte povoados. Notemos, a propósito, que apenas em duas regiões do Norte não foi concedida nenhuma homestead durante o último decênio: a Nova Inglaterra e o Médio Atlântico. Voltaremos mais adiante a estas duas regiões, as mais industriais, e onde o processo de colonização já cessou completamente.

As cifras que citamos sobre as homesteads ocupadas referem-se aos pedidos de inscrição, e não a lotes definitivamente ocupados; sobre estes últimos, não dispomos de dados por região. Contudo, ainda que os números citados estejam superestimados em seu valor absoluto, eles refletem com exatidão, qualquer que seja a situação, a relação entre as regiões. No Norte existiam, em 1910, 414 milhões de acres ocupados por farms, de sorte que as homesteads declaradas durante estes últimos dez anos representavam aí aproximadamente 1/8 da superfície total, cerca de 1/17 (20/354) no Sul, a metade (55/111) no Oeste! E óbvio que considerar em bloco os dados relativos a, de um lado, regiões onde praticamente ainda não existe propriedade da terra, e, de outro, regiões onde todas as terras estão ocupadas, constituiria uma caricatura dos métodos científicos de investigação.

A América confirma, com evidência particular, a verdade ressaltada por Marx no livro III do Capital\* (\* *Karl Marx, O Capital t. III, 1955, edição russa. págs. 627-652.*), a saber, que o capitalismo na agricultura não depende das formas de propriedade e usufruto da terra. O capital encontra as mais diversas formas de propriedade medieval e patriarcal da terra: a propriedade feudal, a “campesina de nadiel” (isto é, a propriedade de camponeses dependentes), a de clã, a comunal, a estatal, etc. O capital faz pesar seu jugo sobre todas estas formas de propriedade fundiária empregando uma variedade de meios e métodos. Para que a estatística agrícola fosse feita de forma inteligente e sensata, seria preciso modificar seus métodos de investigação, seus modos de tabulação, classificação, etc., em função das formas de penetração do capitalismo na agricultura, colocando as homesteads, por exemplo, numa categoria à parte, e acompanhando seu destino econômico. Infelizmente, a rotina, a repetição estereotipada e sem sentido dos mesmos métodos predomina com muita frequência na estatística.

Para verificar em que medida a agricultura do Leste é extensiva em relação a outras regiões, basta citar as cifras relativas ao montante das despesas com adubos artificiais. Em 1909, para um acre de terra cultivada, estas despesas se elevavam no Norte a 13 cents (0,13 dólar), no Sul a 50 cents, e no Oeste a apenas 6 cents. A superioridade do Sul explica-se pelo fato de a cultura do algodão exigir grande quantidade de adubo e ocupar aí um lugar proeminente: o algodão e o tabaco representam 46,8% do valor de todos os produtos agrícolas; os cereais, 29,3% apenas; o feno e as forragens, 5,1%. No Norte, ao contrário, os cereais ocupam o 1º lugar com 62,6%, e logo após vêm o feno e as forragens com 18,8%, predominando as forragens artificiais. No Oeste, os cereais representam, em valor, 33,1% de todos os produtos agrícolas; o feno e as pastagens, 31,7%, sendo que as pastagens naturais predominam sobre as forragens artificiais. As frutas representam 13,5%; elas constituem um ramo particular da agricultura mercantil, que se desenvolve com rapidez nas costas do Oceano Pacífico.

## 2. O Norte industrial

No Norte, a população urbana atingia, em 1910, a percentagem de 58,6% contra 22,5% no Sul e 48,8% no Oeste. O papel da indústria revela-se nos seguintes dados:

Valor dos produtos (em milhares de dólares)

<b>Regiões</b>	<b>Da Agricultura</b>	<b>Da Pecuária</b>	<b>Total</b>	<b>Da Indústria, deduzido o valor das matérias primas</b>	<b>Número de Operários na Indústria (em milhões)</b>
Norte	3,1	2,1	5,2	6,9	5,2
Sul	1,9	0,7	2,6	1,1	1,1
Oeste	0,5	0,3	0,8	0,5	0,3
Conjunto dos EUA	5,5	3,1	8,6	8,5	6,6



O valor total dos produtos agrícolas está aqui superestimado, pois certos produtos da agricultura, como a forragem do gado, são computados uma segunda vez no valor dos produtos da pecuária. Mas, de qualquer forma, chega-se à conclusão incontestável de que cerca de 5/6 da indústria americana está concentrada no Norte, e que nesta região a indústria predomina sobre a agricultura. O Sul e o Oeste, ao contrário, possuem um caráter essencialmente agrícola.

Como revelam as cifras citadas, o Norte distingue-se do Sul e do Oeste por um desenvolvimento industrial bem mais acentuado, que criou um mercado para a agricultura e determina uma intensificação desta última. Mas o Norte “industrial”— tomando esta palavra na acepção indicada — não deixa de ser também o principal produtor de produtos agrícolas. Mais da metade de toda a produção, aproximadamente 3/5, está aí concentrada. É possível verificar como a agricultura é mais intensiva no Norte que nas outras regiões a partir das seguintes cifras, referentes ao valor do conjunto dos bens agrícolas – terras, construções, instrumentos e máquinas, gado – por acre de terra: do Norte, em 1910, este valor se elevava a 66 dólares contra 25 no sul e 41 no Oeste. Em particular o valor dos instrumentos e das máquinas por acre de terra era de 2,06 dólares do Norte, 0,83 no sul e 1, 04 no Oeste.

Deve-se considerar à parte, sob este aspecto, as regiões da Nova Inglaterra e do Médio Atlântico. Como dissemos, aí não existe colonização. De 1900 a 1910, o número de farms diminuiu em termos absolutos, bem como a superfície cultivada e a superfície total ocupada por elas. Segundo as estatísticas de emprego, somente 10% da população está ocupada na agricultura, contra 33% em média para o conjunto dos Estados Unidos, 25 a 41% nas outras regiões do Norte, e 51 a 63% no Sul. A cultura de cereais ocupa apenas de 6 a 25% da terra cultivada (média para os Estados Unidos: 40%, para o Norte: 46%); as forragens (na maioria artificiais), 29 a 52% (contra 15 e 18%); os legumes, de 3,8 a 4,6% (contra 1,5% e 1,5%). Esta é a região onde a cultura é mais intensiva. A despesa média com adubos, por acre de terra cultivada, elevava-se, em 1909, a 1,30 e 0,62 dólares; o primeiro número representa a despesa máxima, o segundo só é superado por uma única região do Sul. O valor médio dos instrumentos e máquinas por acre de terra cultivada é de 2,58 e 3,88 dólares, cifras máximas para os Estados Unidos. No curso de nossa exposição, veremos que estas regiões mais industrializadas do Norte industrial, que se distinguem pela agricultura mais intensiva, distinguem-se igualmente pelo caráter mais capitalista da agricultura.

### **3. O antigo Sul escravista**

Os Estados Unidos, escreve o Sr. Guimner, “nunca conheceram o feudalismo e ignoram suas sobrevivências econômicas” (p. 41 do artigo mencionado). Afirmção absolutamente contrária à verdade, pois as sobrevivências econômicas do escravismo não se distinguem em nada das do feudalismo, e são ainda mais fortes, até o presente, no antigo Sul escravista dos Estados Unidos. Não valeria a pena deter-se no erro do Sr. Guimner se fosse possível considerá-lo como um mero erro de um artigo escrito às pressas. Mas a literatura liberal e a literatura populista da Rússia provam que, no tocante ao sistema russo de pagamento em trabalho (nossa sobrevivência do feudalismo), comete-se sistematicamente um “erro” absolutamente idêntico e com uma extraordinária persistência.

O Sul dos Estados Unidos foi escravista até que a guerra civil de 1861 – 1865 extinguisse a escravidão. Até o presente, o número de negros, que não ultrapassa 0,7 a 2,2% da população das regiões Norte e Oeste, representa no Sul 22,6 a 33,7% do total da população. A proporção de negros é de 10,7% para o conjunto dos Estados Unidos. É inútil falar da situação degradante a que são submetidos: sob este aspecto, a burguesia americana não é melhor que a de outros países. Após haver “libertado” os negros, ela se esforçou, com base no capitalismo “livre” e republicano-democrático, por restabelecer tudo o que fosse possível ser restabelecido, por fazer o possível e o impossível para oprimir os negros da maneira mais descarada e vil. Para caracterizar seu nível cultural, basta mencionar um pequeno fato estatístico. Enquanto o número de analfabetos entre a população branca dos Estados Unidos (com idade acima de 10 anos) elevava-se, em 1900, a 6,2%

da população, para os negros esta percentagem era de 44%!! Superior em mais de sete vezes!! No Norte e no Oeste, existiam 4 a 6% de analfabetos (em 1900); no Sul, 22,9 a 23,9%!! É fácil imaginar o complexo de relações jurídicas e sociais correspondente a este vergonhoso fato pertencente ao domínio da instrução pública.

Sobre que base econômica cresceu e repousa esta simpática “superestrutura”?

Sobre uma base tipicamente russa, cem por cento russa, a do sistema de pagamento em trabalho ou, mais precisamente, da parceria.

O número de farms pertencente aos negros alcançava, em 1910, 920.883, ou seja, 14,5% do total. Do número total de farmers, 37% eram arrendatários e 61,1% proprietários; os 0,9% das farms restantes estavam em mãos de administradores. Entre os brancos, a percentagem de arrendatários é 39,2%, enquanto entre os negros ela é de 75,3%! Na América, o farmer branco típico é aquele que é dono de sua terra e o farmer negro típico é o arrendatário. No Oeste, a percentagem de arrendatários não ultrapassa 14%: é a região de colonização, a região das terras novas, livres, o Eldorado (um Eldorado efêmero e frágil) do pequeno “agricultor independente”. No Norte, a percentagem de arrendatários é de 26,5%; no Sul, de 49,6%! A metade dos farmers do Sul são arrendatários.

Mas isto não é tudo. Não tratamos aqui de arrendatários no sentido europeu, civilizado, capitalista e moderno da palavra. Estamos, sobretudo na presença de parceiros ou de uma espécie de semi-escravos, o que é a mesma coisa do ponto de vista econômico. No Oeste “livre”, os parceiros constituem minoria entre os arrendatários (25.000 em 53.000). No velho Norte, há muito povoado, em 766.000 arrendatários, 483.000 são parceiros, ou seja, 63%. No Sul, em 1.537.000 arrendatários, é possível enumerar 1.021.000 parceiros, isto é, 66%.

Na América livre, republicana e democrática, existiam, em 1910, 1 milhão e o número de parceiros em relação ao número total de farmers não se reduz, mas aumenta continuamente e com rapidez. Em 1880, seu percentual em relação ao número total de farmers dos Estados Unidos era de 17,5%; em 1890, de 18,4%; em 1900, de 22,2%; e em 1910, de 24,0%.

“No Sul”, as conclusões dos estatísticos americanos sobre o recenseamento de 1910, “as condições foram sempre um pouco diversas daquelas do Norte, e muitas das farms de arrendatários fazem parte de plantações com importantes dimensões que datam de antes da guerra civil”. No Sul, “o sistema de exploração por meio dos arrendatários, sobretudo negros, substituiu o sistema de exploração através do trabalho de escravos”, “O desenvolvimento do sistema de arrendamento é particularmente acentuado no Sul, onde as grandes plantações, outrora cultivadas pelos escravos, foram muitas vezes divididas em pequenos lotes (parcelas), e alugadas a arrendatários. . . De fato, em muitos casos, estas plantações ainda são cultivadas como unidades agrícolas, pois os arrendatários são submetidos, até certo ponto, a uma vigilância que recorda mais ou menos aquela a que são submetidos os operários nas farms do Norte” (op. cit., V, 102-104).

Para caracterizar o Sul, é preciso acrescentar ainda que sua população o abandona para dirigir-se a outras regiões capitalistas e às cidades, da mesma forma que, na Rússia, o campesinato foge das províncias agrícolas do Centro, as mais atrasadas e onde as sobrevivências da servidão são ainda muito fortes, foge do poder dos Valiai-Markov, para atingir as regiões mais capitalistas da Rússia, as capitais, as províncias industriais e o Sul (Ver O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia\* - Ver: V- Lênin, Oeuvres, tomo 3, capítulo VIII: “La formation de marché intérieur de la main-d’oeuvre”. (Nota da edição francesa.)) Tanto na América quanto na Rússia, a região onde predomina a parceria é a que apresenta um maior atraso, a maior degradação, a maior opressão das massas trabalhadoras. Os imigrantes que vêm para a América, e que desempenham um papel tão importante na economia do país e em toda a sua vida social, evitam o Sul- Em 1910, a percentagem da população dos Estados Unidos nascida fora do país era de 14,5%. Mas no Sul esta percentagem era de apenas 1 a 4%, conforme a região, enquanto nas outras regiões do país nunca existiam menos de 13,9% e até 27,7% de imigrantes (Nova Inglaterra). O isolamento, a falta de cultura, a falta de ar fresco, uma espécie de prisão para os negros “libertados”: tal é o Sul americano. A maior sedentariedade da população, o maior “apego à terra”: excetuando-se a região onde existe uma importante colonização (o Sudoeste Central), pode-se constatar que, nas duas outras regiões do Sul, 90-91% dos habitantes nasceram na própria região em que vivem, enquanto para o conjunto da

América esta percentagem é de 72,6%, ou seja, a mobilidade da população é muito maior. E no Oeste, que é essencialmente uma região de colonização, apenas 35 a 41% dos habitantes nasceram na mesma região em que vivem.

Os negros fogem das duas regiões do Sul onde não existe colonização: no curso dos dez anos que separam os dois últimos recenseamentos, estas duas regiões forneceram aos outros setores do país cerca de 600.000 pessoas “negras”. Os negros fogem, sobretudo para as cidades: no Sul, 77 a 80% dos negros vive no campo; nas outras regiões, apenas 8 a 32%. A semelhança da situação dos negros na América e dos camponeses ex servos de latifundiários” na Rússia agrícola do Centro é verdadeiramente surpreendente.

#### 4. Dimensão média das Farms. A “decomposição do capitalismo”

Após termos examinado os principais traços distintivos das três grandes regiões dos Estados Unidos e o caráter geral das condições econômicas, podemos passar à análise dos dados utilizados habitualmente. Trata-se, de início, de dados sobre a dimensão média das farms, a partir dos quais vários economistas, incluindo o Sr. Guimmer, tiram as mais categóricas conclusões.

Dimensão média das farms nos Estados Unidos

Anos	Superfície Total (em acres)	Superfície cultivada (em acres)
1850	202,6	78,0
1860	199,2	79,8
1870	153,3	71,0
1880	133,7	71,0
1890	136,5	78,3
1900	146,2	72,3
1910	138,1	75,2

Logo de início é possível constatar uma redução da média relativa à superfície total, e variações indeterminadas’ — ora uma redução, ora um acréscimo no tocante à média da superfície cultivada. Mas o período 1860-1870 estabelece uma nítida demarcação; assim, nós o separamos com um traço. É no curso deste período que se observa uma enorme redução — de 46 acres (199,2-153,3) — na superfície média total das explorações, e a maior modificação (79,8-71,0), também no sentido de uma redução, da superfície média cultivada.

Qual é a causa desta ocorrência? Aparentemente, a guerra civil de 1861-1865 e a abolição da escravidão. Um golpe decisivo foi aplicado nos grandes domínios escravistas. Logo veremos numerosas confirmações deste fato, de texto tão conhecido que é espantoso que seja necessário confirmá-lo. Fazamos uma distinção entre os dados referentes ao Sul e ao Norte, respectivamente.

Dimensão média das farms em acres

Anos	No sul		No Norte	
	Superfície Média Total	Superfície média cultivada	Superfície média total	Superfície média cultivada
1850	332,1	101,1	127,1	65,4
1860	335,4	101,3	126,4	68,3
1870	214,2	69,2	117,0	69,2
1880	153,4	56,2	114,9	76,6
1890	139,7	58,8	123,7	87,8
1900	138,2	48,1	132,2	90,9
1910	114,4	48,6	143,0	100,3

Verificamos que a superfície média cultivada por farm diminuiu consideravelmente no Sul durante o período 1860-1870 (101,3-69,2), e que aumentou um pouco no Norte (68,3-69,2). Portanto, o que está em causa são precisamente as condições de evolução do Sul. Mesmo após a abolição da escravidão, ainda observamos aí uma redução progressiva, ainda que lenta e descontínua, da extensão média das farms.

“A agricultura fundada no trabalho familiar estende aqui o campo de sua dominação”, conclui Guimmet, “e o capital abandona a agricultura por outros campos de aplicação” (. . .). “A decomposição extremamente rápida do capitalismo agrário nos Estados do Atlântico-Sul”.

Eis uma bizarrice que talvez só possa ser equiparada aos argumentos de nossos populistas sobre a “decomposição do capitalismo” na Rússia depois de 1861, depois que os grandes proprietários fundiários substituíram a corvéia pelo pagamento em trabalho (isto é, por semicorvéias!). A desagregação dos latifúndios escravistas é qualificada como “decomposição do capitalismo”. A transformação da terra não-cultivada dos ex-proprietários de escravos em pequenas farms exploradas pelos negros, dos quais a metade é formada de parceiros (recordemos que a percentagem de parceiros aumenta constantemente entre um e outro recenseamento!), é qualificada de “decomposição do capitalismo”. Não é possível ir mais longe na desfiguração das concepções fundamentais da ciência econômica!

No capítulo 12 do texto explicativo que acompanha o recenseamento de 1910, os estatísticos americanos fornecem detalhes sobre as plantations típicas do Sul, tais como elas se apresentam em nossos dias e não nos tempos da escravidão. Nas 39.073 plantações, existem 39.073 landlords farms (“fazendas do Senhor”), e 398.905 explorações de arrendatários. O que corresponde, em média, a 10 arrendatários por “latifundiário” ou “landlord”. A extensão média de uma plantação é de 724 acres, dos quais apenas 405 são cultivados: mais de 300 acres por plantação não são cultivados; não é uma reserva modesta para que os senhores escravistas de ontem possam ampliar seus planos de exploração amanhã.

A distribuição da terra de uma plantação média é a seguinte: a “farm do grande proprietário ou senhor” estende-se por 331 acres, dos quais 87 são cultivados. As farms dos “arrendatários”, ou seja, os lotes dos parceiros negros, que trabalham como antes para o lord e sob sua vigilância, possuem em média 38 acres de terra, dos quais 31 são cultivados.

Os antigos proprietários de escravos do Sul, que possuem imensos latifúndios onde mais de 9/10 da terra permanece inculca até o presente, começam gradativamente, à medida que cresce a população e a demanda de algodão, a vender estas terras aos negros, ou mesmo, o que é mais freqüente, a distribuídas em pequenas parcelas em troca da metade da colheita. (De 1900 a 1910, o número dos farmers detentores da propriedade integral de toda a sua terra passou de 1.237.000 a 1.329.000, ou seja, um aumento de 7,5%, enquanto o número de parceiros passou de 772.000 a 1.021.000, ou seja, um aumento de 32,2%.) E ainda encontramos um economista para qualificar este fenômeno como “decomposição do capitalismo”.

Classificaremos como latifúndios as farms que contam com 1.000 acres e mais de terra. Em 1910, sua percentagem nos Estados Unidos era de apenas 0,8% (50.135 farms), e elas ocupavam 167,1 milhões de acres, ou seja, 19% da superfície total, representando uma média de 1332 acres por latifúndio. A percentagem das terras cultivadas nos latifúndios é de apenas 18,7%, enquanto que para o conjunto das explorações agrícolas ela é de 54,4% - Precisemos que é o Norte capitalista que conta com o menor número de latifúndios: 0,5% do número total das farms, com 6,9% da superfície total e com a proporção de terra cultivada elevando-se a 41,1%. É no Oeste que o número dos latifúndios é mais elevado: 3,9% do número total de farms, com 48,3% da superfície total; aí, a percentagem de terra cultivada é de 32,3%. A mais elevada percentagem de terra não cultivada é encontrada nos latifúndios do antigo Sul escravista, que representam 0,7% do número total de farms e ocupam 23,9% da superfície total; apenas 8,5% das terras são cultivadas nestes latifúndios!! Assinale-se que estes dados detalhados mostram, com muita clareza, a que ponto é injustificado classificar os latifúndios dentro da economia capitalista, como se faz com freqüência, sem a preocupação em analisar, de forma especial, os dados concretos relativos a cada país e a cada região.

Em dez anos, de 1900 a 1910, foi justamente nos latifúndios, e unicamente neles, que a quantidade total de terra diminuiu. E numa proporção importante: passa-se de 197,8 a 167,1 milhões de acres, ou seja, o decréscimo é de 30,7 milhões de acres. No Sul ele é de 31,8 milhões de acres (no Norte, registra-se um aumento de 2,3 milhões, e no Oeste, um decréscimo de 1,2 milhões). Conseqüentemente, foi justamente o Sul, e apenas o Sul escravista, onde a terra só é cultivada numa proporção mínima (8,5%), que se caracterizou por um gigantesco processo de desmembramento de seus grandes domínios.

De tudo isso resulta, inevitavelmente, que a única definição precisa do processo econômico em curso deve ser a seguinte: passagem dos latifúndios escravistas, incultos em 9/10, à pequena agricultura mercantil Não agricultura “fundada no trabalho familiar” — como gostam de afirmar o Sr. Guimmar, os populistas e todos os economistas burgueses, que entoam hinos baratos em glorificação do “trabalho” —, mas à agricultura mercantil. A expressão “fundada no trabalho familiar” não possui qualquer sentido político-econômico, e induz indiretamente ao erro. Ela carece de sentido porque, em cada uma das formas sociais que a economia pode assumir, o pequeno agricultor trabalha”, seja a época em que ele vive caracterizada, pela escravidão, servidão ou capitalismo. A expressão “fundada no trabalho familiar” é um termo vago, uma frase declamatória de qualquer conteúdo, que contribui para confundir as mais diversas formas sociais da economia, beneficiando apenas a burguesia. Esta expressão induz ao erro, ilude o público, levando-o a acreditar na não-existência de trabalho assalariado.

Como todos os economistas burgueses, o Sr. Guimmar deixa de falar justamente nos dados relativos ao trabalho assalariado, quando eles são de importância fundamental no tocante ao capitalismo na agricultura e quando são fornecidos não apenas pelo recenseamento de 1900, mas também pelo “boletim” do recenseamento de 1910 (Abstract-Farm Crops, by states \*) { \* *Dados obtidos de uma sondagem, feita pelo Estado, sobre a colheita das propriedades agrícolas. (Nota da edição francesa.)* }, citado pelo Sr. Guimmar (p. 49 de seu artigo, nota).

Que o desenvolvimento da agricultura no Sul corresponde precisamente ao da agricultura mercantil e o que demonstra o caráter do principal produto do Sul, o algodão O conjunto dos cereais panificáveis representa, em valor, 29,3% da colheita total de cereais no Sul; o feno e as plantas forrageiras, 5,1%, e o algodão, 42,7%. De 1870 a 1910, a produção de lã no Estados Unidos passou de 162 milhões de libras a 321 milhões, ou seja, a produção dobrou; o trigo passou de 236 milhões de bushels \* { \* *Bushels, medida de capacidade para cereais que nos Estados Unidos corresponde a 35,238 litros; na Inglaterra, 36,367 litros. (Nota da edição brasileira.)* } a 635, o que corresponde a um acréscimo de pouco menos do triplo; o milho, de 1.094 milhões de bushels a 2.886 milhões, correspondendo também a um acréscimo de pouco menos do triplo; a produção de algodão passou de 4 milhões de fardos (de 500 libras) a 12 milhões, isto é, triplicou. O desenvolvimento do produto agrícola mercantil por excelência superou o dos outros produtos, menos mercantis. Além disto, na principal região do Sul, o “Atlântico-Sul”, desenvolveu-se uma produção de tabaco de grande importância (12,1% do valor global da colheita do Estado da Virgínia), de legumes (20,1% do valor global da colheita do Estado de Delaware, 23% da do Estado da Flórida), de frutas (21,3% do valor global da colheita do Estado da Flórida), etc. São todas culturas correspondentes a uma intensificação da agricultura, a um crescimento do volume econômico da exploração paralelamente a uma redução da superfície cultivada e a uma utilização crescente do trabalho assalariado.

Passaremos agora ao exame detalhado dos dados sobre o trabalho assalariado; por hora nos limitaremos a assinalar que, se o Sul, neste aspecto, apresenta um atraso em relação às outras regiões (no Sul, o emprego de mão-de-obra assalariada é menos detectável, pois o sistema semi-escravista da parceria é mais desenvolvido), nele o emprego da mão-de-obra assalariada se desenvolve da mesma forma.

## 5 - O caráter capitalista da agricultura

É comum inferir-se a penetração do capitalismo na agricultura a partir de dados sobre a extensão das farms ou sobre o número e a importância das grandes farms (grandes segundo a sua superfície). Já examinamos alguns destes dados e ainda examinaremos outros, mas devemos ressaltar que eles são todos de ordem indireta, pois a superfície está longe de indicar sempre e de uma forma direta a grandeza efetiva da exploração e seu caráter capitalista.

Sob este aspecto, os dados relativos ao trabalho assalariado provam e convencem infinitamente mais. Os recenseamentos agrícolas dos últimos anos, como o recenseamento austríaco de 1902 e o alemão de 1907, que analisaremos em outra oportunidade, demonstraram que o emprego de mão de obra assalariada na agricultura moderna — e, em particular, nas pequenas explorações agrícolas — é bem mais importante do que geralmente se crê. Nada refuta tão categoricamente e com maior clareza que estes dados a fábula pequeno-burguesa da pequena agricultura “fundada no trabalho familiar”.

A estatística americana reuniu uma abundante documentação sobre este ponto: o formulário individual enviado a cada farmer pergunta se ele consagra uma certa soma ao pagamento de operários assalariados e, em caso de resposta afirmativa, qual a quantia exata. Ao contrário da estatística européia, como a dos dois países a que nos referimos, a estatística americana não registra o número de assalariados empregados no momento do recenseamento por cada explorador, embora isto fosse facilmente determinável e seu alcance científico — complementando os dados relativos aos gastos relativos com a mão-de-obra assalariada — fosse muito grande. Mas o pior é a interpretação absolutamente incorreta destes dados no recenseamento de 1910 — no geral, infinitamente mais mal concebido que o de 1900. O recenseamento de 1910 dividiu todas as farms em grupos, de acordo com as suas superfícies (como em 1900); mas, ao contrário de 1900, os dados sobre o emprego de mão-de-obra assalariada não estão indicados tomando-se como referência estes grupos. Portanto, não temos condições de comparar as grandes e pequenas explorações (quanto à superfície) no tocante à utilização de trabalho assalariado. Disponemos tão-somente das médias por Fado e por região, ou seja, dados que confundem as explorações ‘capitalistas e não-capitalistas.

Mais adiante examinaremos ‘a parte os dados para 1900, que estão melhor interpretados; vejamos, agora os dados relativos ao ano de 1910. Para sermos mais precisos, as cifras referem-se aos anos de 1899 e 1909.

Regiões	Porcentagem de farms que empregam operários	Crescimento dos gastos com a mão de obra	Gastos com a mão de obra por acre de terra cultivada (em dólares)	
	1909	1899-1909	1909	1899
Norte	55,1	+ 70,8	1,26	0,82
Sul	36,6	+ 87,1	1,07	0,69
Oeste	52,5	+119,0	3,25	2,07
Conjunto dos EUA	45,9	+82,3	1,36	0,86

Antes de mais nada, tais dados demonstram de forma irrefutável que é no Norte que a agricultura acusa o caráter mais capitalista (aí, 55,1% das farms recorrem ao trabalho assalariado), depois no Oeste (52,5%); é no Sul que esta característica é menos marcante (36,6%). E esta é a diferença que deve existir normalmente entre uma região populosa e industrial, uma região de colonização e uma região de agricultura parcelária. Decorre daí que os dados sobre o percentual das farms que recorrem ao trabalho assalariado permitem mais facilmente uma comparação exata entre regiões do que aqueles referentes aos gastos de mão-de-obra por acre de terra cultivada. Para que fosse possível comparar os dados desta esfera, seria necessário que o nível dos salários fosse idêntico nas diferentes regiões. Não possuímos dados sobre os salários agrícolas nos Estados Unidos, mas, conforme o que sabemos sobre as diferenças fundamentais existentes entre as regiões, é pouco provável que exista esta identidade de salários.

Assim, no Norte e no Oeste, as duas regiões que concentram 2/3 do total da terra cultivada e 2/3 de todo o gado, mais da metade dos farmers não pode prescindir do trabalho assalariado. No Sul esta proporção só é menor porque a exploração semifeudal (e também semi-escravista), sob a forma de parceria, é ainda bem acentuada. Sem dúvida, uma parte dos farmers menos favorecidos são forçados — na América como em todos os outros países capitalistas do mundo — a vender sua força de trabalho. Infelizmente, a estatística americana não fornece nenhum dado a este respeito; ao contrário, por exemplo, da estatística alemã de 1907, onde os dados foram reunidos e interpretados de uma forma bastante extensa. De acordo com os dados alemães, de um total de 5.736.082 proprietários de empresas agrícolas (cifra global, compreendendo até os menores agricultores), 1.940.867, ou seja, mais de 30%, são, por sua ocupação principal, operários assalariados. Esclarecendo: a grande massa dos operários agrícolas e dos diaristas possuidores de um pedaço de terra faz parte dos grupos inferiores de agricultores.

Admitamos que nos Estados Unidos, onde as farms menores (até 3 acres) normalmente não são registradas, apenas 10% dos proprietários sejam forçados a vender sua força de trabalho. Mesmo neste caso, chegamos à conclusão de que os farmers diretamente explorados pelos grandes proprietários fundiários e pelos capitalistas representam mais de 1/3 do total (24% são parceiros, isto é, explorados de um modo feudal ou semifeudal pelos antigos proprietários de escravos; e 10% são explorados pelos capitalistas, o que nos dá um total de 34%). Com relação ao número total de farmers, existe apenas uma minoria, quando muito de um quinto ou de um quarto, que não contratam operários, não se empregam como operários, - ou se submetem a uma outra forma de servidão.

Tal é a situação real no país do capitalismo “exemplar e de vanguarda no país onde milhões de decares de terra são distribuídos gratuitamente. Também lá a famosa pequena agricultura não-capitalista, “fundada no trabalho familiar”, é apenas um mito.

Qual é o número de operários assalariados na agricultura da América? Este número tem aumentado ou diminuído em relação ao número de farmers e ao conjunto da população agrícola?

Infelizmente, a estatística americana não responde diretamente a questões tão importantes. Busquemos uma resposta aproximativa.

Inicialmente, podemos encontrar uma resposta nas cifras das estatísticas sobre emprego (tomo IV do recenseamento) - Estatística mal-feita; elaborada de uma forma burocrática, rotineira e absurda, ela não fornece qualquer informação sobre a situação profissional do indivíduo; ou seja, ela não distingue o patrão, o trabalhador membro da família e o operário assalariado - Ao invés de uma divisão econômica precisa, contentou-se em empregar uma terminologia “popular”, reunindo sob a rubrica “trabalhadores rurais” os membros da família do farmer e os trabalhadores assalariados. Como se sabe, a estatística americana não é a única em que reina o mais completo caos nesta questão.

O recenseamento de 1910 tenta colocar um pouco de ordem neste caos, corrigir os erros flagrantes e separar pelo menos uma parcela dos trabalhadores assalariados (working out)\* dos trabalhadores familiares (working on the home farm)\*. (\* Em Inglês no original. (Nota da edição brasileira.) Após uma série de cálculos, os estatísticos introduzem uma correção no número total de pessoas empregadas na agricultura, que eles reduzem de 468.100 pessoas (tomo IV, p. 27). Em seguida, o número de mulheres empregadas como operárias assalariadas é avaliado em 220.048 em 1900 e em 337.522 em 1910 (crescimento de 53%). O número de homens empregados como assalariados era de 2.299.444 em 1910. Se se admite que em 1900 existia a mesma percentagem de assalariados agrícolas em relação ao número total de trabalhadores das farms que em 1910, o número de homens empregados em 1900 como operários assalariados poderá ser estimado em 1.798.165. Assim, obteremos o seguinte quadro:

	<b>1900</b>	<b>1910</b>	<b>Crescimento (%)</b>
<b>Total de pessoas empregadas na agricultura</b>	10.381.765	12.099.825	+16%

<b>Número de farmers</b>	5.674.875	5.981.522	+5%
<b>Número de operários assalariados</b>	2.018.213	2.566.966	+ 27%

Isto significa que a percentagem de acréscimo é mais de cinco vezes mais elevada (27% contra 5%) para o número de operários assalariados relativamente ao total de farmers. À proporção de farmers em relação ao conjunto da população agrícola - decresceu, a dos operários assalariados aumentou. O número e de agricultores independentes em relação ao conjunto da população agrícola decresceu; o número dos dependentes, dos explorados aumentou.

Em 1907, foram arrolados na Alemanha 4,5 milhões de operários assalariados na agricultura, sobre um total de 15 milhões de operários familiares e assalariados; ou seja, 30% de operários assalariados. Na América, após o cálculo aproximativo feito acima, pode-se supor a existência de 2,5 milhões de assalariados sobre um total de 12 milhões, ou seja, 21%. É possível que a existência de terras livres distribuídas gratuitamente, bem como a enorme proporção de parceiros, reduza a percentagem de operários assalariados na América.

Uma segunda resposta aproximativa pode ser fornecida também pelas cifras referentes aos gastos com mão-de-obra assalariada em 1899 e 1909. Durante este período, o número de operários assalariados na indústria aumentou em 40%, passando de 4,7 para 6,6 milhões, e seus salários cresceram em 70%, passando de 2.008 a 3.427 milhões de dólares. (É preciso não esquecer que a alta de preços dos produtos alimentícios, etc. reduziu a nada o crescimento nominal dos salários.)

A partir de uma análise destes dados pode-se supor que, a um acréscimo de 82% nos gastos de contratação de operários agrícolas, corresponde um acréscimo de cerca de 48% no número de operários assalariados. Fazendo-se uma suposição análoga para as três regiões principais, obtemos o seguinte quadro:

#### Percentual de crescimento de 1900 a 1910

<b>Regiões</b>	<b>Do Conjunto da População Rural</b>	<b>Do Número de Farms</b>	<b>Do número de operários assalariados</b>
Norte	+ 3,9%	+0,6%	+40%
Sul	+14,8%	+18,2%	+50%
Oeste	+49,7%	+53,7%	+66%
Conjunto dos EUA	+11,2%	+10,9%	+48%

Por outro lado, estes dados mostram que o crescimento do número de agricultores para o conjunto do país acha-se em atraso com relação ao crescimento da população rural; e que o crescimento do número de trabalhadores assalariados ultrapassa da população rural. Em outras palavras: a proporção dos independentes diminui, a proporção dos dependentes aumenta.

Notemos que a enorme diferença constatada no crescimento dos operários assalariados, entre o primeiro cálculo (+27%) e o segundo (+48%). é perfeitamente plausível, pois, no primeiro caso, só foram computados os operários assalariados profissionais, enquanto no segundo levaram-se em conta todos os casos de emprego de mão-de-obra assalariada. Na agricultura, o emprego temporário de mão de obra assalariada possui uma enorme importância. Seria necessário também, criar o hábito de não se limitar apenas à determinação do número de operários assalariados, temporários e permanentes. mas determinar, além disso, na medida do possível, o total, dos gastos com trabalho assalariado.

De qualquer maneira, ambos os cálculos demonstram, incontestavelmente, o crescimento do capitalismo na agricultura dos Estados Unidos, o incremento do emprego de trabalho assalariado que supera o aumento da população rural e do número de farmers.



## 6. As Regiões de Agricultura mais intensiva

Examinados os dados gerais sobre o trabalho assalariado, o indicador mais direto do capitalismo na agricultura, podemos passar a uma análise mais detalhada das formas particulares sob as quais se manifesta o capitalismo neste setor da economia nacional. Já conhecemos uma região — o Sul — onde a superfície das farms tende a diminuir, e onde este processo significa a passagem dos latifúndios escravistas à pequena propriedade mercantil. Existe uma outra região, uma zona do Norte, onde ocorre redução da superfície média das farms: a Nova Inglaterra e os Estados do Médio Atlântico. Eis os dados a este respeito:

Superfície média de uma farm (terra cultivada), em acres

Anos	Nova Inglaterra	Estados do Médio Atlântico
1850	66,5	70,8
1860	66,4	70,3
1870	66,4	69,2
1880	63,4	68,0
1890	56,5	67,4
1900	42,4	63,4
1910	38,4	62,6

A dimensão média de uma farm na Nova Inglaterra é menor que em todas as outras regiões dos Estados Unidos. Em duas das regiões do Sul essa superfície é de 42-43 acres, e na terceira, o Sudoeste Central, onde ainda existe colonização, é de 61,8 acres, ou seja, quase igual à que se constata nos Estados do Médio Atlântico. Esta redução da superfície média das farms da Nova Inglaterra e dos Estados do Atlântico Meridional, “regiões de agricultura mais antiga e de mais elevado grau de desenvolvimento econômico” (p. 60 do Sr. Guimner), regiões onde não há colonização, levou nosso autor a concluir, como muitos outros economistas burgueses, que “a agricultura capitalista se desintegra”; que “não existem mais regiões onde o processo de colonização já não esteja em curso, e onde a grande agricultura capitalista não esteja em vias de decomposição e não seja substituída pela agricultura fundada no trabalho pessoal”, etc, etc.

O Sr. Guimner chegou a essas conclusões, absolutamente contrárias à realidade, porque se esqueceu. . . de um “detalhe”: o processo de intensificação da agricultura! £ incrível, mas verídico. E como os economistas burgueses — quase todos — encontram meio de se esquecerem também deste “detalhe” quando tratam da pequena e da grande produção agrícola — ainda que “teoricamente” todos “conheçam” muito bem e admitam a intensificação da agricultura —, é importante estudar esta questão de uma forma particularmente pormenorizada. Precisamente aí se oculta uma das principais fontes de todas as desventuras da economia burguesa (incluindo a economia populista e a oportunista) em relação à questão da pequena agricultura “baseada no trabalho familiar”. Esquecem-se do “detalhe” de que, em razão das peculiaridades técnicas da agricultura, o processo de sua intensificação conduz, com muita frequência, a uma redução da área cultivada na fazenda e, ao mesmo tempo, ao seu crescimento como unidade econômica, aumentando sua produção e convertendo-a cada vez mais em uma empresa capitalista.

Antes de mais nada, vejamos se existem diferenças fundamentais na técnica de cultivo em geral e no caráter intensivo da agricultura entre a Nova Inglaterra e os Estados do Médio Atlântico, de um lado, e o restante do Norte e todas as outras regiões do país, de outro.

Estas diferenças podem ser caracterizadas a partir dos seguintes dados:

Percentual representado no valor global da colheita (1910)

Regiões	Cereais	Feno e forragens	Legumes, frutas e outras culturas
---------	---------	------------------	-----------------------------------

			<b>especiais</b>
Nova Inglaterra	7,6	41,9	33,5
Médio Atlântico	29,6	31,4	31,8
Nordeste Central	65,4	16,5	11,0
Noroeste Central	75,4	14,6	5,9

A diferença é radical. As duas primeiras regiões apresentam uma agricultura altamente intensiva; as duas outras, uma agricultura extensiva. Nas últimas, os cereais representam a esmagadora maioria do valor global da colheita; nas primeiras, eles não apenas representam a menor parte, como também, num dos casos, uma parcela insignificante (7,6%); as culturas especiais comerciais (legumes, frutas, etc.) fornecem uma parte maior do valor global da colheita que os cereais. Nestas regiões, a agricultura extensiva cedeu lugar à agricultura intensiva. Aí a cultura de plantas forrageiras está amplamente disseminada. Na Nova Inglaterra, de um total de 3,8 milhões de acres ocupados pela produção de feno e plantas forrageiras, 3,3 milhões de acres são ocupados por forragens artificiais. Nos Estados do Médio Atlântico, as cifras correspondentes são: 8,5 e 7,9 milhões. Em compensação, nos Estados do Noroeste Central (região de colonização e de agricultura extensiva), de um total de 27,4 milhões de acres ocupados com a produção de forragens, 14,5 milhões, ou seja, mais da metade, são ocupados por prados “selvagens”, etc.

Nos Estados “intensivos” as colheitas são consideravelmente superiores:

Colheita por acre em bushels

Regiões	Milho		Trigo	
	1909	1899	1909	1899
Nova Inglaterra	45,2	39,4	23,5	18,0
Médio Atlântico	32,2	34,0	18,6	14,9
Nordeste Central	38,6	38,3	17,2	12,9
Noroeste Central	27,7	31,4	14,8	12,2

A mesma constatação pode ser feita em relação à pecuária mercantil e à exploração leiteira, particularmente desenvolvidas nestas regiões:

Regiões	Número Médio de vacas leiteiras por granja	Produção média de leite em galões por vaca	
		1909	1899
Nova Inglaterra	5,8	476	548
Médio Atlântico	6,1	490	514
Nordeste Central	4,0	410	487
Noroeste Central	4,9	325	371
Sul (as 3 regiões)	1,9-3,1	232-286	290-395
Oeste (as 2 regiões)	4,7-5,1	339-475	334-470
Média para os EUA	3,8	362	424

Através destes dados pode-se verificar que nos Estados “intensivos” a economia leiteira é muito mais importante que em todos os outros. As regiões de farms menores — pela quantidade de terra cultivada — são as que possuem as maiores explorações leiteiras. Este fato possui um enorme alcance, pois, como se sabe, a exploração leiteira se desenvolve com muito mais rapidez em torno das cidades e países (ou regiões), onde a indústria é particularmente desenvolvida. As estatísticas da Dinamarca, Alemanha, Suíça, que comentamos em outra ocasião \* {\* Ver: *Lênin, Qeuvres, tomo 5, “La Question Agraire et ‘les critiques’ de Marx”, capítulo IX, e tomo 13, capítulos X-XII. (Nota da edição francesa.)*}, mostram da mesma forma uma concentração crescente do gado leiteiro. Como vimos, nos Estados “intensivos”, o feno e as forragens representam uma parte muito maior que os cereais no valor global da colheita. E o desenvolvimento da pecuária se produz aí, em grande parte, graças a forragens adquiridas. Eis os dados a este respeito para o ano de 1909:

Montante (em milhões de dólares)

<b>Regiões</b>	<b>Das receitas provenientes da venda de forragens</b>	<b>Das despesas com a compra de forragens</b>	<b>Excendente das receitas sobre as despesas (+) ou inversamente (-)</b>
Nova Inglaterra	+4,3	-34,6	-30,3
Médio Atlântico	+21,6	-54,7	-33,1
Nordeste Central	+195,6	-40,6	+155,0
Noroeste Central	+174,4	-76,2	+98,2

Os Estados “extensivos” do Norte vendem forragens. Os Estados “intensivos” compram. E é compreensível que, com a aquisição de forragem, possa desenvolver-se uma exploração economicamente importante — e com um caráter altamente capitalista — em uma superfície reduzida.

Comparemos as duas regiões intensivas do Norte, a Nova Inglaterra e o Médio Atlântico, com a sua região mais extensiva, o Noroeste Central:

<b>Regiões</b>	<b>Número de acres de terra cultivada (em milhões)</b>	<b>Valor total do gado (em milhões de dólares)</b>	<b>Receitas provenientes da venda de forragem (em milhões de dólares)</b>	<b>Despesas com a compra de forragem (em milhões de dólares)</b>
Nova Inglaterra + Estados do Médio Atlântico	36,5	447	26	89
Estados do Noroeste Central	164,3	1.552	174	76

Podemos notar que nos Estados “intensivos” existe mais gado por acre de terra cultivada (447 36 12 dólares por acre), que nos Estados “extensivos” (1.552: 164 9 dólares). Nos Estados intensivos, investe-se mais capital por unidade de superfície sob a forma de gado. E a cifra global dos resultados do comércio de forragens (compra + venda) é aí infinitamente mais elevada por unidade de superfície (26 + 89 = 115 milhões de dólares para 36 milhões de acres) que nos Estados extensivos (174 ± 76 = 250 milhões de dólares para 164 milhões de acres). E evidente que a agricultura apresenta um caráter muito mais mercantil nos Estados “intensivos” que nos Estados “extensivos”.

Os dados sobre as despesas com adubos e sobre o valor dos instrumentos e das máquinas constituem a expressão estatística mais precisa do grau de intensificação da agricultura.

Ei-los:

	Regiões	Porcentagem de farms que compram adubos	Despesa média por farm (em dólares)	Despesa média por acre de terra cultivada em dólares		Número médio de acres de terra cultivada por farm
				1909	1899	
NORTE	Nova Inglaterra	60,9	82	1,30	0,53	38,4
	Médio Atlântico	57,1	68	0,62	0,37	62,6
	Nordeste Central	19,6	37	0,09	0,07	79,2
	Noroeste Central	2,1	41	0,01	0,01	148,0
SUL	Atlântico Sul	69,2	77	1,23	0,49	43,6
	Sudeste Central	33,8	37	0,29	0,13	42,2
	Sudoeste Central	6,4	53	0,06	0,03	61,8
OESTE	Montanhas	1,3	67	0,01	0,01	86,8
	Pacífico	6,4	189	0,10	0,05	116,1
	EUA	28,7	63	0,24	0,13	75,2

Este quadro mostra com clareza a diferença entre as regiões extensivas do Norte, farms que utilizam adubos onde é íntima a percentagem de adquiridos (2-19%), e mínimos os gastos com adubos por acre de terra cultivada (0,01-0,09 dólares), e os Estados intensivos, onde a maioria das farms (57-60%) utilizam adubos comprados e essas despesas atingem somas significativas. Assim, na Nova Inglaterra, elas chegam a 1,30 dólares por acre de terra cultivada, cifra máxima para todas as regiões (novamente nos achamos ante o caso de que as farms menores em superfície são aquelas que mais gastam com a compra de adubos!), e que supera até mesmo as cifras atingidas em uma das regiões do Sul (Estados do Atlântico Sul). Convém notar que no Sul a cultura do algodão, onde o trabalho de parceiros negros é, como se sabe, mais amplamente utilizado, exige uma quantidade particularmente elevada de adubos artificiais.

Nos Estados do Pacífico constatamos um percentual baixo de farms que utilizam adubos (6,4%), e a taxa média máxima de despesas por farm (189 dólares), tendo em conta, bem entendido, que se trata de farms que utilizam adubos. Aqui tempos também uma outra situação: o desenvolvimento de uma grande agricultura capitalista, acompanhado da redução da superfície litorânea. Nos três Estados do Pacífico, dois, os de Washington e Oregon, só utilizam adubos numa proporção absolutamente insignificante: apenas 0,01 dólares por acre. Apenas no terceiro Estado, o da Califórnia, é que esta cifra é relativamente elevada: 0,08 dólares em 1899, e 0,19 dólares em 1909. Neste Estado, um papel especial cabe à produção de frutas, que aumenta de maneira extremamente rápida sob uma forma puramente capitalista, e que, em 1909, representava, em valor, 33,1% da colheita total, contra 18,3% para os cereais e 27,6% para o feno e as forragens. Na produção de frutas, a forma de exploração típica é a farm com superfície inferior à média, e onde o consumo de adubos e o emprego de mão-de-obra assalariada são bem mais elevados que a média. Mais adiante nos deteremos nestes tipos de relações, características dos países capitalistas de agricultura intensiva, e que são as mais esquecidas pelos estatísticos e economistas.

Por ora, voltemos aos Estados “intensivos” do Norte. Na Nova Inglaterra, não apenas o emprego de adubos é mais elevado, com 1,30 dólares por acre, sendo menor a superfície das farms, como também o crescimento das despesas com adubos é particularmente mais rápido. Em 10 anos, de 1899 a 1909, estas despesas passaram de 0,53 a 1,30 dólares por acre, ou seja, elas foram multiplicadas por 2,5. A intensificação da agricultura, seu progresso técnico, a melhoria dos métodos de cultivo são aí extremamente acentuados. Para avaliar a importância do fato, compararemos a região mais intensiva do Norte, a Nova Inglaterra, com sua região mais extensiva, o Noroeste Central. Esta última região quase não conhece o emprego de adubos artificiais (2,1%

das farms e 0,01 dólar por acre); a dimensão das farms é aí a mais significativa de toda a América (148,0 acres) e ainda é aí que ela aumenta com mais rapidez. É comum tomar-se precisamente esta região — e é o que também faz o Sr. Guimmer — como o modelo de capitalismo na agricultura dos Estados Unidos. Este ponto de vista corrente é incorreto, como demonstraremos com todos os pormenores mais adiante; e ele se deve à confusão da forma mais grosseira, mais primitiva, da agricultura extensiva, com a agricultura intensiva baseada no progresso técnico. Na região do Noroeste Central, a dimensão das farms é quase quatro vezes mais elevada que na Nova Inglaterra (148 acres contra 38,4), mas o montante de despesas com adubos, por farm que os emprega, é, na primeira região, duas vezes menor em média: 41 dólares contra 82.

Conseqüentemente, na realidade presente, temos uma situação na qual uma enorme redução da quantidade de terra por farm está vinculada a um enorme crescimento das despesas com adubos artificiais, de tal modo que a “pequena” produção (se se prossegue com o hábito de considerá-la pequena em relação a sua superfície) revela-se “grande” pelo monte de capital investido na terra. Tais casos não são únicos mas típicos de todo país onde a agricultura intensiva adianta-se em relação à agricultura extensiva. Ora, este é o caso de todos os países capitalistas; e o desconhecimento desta particularidade típica engendra os erros correntes por parte dos admiradores da pequena agricultura, para os quais o único critério é a superfície da exploração.

## 7. As máquinas e o trabalho assalariado na agricultura

Consideremos um outro gênero de inversão de capital na terra, tecnicamente distinto do anterior: o emprego de instrumentos e máquinas. Todas as estatísticas agrícolas européias atestam de forma irrefutável que, quanto maior em extensão de terra é a exploração, maior é a porcentagem daquelas que utilizam máquinas de todos os modelos e maior também o número de máquinas empregadas. A superioridade das grandes explorações, nestes aspectos extremamente importantes, está completa e absolutamente estabelecida. Neste ponto, as estatísticas americanas também não são originais: os instrumentos e máquinas agrícolas não são registrados separadamente; contentam-se em determinar o seu valor global. Pode ocorrer, certamente, que esses dados sejam menos precisos em relação a cada caso particular; em compensação, tomados em conjunto, permitem realizar certas comparações entre regiões e grupos de explorações que seriam impossíveis com dados de outro tipo.

Eis os dados por região relativos aos instrumentos e máquinas agrícolas:

Valor dos instrumentos e máquinas (1909) em dólares

Regiões	Média por farm	Média por acre de toda a terra das farms
Nova Inglaterra	269	2,58
Médio Atlântico	358	3,88
Nordeste Central	239	2,28
Noroeste Central	332	1,59
Sul (as 3 regiões)	72-88-127	0,7-0,92-0,95
Oeste (as 2 regiões)	269-350	0,83-1,29
EUA	199	1,44

O antigo Sul escravista, região de parceria, ocupa, portanto, o último lugar no tocante ao emprego de máquinas. O valor dos instrumentos e máquinas por acre de terra, segundo as regiões, é três, quatro e cinco vezes menos elevado que nos Estados intensivos do Norte. Estes últimos Estados mantêm o primeiro lugar em relação a todos os outros, deixando notadamente para trás a região mais agrícola, o celeiro da América: os Estados do Noroeste Central, ainda considerados com frequência, pelos observadores superficiais, como a região modelo quanto ao emprego de máquinas e ao capitalismo.

Notemos que o procedimento utilizado pelos estatísticos da América, e que consiste em determinar o valor das máquinas, bem como o da terra, do gado, das construções, etc., por acre da área total das farms, e não apenas por acre de terra cultivada, subestima a superioridade dos Estados “intensivos” do Norte, e, de um modo geral, não pode ser considerado racional. As regiões apresentam diferenças muito grandes no tocante à percentagem de terra cultivada: no Oeste, em relação aos Estados das montanhas, ela se reduz a 26,7%; no Norte, considerando os Estados do Nordeste Central, ela atinge 75,4%. É incontestável que, para as estatísticas econômicas, é a terra cultivada que tem maior importância, e não a superfície total. Na Nova Inglaterra, a quantidade de terra cultivada nas farms e a sua percentagem têm decrescido sensivelmente, em particular a partir de 1880, provavelmente em razão da concorrência das terras livres do Oeste (livres no tocante à renda fundiária, ao tributo a ser pago aos grandes proprietários fundiários). Ora, é nesta região, contudo, que o emprego de máquinas é mais desenvolvido, que o valor das máquinas por acre de terra cultivada é mais elevado: em 1910, ele atingiu 7 dólares por acre, contra a média de 5,5 dólares nos Estados do Médio Atlântico e não mais de 2,3 dólares nas outras regiões.

A região que apresenta as menores farms segundo a superfície é mais uma vez, aquela onde a inversão de capital na terra sob a forma de máquinas, é a maior.

Se tomarmos, a região mais “intensiva” do Norte — os Estados do Médio Atlântico — e a compararmos com sua região mais extensiva, o Noroeste Central, veremos que, pela quantidade de terra cultivada por farm, a primeira região possui uma quantidade mais de duas vezes “menor”: 62,6 acres, contra 148,0; mas, no tocante ao valor das máquinas empregadas, ela supera a segunda região: 368 dólares por farm, contra 332. Assim, as pequenas farms são empresas importantes pela maquinaria que utilizam.

Resta-nos ainda confrontar os dados sobre o caráter intensivo da agricultura com os relativos ao emprego de trabalho assalariado, que já citamos resumidamente na parte 5. No momento devemos examiná-los mais detalhadamente, por região.

	Regiões	Porcentagem de farms que contratavam operários em 1909	Gastos médios com mão-de-obra por farm (que empregava operários) (em dólares)	Gastos com mão-de-obra assalariada p/ acre de terra cultivada		Percentual de acréscimo desta despesa entre 1899 e 1909
				1909	1899	
NORTE	Nova Inglaterra	66,0	277	4,76	2,55	+86%
	Médio Atlântico	65,8	253	2,66	1,64	+62%
	Nordeste Central	52,7	199	1,33	0,78	+71%
	Noroeste Central	51,0	240	0,83	0,56	+48%
SUL	Atlântico Sul	42,0	142	1,37	0,80	+71%
	Sudeste Central	31,6	107	0,80	0,49	+63%
	Sudoeste Central	35,6	178	1,03	0,75	+37%
OESTE	Montanhas	46,8	547	2,95	2,43	+22%
	Pacífico	58,0	694	3,47	1,92	+80%
	Conjunto dos EUA	45,9	223	1,36	0,86	+58%

Este quadro mostra, em primeiro lugar, que os Estados “intensivos” do Norte distinguem-se dos Estados extensivos por um maior desenvolvimento do capitalismo na agricultura; em segundo lugar que nas primeiras regiões o desenvolvimento do capitalismo é mais rápido que nos Estados extensivos; em terceiro lugar, que a região de menores farms – a nova Inglaterra – supera todas as outras regiões do país, tanto pelo nível mais elevado de desenvolvimento do capitalismo na

agricultura, quanto pela maior rapidez deste desenvolvimento. O crescimento dos gastos com mão-de-obra assalariada por acre de terra cultivada é, aí de 86% e neste aspecto os Estados do Pacífico vem em segundo lugar. Entre os estados do Pacífico, é ainda a Califórnia que está à frente, onde como já dissemos, desenvolve-se com rapidez a “pequena” cultura capitalista de frutas.

É comum considerar-se a região do Noroeste Central como a região capitalista “exemplar” da agricultura americana, onde a dimensão das farms é a mais significativa (148,0 acres, em média, em 1910, computando-se apenas a terra cultivada), e onde ela aumenta de forma mais rápida e constante desde 1850. Vemos no presente que esta opinião é profundamente errônea. A importância do emprego de mão-de-obra assalariada é, evidentemente, o indicador mais incontestável e direto do desenvolvimento do capitalismo. Ora, este indicador nos mostra que o celeiro da América, a região das famosas e impressionantes “fábricas de trigo”, é menos capitalista que a região industrial e a região de agricultura intensiva, onde o progresso agrícola não se expressa através do crescimento da superfície cultivada, mas pelo crescimento das inversões de capital na terra, que vai de par com a redução desta superfície.

É fácil imaginar que o cultivo do Chernozem \* {\* *Chernozem (em russo terra preta), um solo muito preto, rico em húmus e carbonatos, encontrado em climas frios ou temperados com uma umidade relativamente baixa, (Nota da edição brasileira.)*}, ou das terras virgens em geral, possa se estender com muita rapidez através do emprego de máquinas — a despeito de um crescimento mais medíocre da mão-de-obra assalariada. Nos Estados do Noroeste Central, os gastos com mão-de-obra assalariada por acre de terra cultivada atingiram 0,56 dólares em 1899 e a quantidade de terra cultivada tende a diminuir ao invés de aumentar, o mesmo ocorrendo com ‘a dimensão média das farms, os gastos com mão-de-obra não apenas foram muito superiores em 1899 (2,55 dólares por acre), e em 1909 (4,76 dólares), como também cresceram com muito mais rapidez no curso deste período (+86%).

Na Nova Inglaterra, a farm média é quatro vezes menor que nos Estados do Noroeste Central (38,4 acres contra 148,0), mas os gastos com mão-de-obra assalariada são mais elevados: 277 dólares contra 240. A redução da extensão das farms significa, portanto, em tal caso, um crescimento do montante de capital investido na agricultura, um reforçamento de seu caráter capitalista, o desenvolvimento do capitalismo e da produção capitalista.

Se os Estados do Noroeste Central, que fornecem 34,3% da superfície total cultivada dos Estados Unidos, são particularmente representativos enquanto regiões-modelo da agricultura capitalista extensiva, os Estados das montanhas aparecem como um modelo de exploração extensiva análogo, no quadro de uma colonização bastante acelerada. Aí, o emprego de mão-de-obra é bem menos acentuado que no Noroeste Central em relação à percentagem de farms que contratam operários; entretanto, ele é muito mais considerável no tocante ao montante médio das despesas com mão-de-obra. Mas o crescimento do trabalho assalariado é mais lento nesta região (apenas +22%) que em todas as outras regiões da América. Esta evolução se deve, provavelmente, às seguintes circunstâncias; nesta região, a colonização e a distribuição de homesteads se realizam aceleradamente. A quantidade de terra cultivada aumentou mais que em qualquer outra região: 89% entre 1900 e 1910. É natural que os colonos detentores de homesteads recorram pouco ao trabalho assalariado, pelo menos de início. Por outro lado, é provável que o trabalho assalariado seja mais utilizado, primeiramente, por certos latifúndios: eles são particularmente numerosos nesta região, como em todo o Oeste em geral; em segundo lugar, por explorações que se dedicam a culturas especiais e altamente capitalizadas. Em certos Estados desta região, por exemplo, uma percentagem muito elevada do valor global da colheita é constituída de frutas (6% no Arizona, 10% no Colorado), legumes (11,9% no Colorado, 11,2% em Nevada), etc.

Concluindo devemos dizer que a afirmação do Sr. Guimber, segundo a qual “não existem regiões onde o processo de colonização não esteja em curso, e onde a grande agricultura capitalista não esteja em vias de decomposição e não seja eliminada pela agricultura fundada no trabalho familiar”, constitui uma caricatura da verdade, sendo absolutamente contrária à realidade. A região da Nova Inglaterra, onde não existe qualquer colonização, onde as farms são menores e a agricultura mais intensiva que em qualquer outra região do país, é aquela na qual se constata o mais alto grau de

capitalização na agricultura e a maior rapidez de desenvolvimento do capitalismo. Esta conclusão possui uma importância essencial e fundamental para a compreensão do processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura em geral, pois a intensificação da agricultura, acompanhada da redução da quantidade média de terra por farm não tem nada de acidental, local, episódico, mas constitui um fenômeno geral, comum a todos os países civilizados. Os numerosos erros cometidos por todos os economistas burgueses, sem exceção, a propósito dos dados relativos à evolução da agricultura na Grã-Bretanha, Dinamarca e Alemanha, 1 por exemplo, explicam-se pelo fato de este fenômeno geral não / ser suficientemente conhecido, compreendido, assimilado e meditado.

## **8. A eliminação das pequenas explorações pelas grandes. A quantidade de terra cultivada**

Examinamos as principais formas que o processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura assume e pudemos nos convencer de sua extraordinária diversidade, O desmembramento dos latifúndios escravistas no Sul, o crescimento da grande exploração extensiva no Norte “extensivo”, a extrema rapidez do desenvolvimento do capitalismo no Norte “intensivo”, onde se encontram, em média, as menores farms: tais são as mais importantes destas formas. Os fatos demonstram de forma irrefutável que o desenvolvimento do capitalismo se traduz às vezes pelo crescimento da dimensão média das farms e, às vezes, pelo crescimento de seu número. Nestas condições, os dados gerais relativos à dimensão média das farms no conjunto do país nada significam.

Qual é, portanto, o balanço geral das diversas peculiaridades locais e agrícolas? Os dados relativos mão-de-obra assalariada mostraram-nos qual é. O emprego crescente do trabalho assalariado é um fenômeno comum que supera todas estas peculiaridades. Entretanto, na imensa maioria dos países civilizados, as estatísticas agrícolas se subordinam — voluntariamente ou não — às concepções e preconceitos burgueses dominantes, e não fornecem qualquer informação sistemática sobre o trabalho assalariado; ou então fornecem apenas para os últimos períodos (recenseamento alemão de 1907), tornando impossível a comparação com o passado. No tocante às estatísticas americanas — como mostraremos de forma detalhada no momento oportuno —, elas se deterioraram consideravelmente no período de 1900 a 1910, no que se refere à coleta e interpretação dos dados sobre o trabalho assalariado.

O processo convencional e mais difundido de resumir os resultados consiste ainda, na América e na maior parte dos países, na comparação das pequenas e grandes explorações segundo suas superfícies. Analisemos estes dados.

Ao fazerem a divisão das farms em grupos de acordo com sua extensão, as estatísticas americanas consideram a superfície total, e não apenas a superfície cultivada, como fazem as estatísticas alemãs, o que seria evidentemente mais correto. Os fundamentos racionais da repartição em sete grupos (até 20 acres, de 20 a 49, de 50 a 99, de 100 a 174, de 175 a 499, de 500 a 999, de 1.000 acres e mais), adotados na América quando da interpretação do recenseamento de 1910, não são indicados. É de se supor que isto se deve, principalmente, à rotina estatística. Classificaremos os grupos de 100 a 174 acres como médios, considerando que se trata aqui, essencialmente, de homesteads (cuja norma administrativa é de 160 acres), e que, na maior parte dos casos, são precisamente as propriedades desta ordem de grandeza que asseguram a maior “independência” ao agricultor, pelo emprego mínimo de mão-de-obra assalariada. Daremos aos grupos superiores o epíteto de “grandes” ou “capitalistas”, pois, via de regra, nestes casos, recorre-se necessariamente ao trabalho assalariado. As farms de 1.000 acres e mais (de cuja superfície não se cultivam 3/5 no Norte, 9/10 no Sul, e 2/3 no Oeste) serão classificadas entre os latifúndios. Classificaremos as farms com menos de 100 acres- como pequenas: o fato de que, nos três grupos correspondentes, a percentagem de farms - sem cavalos se eleve, a partir de baixo, a 51, 43 e 23% respectivamente, permite avaliar, até certo ponto, o seu grau de independência econômica. Ressalte-se que não se pode dar a esta classificação um valor absoluto, nem entendê-la, sem prévia análise, a todas as regiões em geral ou, em particular, àquelas que apresentam peculiaridades locais.



Não temos condições de fornecer aqui as cifras correspondentes à totalidade dos sete grupos para todas as regiões principais dos Estados Unidos, o que sobrecarregaria além da conta a nossa exposição, com uma enorme quantidade de cifras. Assim, vamos nos limitar a breves indicações sobre as diferenças essenciais entre o Norte, Sul e Oeste, e só citaremos os dados completos para o conjunto dos Estados Unidos. Lembremos que 3/5 de toda a superfície cultivada (60,6%) se encontram no Norte, menos de 1/3 no Sul (31,5% e menos de 1/12 no Oeste (7,9%).

A diferença mais visível entre estas três regiões principais é que no Norte capitalista existe o menor número de latifúndios. Entretanto, este número tende a aumentar, assim como a quantidade total de terra que ocupam, e também a extensão de terras cultivadas. Em 1910, computava-se no Norte 0,5% de farms com 1.000 acres e mais; elas constituíam 6,9% do total de terra e 4,1% da terra cultivada. No Sul, o percentual destas farms era de 0,7%; elas possuíam 23,9% do total de terra e 4,8% da terra cultivada. No Oeste, estas farms atingiam 3,9%, possuíam 48,3% do total de terra e 32,3% da terra cultivada. Este é um quadro que já conhecemos: latifúndios escravistas no Sul e domínios ainda mais vastos no Oeste, este constituindo, de um lado, o local de pecuária mais extensiva, e, de outro, regiões conquistadas pelos “colonos” a partir de vastas reservas de terras revendidas ou (mais raramente) dadas em arrendamento a autênticos agricultores, desbravadores do faroeste.

O exemplo americano mostra-nos com evidência como seria imprudente confundir os latifúndios com a agricultura capitalista em grande escala, pois, com muita freqüência, os latifúndios constituem uma sobrevivência de relações pré-capitalistas: escravistas, feudais ou patriarcais. No Sul como no Oeste produz-se uma divisão, um desmembramento dos latifúndios. No Norte, a superfície total das farms aumentou em 30,7 milhões de acres, dos quais apenas 2,3 milhões pertencem aos latifúndios e 22 milhões às grandes farms capitalistas (de 175 a 999 acres). No Oeste, onde a superfície total das farms reduziu-se em 7,5 milhões de acres. Nos latifúndios, redução de 31,8 milhões de acres; nas pequenas farms acréscimo de 13 milhões; nas farms médias, aumento de 5 milhões. No Oeste, onde a superfície total aumentou em 17 milhões de acres, os latifúndios sofreram uma redução de 1,2 milhões de acres; as pequenas farms, um acréscimo de 2 milhões, as farms médias, de 5 milhões, e as grandes, um acréscimo de 11 milhões de acres.

A quantidade de terra cultivada nos latifúndios aumentou nas três regiões: consideravelmente no Norte (+3,7 milhões de acres = +47,0%), fracamente no Sul (+0,3 milhões = +5,5%), e um pouco mais acentuadamente no Oeste (+2,8 milhões = +29,6%). No Norte, contudo, o aumento máximo de terra cultivada ocorreu nas grandes farms (de 175 a 999 acres); no Sul, nas pequenas e médias farms; no Oeste, nas farms grandes e médias. Resumindo: no Norte, são as grandes farms que aumentam seu percentual de terra cultivada; no Sul (e no Oeste, são as pequena e, em parte, as médias. Este quadro adapta-se perfeitamente ao que sabemos sobre as diferenças entre as condições particulares destas regiões. No Sul, a pequena agricultura mercantil desenvolve-se às expensas dos latifúndios, estes em desagregação; no Oeste, ocorre o mesmo processo, mas com uma desagregação mais lenta dos latifúndios mais vastos, e que não possuem mais um caráter escravista, mas de pecuária extensiva e de valorização pelo “primeiro ocupante”. Além disto, as estatísticas americanas assinalam o que se segue, a propósito dos Estados do Pacífico:

“O desenvolvimento crescente das pequenas farms frutícolas e outras, na costa do Oceano Pacífico, é o resultado, pelo menos em parte, dos trabalhos de irrigação que aí foram feitos nos últimos anos. Isto levou a um aumento das farms com menos de 50 acres nos Estados do Pacífico” (tomo V, p. 264).

No Norte, não existem latifúndios escravistas nem “primitivos”, não ocorre sua desagregação, e as pequenas farms não se reforçam às expensas das grandes.

No total, no conjunto dos Estados Unidos, o processo assume o seguinte aspecto:

Grupo de farms	Numero de farms (em milhares)		% de farms		Crescimento ou redução
	1900	1910	1900	1910	
Até 20 acres	674	839	11,7	13,2	+1,5
De 20 a 49 acres	1258	1415	21,9	22,2	+0,3
De 50 a 99 acres	1366	1438	23,8	22,6	- 1,2

De 100 a 174 acres	1422	1516	24,8	23,8	- 1,0
De 175 a 499 acres	686	978	15,1	15,4	+0,3
De 500 a 999 acres	103	125	1,8	2,0	+0,2
De 1000 acres e mais	47	50	0,8	0,8	---
Total	5738	6361	100,0	100,0	----

Assim, em proporção à totalidade das farms, o número dos latifúndios permaneceu constante. As mudanças na importância relativa dos outros grupos caracterizam-se por um enfraquecimento dos grupos médios e um reforçamento dos extremos. O grupo médio (de 100 a 174 acres) e o grupo inferior mais próximo retrocederam. Os dois grupos menores registram o crescimento máximo, vindo em seguida o grupo de grandes capitalistas (de 175 a 999 acres).

Examinemos a superfície total:

Grupo de farms (em acres)	Superfície total (em milhares de acres)		Mesma rubrica (em %)		Crescimento ou redução
	1900	1910	1900	1910	
Até 20 acres	7.181	8.794	0,9	1,0	+0,1
De 20 a 49 acres	41.536	45.378	5,0	5,2	+0,2
De 50 a 99 acres	98.592	103.121	11,8	11,7	- 0,1
De 100 a 174 acres	192.680	205.481	23,0	23,4	+0,4
De 175 a 499 acres	232.955	265.289	27,8	30,2	+2,4
De 500 a 999 acres	67.864	83.653	8,1	9,5	+1,4
De 1000 acres e mais	197.784	167.082	23,6	19,0	- 4,6
Total	838.592	878.798	100,0	100,0	---

De início constatamos aqui uma redução bastante acentuada da parcela de terra pertencente aos latifúndios. Recordemos que eles só apresentaram uma redução absoluta no Sul e no Oeste, onde a percentagem de terra não-cultivada nos latifúndios se elevava, em 1910, a 91,5% e 77,1%. Em seguida, constata-se uma redução insignificante da superfície total no maior dos grupos pequenos (-0,1% no grupo de 50 a 99 acres). O aumento mais significativo cabe aos grupos dos grandes capitalistas, os de 177 a 499 e de 500 a 999 acres. O aumento é relativamente reduzido nos grupos menores. O grupo médio (de 100 a 174 acres) caracteriza-se pela estagnação (+0,4%).

Passemos aos dados referentes à superfície cultivada.

Grupo de farms (em acres)	Quantidade de terra cultivada (em milhares de acres)		Mesma rubrica (em%)		Acréscimo ou redução
	1900	1910	1900	1910	
Até 20 acres	6.440	7.992	1,6	1,7	+0,1
De 20 a 49 acres	33.001	36.596	8,0	7,6	- 0,4
De 50 a 99 acres	67.345	71.115	16,2	14,9	- 1,3
De 100 a 174 acres	118.391	128.854	28,6	26,9	-1,7
De 175 a 499 acres	135.530	161.775	32,7	33,8	+1,1
De 500 a 999 acres	29.474	40.817	7,1	8,5	+1,4
De 1000 acres e mais	24.317	31.263	5,9	6,5	+0,6
Total	414.498	478.452	100,0	100,0	----

Não é a superfície total, e sim a quantidade de terra cultivada, que indica, com certa aproximação, o volume econômico da exploração, considerando-se diversos casos particulares de que já falamos e sobre os quais ainda falaremos. No tocante à superfície cultivada, constatamos ainda, que a parcela dos latifúndios — que sofreram uma séria redução na superfície total — cresceu em relação à quantidade de terra cultivada. De modo geral houve um acréscimo em relação à quantidade de terra

cultivada. De modo geral houve um acréscimo em relação aos grupos capitalistas, principalmente no grupo de 500 a 999 acres, O grupo médio foi o que mais se reduziu (- 1,7%), seguido por todos os grupos pequenos, exceto o menor deles, até 20 acres, o qual acusou um crescimento insignificante (+0,1%).

Notemos, antecipando os fatos, que a categoria de farms mais reduzidas (até 20 acres) compreende igualmente as farms de até 3 acres; ora, as estatísticas americanas, neste caso, só registram aquelas explorações cuja produção seja, no mínimo igual a 250 dólares por ano. Este é o motivo pelo qual as menores farms (de até 3 acres) distinguem-se do grupo vizinho, de superfície maior, por um volume de produção mais elevado e um caráter capitalista mais nitidamente acentuado. Vejamos, a título de ilustração, os dados relativos ao ano de 1900 (infelizmente, não possuímos as cifras correspondentes para o ano de 1910):

Grupos de farms (1900) (em acres)	Média por farm				
	De terra cultivada em acres	Do valor de todos os produtos (em dólares)	Dos gastos com mão de obra assalariada (em dólares)	Do valor dos instrumentos e máquinas (em dólares)	Do valor do conjunto do gado (em dólares)
Até 3	1,7	592	77	53	867
De 3 a 10	5,6	203	18	42	101
De 10 a 20	12,6	236	16	41	116
De 20 a 50	26,2	324	18	54	172

Ignorando as farms de até 3 acres, as do grupo de 3 a 10 acres revelam-se, sob certos aspectos (gastos com mão-de-obra assalariada, valor dos instrumentos e máquinas), “maiores” que as do grupo de 10 a 20 acres \* (\* Para 1900, possuímos dados que indicam, entre as explorações classificadas segundo a sua superfície, o número de farms que possuem um rendimento elevado, ou seja, cujo valor dos produtos ultrapassa 2.500 dólares. Eis os dados: a percentagem das farms que possuem um rendimento elevado atinge 5,2% nas farms de até 3 acres; 0,6% nas de 3 a 10 acres; 0,4% nas de 10 a 20; 0,3% nas de 20 a 50; 0,6% nas de 50 a 100; 1,4% nas de 100 a 175; 5,2% nas de 175 a 260; 12,7% nas de 260 a 500; 24,3% nas de 500 a 1.000; 39,5% nas de 1.000 acres e mais. Podemos notar que, em todas as categorias que possuem até 20 acres, a percentagem das farms com rendimento elevado é superior à que se constata na categoria que possui de 20 a 50 acres.) . Eis por que o crescimento da parcela de terras cultivadas em relação à superfície total das farms de até 20 acres pode, sem dúvida, ser atribuído ao crescimento da terra cultivada das farms de tipo abertamente capitalista pertencentes ao grupo de dimensões menores.

De uma forma geral, os dados sobre a repartição da terra cultivada entre as pequenas e grandes farms em 1900 e 1910, relativos ao conjunto dos Estados Unidos, permitem que se chegue, clara e incontestavelmente, à conclusão que se segue: fortalecimento das grandes farms, - enfraquecimento das médias e pequenas. Daí decorre que, na medida em que é possível julgar o caráter capitalista ou não-capitalista da agricultura, a partir de dados relativos aos grupos de explorações classificadas segundo sua superfície, os Estados Unidos oferecem-nos, nos últimos dez anos, o quadro geral de um crescimento das grandes explorações capitalistas e de uma eliminação das pequenas explorações.

Os dados sobre o crescimento do número de farms e da quantidade de terra cultivada em cada grupo tornam esta conclusão ainda mais evidente.

Grupo de farms (em acres)	Percentual de acréscimo entre 1900 a 1910	
	Do número de farms	Da quantidade de terra cultivada
Até 20 acres	+24,5%	+24,1%
De 20 a 49 acres	+12,5%	+10,9%
De 50 a 99 acres	+5,3%	+5,7%
De 100 a 174 acres	+6,6%	+8,8%

De 175 a 499 acres	+12,7%	+19,4%
De 500 a 999 acres	+22,2%	+38,5%
De 1000 acres e mais	+6,3%	+28,6%
Total	+10,9%	+15,4%

A percentagem máxima de acréscimo da quantidade de terra, cultivada corresponde aos últimos grupos superiores. A percentagem mínima corresponde ao grupo médio e ao grupo inferior mais próximo (de 50 a 99 acres). Nos dois primeiros grupos inferiores, o percentual de acréscimo da superfície cultivada é inferior ao aumento do número de farms.

## 9. Continuação. Dados sobre o valor das farms

Ao contrário das estatísticas europeias, as estatísticas americanas determinam o valor dos diversos elementos da exploração — terra, construções, instrumentos agrícolas, gado — e do conjunto da exploração, para cada farm e cada grupo de farms. É provável que tais dados sejam menos precisos que os relativos à superfície, mas, no conjunto, não são menos fidedignos, considerando-se ademais (até certo ponto) a situação geral do capitalismo na agricultura.

Para completarmos nossa exposição, tomemos os dados relativos ao valor global das farms com todos os bens agrícolas, assim como os relativos ao valor dos instrumentos e das máquinas. Entre os diversos elementos da exploração, escolhemos os instrumentos e as máquinas porque eles mostram, diretamente, se a agricultura é praticada de uma maneira mais ou menos intensiva, e se aí se emprega um equipamento mais ou menos aperfeiçoado. Eis os dados para o conjunto dos Estados Unidos:

Repartição percentual do valor

Grupo de farms (em acres)	Do conjunto de bens das farms		Acréscimo ou redução	Dos instrumentos e das máquinas		Acréscimo ou redução
	1900	1910		1900	1910	
Até 20 acres	3,8	3,7	-0,1	3,8	3,7	- 0,1
De 20 a 49 acres	7,9	7,3	-0,6	9,1	8,5	-0,6
De 50 a 99 acres	16,7	14,6	-2,1	19,3	17,7	-1,6
De 100 a 174 acres	28,0	27,1	-0,9	29,3	28,9	-0,4
De 175 a 499 acres	30,5	33,3	+2,8	27,1	30,2	+3,1
De 500 a 999 acres	5,9	7,1	+1,2	5,1	6,3	+1,2
De 1000 acres e mais	7,3	6,9	-0,4	6,2	4,7	-1,5
Total	100,0	100,0	----	100,0	100,0	----

As cifras absolutas mostram que, de 1900 a 1910, o valor do conjunto dos bens das farms mais que dobrou, passando de 20.440 milhões de dólares a 40,991 milhões de dólares, o que representa um acréscimo de 100,5%. O aumento dos preços dos produtos agrícolas e a elevação da renda depositaram milhões de dólares nos bolsos dos proprietários de terras às expensas da classe operária. Quem ganhou mais? As pequenas ou as grandes explorações? As cifras citadas fornecem a resposta. Elas apontam o declínio dos latifúndios (recordemos que sua superfície total passou de 23,6% a 19,0%, o que corresponde a uma redução de 4,6%), acompanhado da eliminação das pequenas e médias explorações pelas grandes, pelas explorações capitalistas (de 175 a 999 acres). Se se reúnem todas as explorações pequenas e médias, é possível notar que sua participação no total dos bens decresceu, passando de 56,4% a 52,7%. Agrupando todas as grandes explorações, observamos que sua participação aumentou, passando de 43,7% a 47,3%. As modificações

ocorridas na relação entre pequenas e grandes explorações, quanto à repartição do valor global dos instrumentos e máquinas, são exatamente da mesma ordem.

No tocante aos latifúndios, os dados confirmam igualmente o fenômeno que já constatamos acima. A sua decadência restringe-se a duas regiões: o Sul e o Oeste. Ela atinge, de um lado, os latifúndios escravistas e, de outro, as terras “ocupadas”, ou posses, e os latifúndios primitivamente extensivos. No Norte povoado e industrializado podemos observar um crescimento dos latifúndios: tanto do número de farms deste gênero, quanto de sua superfície total, de sua superfície cultivada, de sua participação no valor global do conjunto dos bens (2,5% em 1900; 2,8% em 1910) e de sua participação no valor global de todos os instrumentos e máquinas.

Notemos a este respeito que o crescimento do papel dos latifúndios não é observável apenas no Norte de um modo geral, mas também, em particular, em suas duas regiões mais intensivas, que desconhecem totalmente a colonização: a Nova Inglaterra e os Estados do Médio Atlântico. É necessário deter-se por mais tempo nestas regiões, pois, de um lado, elas induzem o Sr. Guimmer e muitos outros autores ao erro, pela extensão média particularmente débil — e que tende a diminuir — de suas farms e, por outro lado, estas regiões mais intensivas, são precisamente mais típicas em relação aos velhos países da Europa, desde há muito povoados e civilizados.

Nestas duas regiões registra-se uma redução, entre 1900 e 1910, tanto do número de farms, quanto da superfície total e da superfície cultivada, Na Nova Inglaterra só houve um acréscimo no número das farms mais reduzidas, até 20 acres: + 22,4% (+ 15,5% em suas terras cultivadas); e no número dos latifúndios: + 16,3% (+ 26,8% em suas terras cultivadas). Nos Estados do Médio Atlântico aumentaram: as menores farms (+ 7,7% no número de farms, + 2,5% na quantidade de terra cultivada), seguidas daquelas de 175 a 499 acres no tocante ao número de farms (+ 1,0%), e das de 500 a 999 acres em relação à quantidade de terra cultivada (+ 3,8%). A participação das farms menores e dos latifúndios das duas regiões no valor global do conjunto dos bens das farms aumentou. Vejamos dados mais ilustrativos e mais completos sobre cada uma destas regiões:

Percentual de acréscimo entre 1900 e 1910

Grupo de farms (em acres)	Na Nova Inglaterra		Nos Estados do Medi Atlântico	
	No valor do conjunto de bens das farms	No valor dos instrumentos e máquinas	No valor do conjunto dos bens das farms	No valor dos instrumentos e máquinas
Até 20 acres	60,9	48,9	45,8	42,9
De 20 a 49 acres	31,4	30,3	28,3	37,0
De 50 a 99 acres	27,5	31,2	23,8	39,9
De 100 a 174 acres	30,3	38,5	24,9	43,8
De 175 a 499 acres	33,0	44,6	29,4	54,7
De 500 a 999 acres	53,7	53,7	31,5	50,8
De 1000 acres e mais	102,7	60,5	74,4	65,2
Total	35,6	39,0	28,1	44,1

Pode-se deduzir destes dados que precisamente os latifúndios das duas regiões foram os mais reforçados; eles ganharam mais do ponto de vista econômico e progrediram mais do ponto de vista técnico. Aí, as maiores explorações capitalistas suplantaram as outras, mais reduzidas. Um crescimento mínimo do valor global dos bens, assim como dos instrumentos e das máquinas, pode ser observado no grupo médio e nos pequenos, mas não no grupo menor. Portanto, são as explorações médias e pequenas que apresentam o maior atraso em relação às demais.

Quanto às farms menores (até 20 acres), seu fortalecimento nas duas regiões tem superado a média, só perdendo para os latifúndios. Já conhecemos a causa deste fenômeno: nestas duas regiões intensivas, cerca de 31 a 33% do valor da colheita são representados por culturas altamente capitalistas (legumes, frutas, flores, etc.), que se caracterizam por uma produção extremamente elevada em relação a uma superfície de exploração bastante reduzida. Nestas regiões, os cereais só representam de 8 a 30% do valor da colheita, e o feno e forragens de 31 a 42%. É possível constatar

que a economia leiteira que aí se desenvolve caracteriza-se igualmente por uma dimensão das farms inferior à média, e por um valor dos produtos e um gasto de capital e mão-de-obra superiores à média.

Nas regiões mais intensivas a quantidade média de terra cultivada por farm se reduz porque esta média é obtida pela adição dos latifúndios e das pequenas farms, cujo número aumenta mais rapidamente que o das farms médias e mesmo o dos latifúndios. Contudo, o capitalismo se desenvolve sob uma dupla forma: pelo crescimento extensivo das explorações que repousam sobre uma base técnica atrasada e pela criação de novas explorações, pequenas e até bem pequenas em relação à sua extensão, e que se dedicam a culturas mercantis especializadas, caracterizadas por uma superfície bastante reduzida, um volume muito grande de produção e um emprego mais amplo do trabalho assalariado.

Daí resulta um fortalecimento máximo dos latifúndios e das maiores explorações, uma eliminação das explorações médias e pequenas, e o desenvolvimento de explorações bastante reduzidas, altamente capitalistas.

Vejam agora de que forma pode ser expresso, com o auxílio das estatísticas, o balanço destas manifestações — aparentemente tão contraditórias — do capitalismo na agricultura.

## **10. As deficiências dos métodos habituais da investigação econômica. As peculiaridades segundo Marx**

O agrupamento das explorações agrícolas segundo a superfície que ocupam ou cultivam é o único utilizado nas estatísticas americanas de 1910 e o único em uso na imensa maioria dos países europeus. De um modo geral, é incontestável que, além de considerações fiscais e administrativas, certas considerações científicas avalizam a necessidade e o acerto de um tal agrupamento. Mas ele é manifestamente insuficiente, pois não considera o processo de intensificação da agricultura, o crescimento dos gastos de capital por unidade de superfície sob a forma de gado, máquinas, grãos selecionados, processos de cultura aperfeiçoados, etc. Ora, precisamente este processo é sempre — com a exceção de um reduzido número de regiões e países onde a agricultura é primitiva e puramente extensiva — o mais característico dos países capitalistas. Ocorre também que, na imensa maioria dos casos, o agrupamento das explorações segundo a sua extensão fornece uma noção muito simplista e aproximativa do desenvolvimento da agricultura em geral, e do capitalismo na agricultura em particular.

Quando se lêem — nos economistas e estatísticos que expressam as concepções burguesas mais difundidas — longas dissertações sobre o tema relativo à diferença entre as condições reinantes na agricultura e na indústria, sobre a especificidade da primeira, etc., etc., sente-se sempre a vontade de adverti-los: Vejam, senhores! Mas sois vós os principais responsáveis pela manutenção e propagação de concepções simplistas e aproximativas relativas à evolução da agricultura! Recordai-vos de O Capital de Marx. Aí encontrareis uma indicação sobre a extraordinária diversidade das formas de propriedade fundiária — feudal, de clã comunal (acrescentemos aqui; constituída pelo direito do primeiro ocupante ou posse), estatal, etc. — que o capital encontra quando de sua aparição na cena histórica. O capital subordina a si e transforma a sua maneira todas estas diferentes formas de propriedade fundiária, contudo para compreender apreciar e expressar este processo com o auxílio de estatísticas e preciso saber modificar as formas de colocar a questão, bem como os processos de análise, em função das diferentes formas que ele, pode assumir. O capitalismo subordina a si tanto a propriedade fundiária comunal quanto a posse ou a propriedade regulamentada por uma livre e gratuita distribuição da terra no quadro de um Estado democrático ou de um Estado feudal (Sibéria ou Far West americano), bem como a propriedade escravista do Sul americano e a propriedade fundiária semifeudal das províncias “autenticamente russas”, O processo de desenvolvimento e triunfo do capitalismo é, em todos estes casos, da mesma natureza, mas ele não se reveste da mesma forma. Para compreendê-lo é estudá-lo com precisão não é possível contentar-se nem com frases pequeno-burguesas estereotipadas acerca da agricultura

“baseada no trabalho familiar”, nem com os processos tradicionais de confrontação apenas das superfícies das terras.

Em seguida encontraremos em Marx uma análise sobre a origem da renda fundiária e tipo capitalista e de suas relações com as formas de renda que a antecederam historicamente, como a renda in natura, a renda de pagamento em trabalho (a corvéia e suas sobrevivências), a renda em dinheiro (tributos, etc.). Ora, qual dos economistas ou estatísticos burgueses, pequeno-burgueses ou populistas pensou — ainda que com pouca seriedade em utilizar estas indicações teóricas fornecidas por Marx para estudar o surgimento do capitalismo a partir da economia escravista do Sul americano ou a partir da economia baseada na corvéia, na Rússia Central?

Por fim, encontraremos em Marx indicações sistemáticas — formuladas ao longo da análise da renda fundiária — sobre a diversidade das condições da agricultura engendrada não apenas pelas diferenças na qualidade e localização dos terrenos, mas também por diferenças no volume dos investimentos de capital na terra. Ora, o que significam estes investimentos? Significam modificações técnicas introduzidas na agricultura, sua intensificação, a passagem a sistemas superiores de cultura, a utilização massiva de adubos artificiais, o aperfeiçoamento dos instrumentos e máquinas, a ampliação de seu emprego, o recurso crescente ao trabalho assalariado, etc. Considerando apenas a superfície, não é possível expressar todos estes processos complexos e diversos, quando é precisamente o seu somatório que caracteriza o processo geral do desenvolvimento do capitalismo na agricultura.

Os estatísticos russos dos zemstvos *(\* Zemstvo, administração local autônoma dirigida pela nobreza nas províncias da Rússia Central, instaurada em 1864; A competência dos zemstvos confinava-se a questões econômicas puramente locais (administração dos hospitais, inspeção da limpeza pública, estatísticas, segurança, etc.). Sua atividade era exercida sob o controle dos governadores e do Ministério do Interior, habilitados para anular as decisões julgadas indesejáveis pelo governo)*, em especial os do “velho bom tempo” pré-revolucionário, adquiriram respeitabilidade por não terem abordado o objeto de seus estudos de uma forma tradicional, apenas do ponto de vista fiscal e administrativo, mas manifestando um certo interesse científico. Eles foram, talvez, os primeiros estatísticos a assinalar a insuficiência do agrupamento das propriedades agrícolas unicamente em função de sua superfície e a introduzir outros processos de agrupamento: segundo a terra semeada, a quantidade de animais de tração, o emprego de mão-de-obra assalariada, etc. Infelizmente, a dispersão e o caráter não-sistemático das estatísticas de nossos zemstvos — que sempre constituíram se assim se pode dizer, um oásis no deserto do obscurantismo feudal, da rotina burocrática e das absurdas papeladas — levaram a que não se conseguisse obter resultados solidamente estabelecidos, nem para a ciência econômica russa, nem para a europa.

Notemos que a questão do agrupamento dos materiais recolhidos pelos recenseamentos agrícolas atuais está longe de ser tão estritamente técnica e especializada quanto pode parecer à primeira vista. Estes materiais fornecem um conjunto extremamente rico e completo de informações sobre cada exploração. Entretanto, dado o modo impensado e rotineiro de reuni-los e agrupá-los, estes materiais são completamente desperdiçados e inutilizados, perdem seu valor e tornam-se, com frequência, impróprios para um estudo das leis de evolução da agricultura. Com base no material recolhido poder-se-ia dizer, sem engano, a propósito de cada exploração; se ela é capitalista e até que ponto; em que medida ela é intensiva, etc.; mas a generalização e resumo dos dados de milhões de explorações faz com que desapareçam as diferenças, os traços específicos, os indícios mais essenciais que, acima de tudo, seria preciso saber destacar, definir e considerar; e o economista só encontra à sua disposição colunas de cifras dispostas de forma rotineira, vazias de sentido, e que constituem um “jogo de algarismos” estatístico, ao invés de uma interpretação racional do material. O recenseamento americano de 1910, sobre o qual nos ocupamos no momento, constitui o exemplo mais eloquente da forma pela qual materiais notadamente ricos e completos foram depreciados e inutilizados pela rotina e indigência científica dos que os interpretaram. Com relação ao recenseamento de 1900, a interpretação dos dados de 1910 é infinitamente pior. Mesmo o agrupamento tradicional das explorações segundo a superfície é incompleto, de tal sorte, que não

temos condições de comparar as explorações dos diferentes grupos quanto, por exemplo, à utilização de trabalho assalariado, à diferença dos sistemas de cultura, ao emprego de adubos, etc. Somos forçados a recorrer ao recenseamento de 1900. Este constitui pelo que conhecemos um exemplo único no mundo do emprego não de um, mas de três processos diferentes de agrupamento ou de “classificação” (como dizem os americanos) de uma documentação extremamente rica, recolhida num mesmo país em uma época determinada, de acordo com um programa único, abrangendo mais de cinco e meio milhões de explorações.

E verdade que, ainda neste caso, nenhum dos agrupamentos foi levado a efeito integralmente, no tocante a todos os índices essenciais sobre o tipo e grandeza da exploração. Apesar disto, o quadro da agricultura capitalista e de sua evolução é, como esperamos demonstrar, infinitamente mais completo e reflete de uma forma muito mais fiel a realidade, do que o processo único e convencional de agrupamento, que é unilateral e insuficiente. Os erros e preconceitos mais profundos da economia política burguesa, pequeno-burguesa e populista revelam-se e são desmistificados a partir do momento em que surge a possibilidade de se estudar, de uma forma mais completa, os fatos e tendências que podem ser caracterizados como sendo comuns a todos os países capitalistas do mundo.

Dada a importância capital dos dados em questão, será necessário que nos detenhamos aí de uma maneira particularmente minuciosa, e que recorramos aos quadros de uma forma mais freqüente do que fizemos até o momento. Compreendendo perfeitamente como os quadros sobrecarregam o texto e dificultam a leitura, até aqui nos esforçamos para reduzi-los ao mínimo estritamente necessário. Esperamos que o leitor não nos queira mal se acharmos conveniente aumentar este mínimo, pois é da análise das questões colocadas aqui que depende não apenas a conclusão geral sobre a questão essencial – a da tendência, tipo, e caráter da lei de evolução da agricultura moderna -, como também a apreciação de todos os dados das estatísticas agrícolas modernas em geral, tão frequentemente citados e tantas vezes deformados.

O primeiro agrupamento — “segundo a terra” — fornece o seguinte quadro da agricultura americana em 1900:

Grupos de farms (em acres)	Número de farms em percentagem do número total	Quantidade global de terra (em percentagem do total)	Da terra cultivada em acres	Dos gastos com mão de obra assalariada (em dólares)	Do valor do produto (em dólares)**	Do valor dos instrumentos e máquinas (em dólares)
Até 3	0,7	- *	1,7	77	592	53
De 3 a 10	4,0	0,2	5,6	18	203	42
De 10 a 20	7,1	0,7	12,6	16	236	41
De 20 a 50	21,9	4,9	26,2	18	324	54
De 50 a 100	23,8	11,7	49,3	33	503	106
De 100 a 175	24,8	22,9	83,2	60	721	155
De 175 a 260	8,5	12,3	129,0	109	1054	211
De 260 a 500	6,6	15,4	191,4	166	1354	263
De 500 a 1000	1,8	8,1	287,5	312	1913	377
De 1000 e mais	0,8	23,8	520,0	1.059	5334	1222
Total	100,0	100,0	72,3	--	656	133

\* Menos de 0,1%

\*\* O valor do produto não inclui os produtos destinados à alimentação do gado.

Pode-se afirmar, com certeza, que as estatísticas de qualquer país capitalista fornecerão um quadro bastante semelhante. As diferenças só podem ter por objeto detalhes sem importância; é o que confirmam os últimos recenseamentos da Alemanha, Austrália, Hungria, Suíça e Dinamarca. A medida que aumenta a superfície total das propriedades ocorre, de um grupo a outro, um aumento da quantidade média de terra cultivada, do valor médio do produto, do valor dos instrumentos e máquinas, do valor do ido (omitimos estas cifras), e dos gastos com mão-de-obra assalariada. (Já



discutimos o significado da pequena exceção constituída pelas farms que possuem até 3 acres e, parcialmente, pela. propriedades de 3 a 10 acres).

Aparentemente, não poderia ser de outro modo. O crescimento dos gastos com mão-de-obra assalariada parece fornecer a prova indiscutível de que a divisão das explorações em pequenas e grandes, de acordo com a sua superfície, corresponde inteiramente à sua divisão das explorações em pequenas e grandes, de acordo com a sua superfície, corresponde inteiramente à sua divisão em não-capitalistas e capitalistas. Nove décimos das análises convencionais sobre a “pequena” agricultura repousam nesta identificação e neste gênero de dados.

Tomemos agora as cifras médias, não por farm, mas por acre de superfície:

Montante em dólares, por acre de superfície total.

<b>Grupos de farms (em acres)</b>	<b>Dos gastos com mão de obra assalariada</b>	<b>Das despesas com adubos</b>	<b>Do valor do conjunto do gado</b>	<b>Do valor dos instrumentos e máquinas</b>
Até 3	40,30	2,36	456,76	27,57
De 3 a 10	2,95	0,60	16,32	6,71
De 10 a 20	1,12	0,33	8,30	2,95
De 20 a 50	0,55	0,20	5,21	1,65
De 50 a 100	0,46	0,12	4,51	1,47
De 100 a 175	0,45	0,07	4,09	1,14
De 175 a 260	0,52	0,07	3,96	1,00
De 260 a 500	0,48	0,04	3,61	0,77
De 500 a 1000	0,47	0,03	3,16	0,57
De 1000 e mais	0,25	0,02	2,15	0,29

Com algumas exceções quase mínimas, podemos constatar dos grupos inferiores aos superiores, uma redução regular dos indicadores característicos das explorações intensivas.

Aparentemente chega-se à conclusão, absolutamente indiscutível, de que a “pequena” produção agrícola é mais intensiva que a grande, que a redução do “volume” da produção é acompanhada de um crescimento de intensidade e produtividade da agricultura, e que, “como consequência”, a produção capitalista na agricultura só se realiza pelo caráter extensivo, primitivo da exploração, etc., etc.

Dado que em qualquer país capitalista, se se agrupam as explorações em função de sua superfície (e esta não é apenas a forma de agrupamento habitual, mas quase a única em uso), pode-se obter um quadro absolutamente idêntico e que apresente a mesma redução dos indicadores de intensidade da agricultura, dos grupos inferiores aos superiores, encontramos constantemente estas conclusões em toda a literatura burguesa e pequeno-burguesa (oportunistas-“marxista” e populista). Recordai-vos, por exemplo, da famosa obra do famoso Edouard David, esta compilação de mentiras e preconceitos burgueses camuflados sob vocábulos “pseudo-socialistas”: O Socialismo na Agricultura Aí se demonstra, exatamente com a ajuda de dados deste gênero, a “superioridade”, a “viabilidade”, etc. da “pequena” produção.

Estas deduções são particularmente facilitadas pelo fato de que, habitualmente, existem dados análogos aos que citamos em relação à quantidade de gado, mas quase nunca a respeito do trabalho assalariado (sobretudo numa forma tão global como o total de gastos com mão-de-obra assalariada). Entretanto, são justamente os dados sobre o trabalho assalariado que traem a falsidade de todas estas deduções. Com efeito, se, por exemplo, o valor do gado aumenta (ou, o que vem a dar no mesmo, se cresce a quantidade global de gado) por unidade de superfície, à medida que diminui a extensão da exploração, isto comprova a “superioridade” da “pequena” agricultura; esta “superioridade” aparece ligada ao aumento dos gastos com mão-de-obra assalariada, à medida que diminui a extensão da exploração! Ora, este aumento de gastos com mão-de-obra assalariada (ressalte-se que se trata sempre de grandezas relacionadas com a unidade de superfície, acre, hectare, decaire) constitui o indicador de um crescimento do caráter capitalista da exploração! E o

caráter capitalista da exploração está em contradição com a noção habitual – a mais difundida – de “pequena” produção, pois por pequena produção se entende aquela que não repousa no trabalho assalariado.

Aparentemente, está-se em presença de um emaranhado de contradições. Os dados gerais relativos às explorações segundo sua superfície mostram que as pequenas explorações não são capitalistas, e que as grandes o são. E estes mesmos dados atestam que, quanto “menor” é a empresa, mais intensiva é a exploração e maior o montante de gastos com mão-de-obra por unidade de superfície! Com o propósito de esclarecer as coisas, examinemos um outro modo de agrupamento.

### **11. Uma comparação mais precisa entre as pequenas e grandes explorações**

Como já indicamos, as estatísticas americanas consideram, neste caso, o valor global dos produtos da exploração após subtrair os que são utilizados na alimentação do gado. Tomados separadamente, os dados deste gênero — que talvez só existam nas estatísticas americanas — são evidentemente menos precisos que os relativos à quantidade de terra ou de gado, etc. Contudo, considerados no seu conjunto, em relação a vários milhões de explorações, e aplicados em particular para definir as relações existentes entre os diferentes grupos de exploração em escala nacional, estes dados não poderiam, sem dúvida, ser considerados como menos úteis que os outros. Em todo caso, eles revelam de forma bem mais direta que outros o volume da produção, e notadamente da produção mercantil, em seja, o montante global dos produtos destinados à venda. E todas as discussões sobre a evolução da agricultura e as leis desta evolução centram-se, precisamente, na pequena e na grande produção.

Mais ainda. Trata-se sempre, nestes casos, da evolução da agricultura no regime capitalista, ou vinculada ao capitalismo, ou sob sua influência, etc. Para avaliar esta influência é preciso antes e acima de tudo fazer um esforço para separar, na agricultura, a economia natural da economia mercantil. Todos sabem que a economia natural, ou seja, a produção que não é voltada para o mercado, mas para o consumo da própria família da farm, desempenha um papel relativamente importante na agricultura, e que ela só cede lugar à agricultura mercantil de forma bastante lenta. E se, neste caso, forem aplicadas as teses teóricas já estabelecidas pela economia política, não de uma forma estereotipada e mecânica, mas criteriosamente, veremos, por exemplo, que a lei da eliminação da pequena produção pela grande só pode ser aplicada à agricultura mercantil. Sem dúvida, não existe ninguém que, do ponto de vista teórico, possa contestar esta tese. E, no entanto são extremamente raros os economistas e estatísticos que façam um esforço especial para destacar, investigar e, na medida do possível, estimar os índices que comprovam a transformação da agricultura natural em agricultura mercantil. O agrupamento das explorações de acordo com o valor em dinheiro dos produtos não destinados à alimentação do gado constitui um grande passo no sentido da realização desta exigência teórica de importância fundamental.

Observemos que quando se fala da indiscutível eliminação da pequena produção pela grande na indústria, as empresas industriais são sempre agrupadas segundo o montante global da produção ou de acordo com o número de operários assalariados. Na indústria, as coisas são bem mais simples, em decorrência de suas peculiaridades técnicas. Na agricultura, onde as relações são infinitamente mais complexas e emaranhadas, torna-se bem mais difícil definir o volume da produção e o valor em dinheiro dos produtos, assim como as proporções em que se utiliza o trabalho assalariado. Neste último caso é indispensável considerar o somatório anual total do trabalho assalariado, e não o número de operários existentes no dia do recenseamento, pois a produção agrícola possui um caráter particularmente sazonal; em seguida, é indispensável considerar não apenas os trabalhadores assalariados permanentes, mas também os diaristas, que desempenham um papel extremamente importante na agricultura. Entretanto, difícil não significa impossível. O emprego de processos racionais, adaptados às particularidades técnicas da agricultura, notadamente o de agrupamentos segundo a importância da produção, o montante do valor dos produtos, a frequência e as proporções do emprego de trabalho assalariado, deverá ser desenvolvido e abrir caminho na rede cerrada dos

preconceitos burgueses e pequeno-burgueses, nas tendências a embelezar a realidade burguesa. E é possível afoitamente assegurar que qualquer passo à frente no emprego de processos de investigação racionais assinalará um progresso na confirmação desta verdade: na sociedade capitalista, a pequena produção é eliminada pela grande, não apenas na indústria, mas também na agricultura.

Eis os dados sobre os grupos de explorações segundo a Importância em valor de seu produto, na América de 1900:

Média por farm

Grupos de farms segundo o valor do produto em dólares	Numero de farms	Superfície global	Da terra cultivada em dólares	Dos gastos de mão de obra assalariada (em dólares)	Do valor dos instrumentos e máquinas
	(em % do total)				
0	0,9	1,8	33,4	24	54
1 a 50	2,9	1,2	18,2	4	24
50 a 100	5,3	2,1	20,0	4	28
100 a 250	21,8	10,1	29,2	7	42
250 a 500	27,9	18,1	48,2	18	78
500 a 1000	24,0	23,6	84,0	52	154
1000 a 2500	14,5	23,2	150,5	158	283
2500 e mais	2,7	19,9	322,3	786	781
Total	100,0	100,0	72,3	---	133

Provavelmente fazem parte das farms sem renda, cuja produção é estimada em O (zero), em primeiro lugar as terras doadas pelo governo (homesteads), recentemente ocupadas, nas quais o proprietário ainda não teve tempo de construir as instalações, cuidar do gado, semear, colher. Em um país como a América, em que a colonização está tão desenvolvida, saber há quanto tempo um proprietário detém a posse de sua farm apresenta uma importância particular.

Se deixarmos de lado as farms sem renda, obteremos um quadro semelhante ao apresentado pelo agrupamento destes dados segundo a superfície total (quadro já mostrado). À medida que cresce o valor dos produtos da farm, cresce também a média de terra cultivada, a média dos gastos com mão-de-obra, e o valor médio dos instrumentos e máquinas. De um modo geral, as farms que apresentam maior rendimento (considerando a renda bruta, ou seja, o valor de todos os produtos), são também as que possuem a maior superfície. Visivelmente, este novo modo de agrupamento não apresenta nada de novo.

Contudo, tomemos agora as médias (do valor do gado e dos instrumentos, dos gastos com mão-de-obra e despesas com adubos), não mais por farm, mas por acre de terra:

Montante em dólares, por acre de superfície total

Grupos de farms segundo o valor do produto em dólares	Dos gastos com mão-de-obra	Das despesas com adubos	Do valor do conjunto do gado	Do valor dos instrumentos e máquinas
0	0,08	0,01	2,97	0,19
1 a 50	0,06	0,01	1,78	0,38
50 a 100	0,08	0,03	2,01	0,48
100 a 250	0,11	0,05	2,46	0,62
250 a 500	0,19	0,07	3,00	0,82
500 a 1000	0,36	0,07	3,75	1,07
1000 a 2500	0,67	0,08	4,63	1,21
2500 e mais	0,72	0,06	3,98	0,72

Sob certos aspectos, as farms sem renda, que ocupam no conjunto uma situação inteiramente particular, e as farms com rendimentos mais elevados que, em três dos quatro indicadores que

consideramos, são menos intensivas que o grupo vizinho, constituem uma exceção. De uma maneira geral, constatamos uma elevação regular da intensidade da agricultura à medida que aumenta o valor dos produtos da farm.

Este quadro está em oposição direta ao correspondente ao agrupamento das explorações de acordo com sua superfície.

Os mesmos materiais fornecem conclusões diametralmente opostas, segundo o modo de agrupamento.

Quando a exploração cresce em magnitude, a intensidade da agricultura se reduz, se se julga a magnitude pela superfície da exploração; ela aumenta, se se julga a magnitude pelo valor da produção.

Qual das duas conclusões é correta?

E evidente que a superfície não pode fornecer nenhuma idéia sobre a escala ou magnitude da exploração agrícola, se aí a terra não é trabalhada (não nos esqueçamos de que na América toma-se como base do agrupamento, não apenas a superfície cultivada, mas a superfície total, e que a percentagem de terra cultivada oscila entre 19 e 91% segundo os grupos de explorações, e entre 21 e 75% segundo as regiões); ela não pode fornecer nenhuma idéia justa se, num grande número de casos, existem, entre as diferentes explorações, diferenças essenciais no tocante aos processos de trabalho, intensidade da agricultura, sistemas de cultura, quantidade de adubos, emprego de máquinas, caráter da pecuária, etc.

Evidentemente, é isto que ocorre em todos os países capitalistas, e mesmo naqueles países onde a agricultura tenha sido afetada pelo capitalismo.

Conhecemos agora uma das razões mais profundas e gerais da persistência de opiniões errôneas sobre a “superioridade” da pequena agricultura, da facilidade com que os preconceitos burgueses e pequeno-burgueses deste tipo continuam a se manter, a despeito do grande progresso registrado nas estatísticas sociais, e notadamente nas agrícolas, no curso destas últimas décadas. E é claro que a persistência destes erros e preconceitos é sustentada ainda pelos interesses da burguesia, que se esforça para encobrir a profundidade das contradições de classe da sociedade burguesa contemporânea; ora, quando os interesses estão em jogo, chega-se, como se sabe, a contestar as verdades mais indiscutíveis.

Entretanto, não nos limitaremos aqui a analisar as fontes teóricas da visão errônea sobre a “superioridade” da pequena agricultura. E não resta a menor dúvida de que, entre estas fontes uma das principais é a atitude não crítica, rotineira, em relação a processos tradicionais que consistem em só comparar as explorações segundo a sua superfície total ou a extensão de terra cultivada.

Os Estados Unidos da América constituem uma exceção entre todos os países capitalistas, no sentido de que neste país ainda existe uma grande quantidade de terras não ocupadas, disponíveis, distribuídas gratuitamente. A agricultura ainda pode se desenvolver aí — e efetivamente se desenvolve — através da apropriação de terras não ocupadas, pelo cultivo de terras até então não trabalhadas; neste caso, ela se desenvolve sob a forma mais primitiva e extensiva de agricultura e pecuária. Nada existe de semelhante nos velhos países civilizados da Europa capitalista. A agricultura européia se desenvolve, sobretudo sob a forma intensiva, não pelo crescimento da quantidade de terra cultivada, mas pela melhoria da qualidade do trabalho e da terra, pelo aumento do capital investido. E é esta via fundamental do desenvolvimento da agricultura capitalista (que se torna, gradualmente, também a americana) que perdemos de vista aqueles que se limitam a comparar as explorações unicamente de acordo com a sua superfície.

A via fundamental do desenvolvimento da agricultura capitalista consiste precisamente em que a pequena exploração, permanecendo pequena pela extensão de terra, transforma em grande exploração pelo volume da produção, desenvolvimento da pecuária, quantidade de adubos utilizados, desenvolvimento do emprego de máquinas, etc.

Portanto, é absolutamente falso concluir, após uma comparação das explorações agrupadas segundo a sua superfície, qual medida que a exploração cresce em dimensão, a agricultura torna-se menos intensiva. Ao contrário, a única conclusão correta é aquela a que se chega quando se comparam as

explorações segundo o valor de seus produtos: à medida que a exploração ganha em magnitude, a agricultura torna-se mais intensiva.

E isto porque a quantidade de terra só comprova indiretamente a importância da exploração, e esta “comprovação” tem um valor tanto menor quanto mais ampla e rápida é a intensificação da agricultura. Quanto ao valor dos produtos da exploração, ele atesta sua importância, não indiretamente, mas diretamente e em todas as situações. Quando se fala da pequena agricultura, pensa-se sempre naquela que não repousa no trabalho assalariado. Ora, a passagem à exploração de trabalhadores assalariados está condicionada não apenas pela extensão da unidade agrícola, conservando-se a sua antiga base técnica (o que só ocorre numa economia extensiva, primitiva), mas também pelo aperfeiçoamento e modernização da técnica, pela aplicação numa mesma superfície de terreno de um capital suplementar sob a forma, por exemplo, de novas máquinas ou de adubos artificiais, ou do aumento e melhoria do gado, etc.

O agrupamento segundo o valor dos produtos da farm reúne as explorações que se caracterizam, realmente, por um volume idêntico de produção, independentemente da quantidade de terra que possuam. Uma exploração altamente intensiva numa pequena parcela entra, neste caso, no mesmo grupo que uma exploração relativamente extensiva de uma grande superfície; e estas duas explorações serão de fato grandes, tanto pelo volume da produção, quanto pelo nível de emprego do trabalho assalariado.

Ao contrário, o agrupamento de acordo com a superfície classifica na mesma categoria explorações grandes e pequenas, apenas por sua semelhança quanto à superfície de terra possuída; ele reúne explorações inteiramente diversas, algumas com predomínio do trabalho familiar, e outras onde predomina o trabalho assalariado. Daí decorre o quadro radicalmente falso, que deforma por completo o estado de coisas real, mas que agrada bastante à burguesia; um quadro que atenua as contradições de classe no regime capitalista, donde um embelezamento não menos falso e não menos do agrado da burguesia, da situação dos pequenos agricultores, e uma apologia do capitalismo.

Com efeito, a tendência fundamental e principal do capitalismo consiste na eliminação da pequena produção pela grande, tanto na indústria quanto na agricultura. Contudo, esta eliminação não deve ser compreendida apenas no sentido de uma expropriação imediata. Ela pode também assumir a forma de um longo processo de ruína, de deterioração da situação econômica dos pequenos agricultores, capaz de se estender por anos e por décadas. Esta deterioração se traduz no trabalho excessivo ou na péssima alimentação do pequeno agricultor, no seu endividamento, no fato de que o gado é mal alimentado e, em geral, de baixa qualidade, a terra não é bem cultivada, trabalhada, adubada, etc.; não há progresso técnico, etc. A tarefa do pesquisador, se ele não deseja ser acusado de complacência voluntária ou involuntária para com a burguesia, embelezando a situação dos pequenos agricultores arruinados e esmagados, consiste antes de tudo e, sobretudo em definir com precisão os indicadores desta ruína, que estão longe de ser simples e uniformes; depois, em elucidá-los e estimar, na medida do possível, a amplitude de sua propagação e modificação no tempo. Este aspecto particularmente importante da questão é dos que menos atraem a atenção dos economistas burgueses.

Imaginar que, a 90 agricultores (que não possuam capital para melhorar sua exploração, que se atrasem em relação à sua época e se arruinem progressivamente), o estatístico acrescenta 10 agricultores que possuam capital suficiente e que em seus lotes de terra, também reduzidos, organizem uma produção importante e que repouse no trabalho assalariado. Isto fornecerá, como média, um quadro embelezado da situação do conjunto destes cem agricultores.

Foi este quadro embelezado — e que objetivamente favorece a burguesia — que o recenseamento americano de 1910 apresentou, dado que ele rejeitou a comparação feita em 1900 entre o agrupamento segundo a superfície e o agrupamento segundo o valor da produção. Limitou-se, por exemplo, a indicar que as despesas com adubo, cresceram consideravelmente, em 115% para ser preciso, ou seja, elas mais que dobraram, enquanto os gastos com mão de obra assalariada aumentaram em apenas 82% o valor global da colheita em 83%. O progresso é notável e constitui um progresso da agricultura nacional. E sem dúvida haverá um economista para concluir, se já não

o fez, que aí se manifesta um progresso da pequena agricultura “baseada no familiar”, pois, falando de uma forma geral, os dados -- as explorações agrupadas em função da superfície que a ‘pequena’ agricultura está claramente na vanguarda no tocante às despesas com adubos por acre de terra.

Mas sabemos agora que uma tal conclusão seria falsa, pois o agrupamento das explorações segundo a superfície reúne precisamente os pequenos agricultores arruinados ou, no mínimo, premidos pela necessidade, e que não têm condições de comprar adubos; e capitalistas — pequenos por certo, mas ainda capitalistas — que dirigem em pequenos lotes de terra explorações modernas, intensivas, com um grande volume econômico e empregando trabalhadores assalariados.

Se a pequena agricultura é, via de regra, eliminada pela grande, como mostram os dados sobre o valor global dos bens possuídos pelas farms em 1900 e 1910; se, como veremos, os cultivos altamente capitalistas desenvolveram-se de uma forma particularmente rápida no curso deste período, em parcelas de pequena extensão; se, segundo os dados gerais relativos às explorações, classificadas como pequenas ou grandes em função do valor de seus produtos, as despesas com fertilizantes se elevam proporcionalmente à magnitude da empresa; então resulta claramente a conclusão de que o “progresso” no emprego de fertilizantes entre 1900 e 1910 reforçou ainda mais a superioridade da agricultura capitalista sobre a agricultura em pequena escala, a qual foi ainda mais substituída, asfixiada.

## 12. Os diferentes tipos de explorações na agricultura

O que acabamos de dizer a respeito de explorações capitalistas importantes e intensivas, desenvolvidas em terrenos de pequena extensão, invoca a seguinte questão: existem fundamentos para se pensar que a intensificação da agricultura deva conduzir a uma redução de superfície da exploração? Em outros termos, existem condições vinculadas à própria técnica da agricultura moderna, que exijam uma redução da superfície da exploração para que a agricultura se torne mais intensiva?

Nem as considerações teóricas abstratas, nem os exemplos, podem fornecer uma resposta a esta questão. Trata-se do nível concreto da técnica em determinadas condições da agricultura, e do valor concreto do capital necessário a um determinado sistema de exploração. Em teoria, é possível conceber qualquer investimento de capital, de qualquer ordem de grandeza, em qualquer quantidade de terra; mas o certo é que “isto depende” das condições econômicas, técnicas, culturais, etc., existentes, e toda a questão consiste precisamente em saber quais são as condições existentes em um determinado momento em um país determinado. Os exemplos não são convenientes, pois, num domínio de tendências tão complexas, diversas, confusas e contraditórias, como o da economia da agricultura moderna, é sempre possível encontrar exemplos que confirmem opiniões opostas. É necessário aqui, antes de tudo e mais que em qualquer outra parte, um panorama do processo no seu conjunto, considerando todas as tendências, e resumi-las na forma de uma resultante,

O terceiro sistema de agrupamento utilizado pelos estatísticos americanos, em 1900, permite responder a questão levantada. Trata-se do agrupamento segundo a principal fonte de renda. A partir deste indicador todas as farms são repartidas entre as seguintes categorias: 1 . feno e cereais como principais fontes de renda; 2. mistas; 3. pecuária; 4. algodão; 5. legumes; 6, frutas 7, laticínios; 8. tabaco; 9. arroz; 10. açúcar; 11 . flores 12. produtos de estufa; 13. colocásia \* {\* *Planta tropical cujas raízes e folhas cozidas se utilizam como alimento; parecida com taioba. (Nota da edição brasileira.)*}; 14. café. Em conjunto as sete últimas categorias (8-14), representam apenas 2,2% do número total das propriedades, ou seja, uma fração da ínfima que não nos deteremos aí mais pormenorizadamente. Por seu caráter e importância econômica estas categorias inteiramente semelhantes às três precedentes (5-7), e com alas um único e mesmo tipo.

Eis os dados que caracterizam estas diferentes propriedades:

Média em dólares por acre de superfície total

Grupos de farms segundo a principal fonte de riqueza	Porcentagem do número total de farms	Quantidade média de terra p/ farm	Superfície total cultivada	Gastos com mão de obra assalariada	Despesas com adubos	Valor dos instrumentos e máquinas	Valor do conjunto do gado
Feno e cereais	23,0	159,3	111,1	0,47	0,04	1,04	3,17
Mistas	18,5	106,8	46,5	0,35	0,08	0,94	2,73
Pecuária	27,3	226,9	86,1	0,29	0,02	0,66	4,45
Algodão	18,7	83,6	42,5	0,30	0,14	0,53	2,11
Legumes	2,7	65,1	33,8	1,62	0,59	2,12	3,74
Frutas	1,4	74,8	41,6	2,46	0,30	2,34	3,35
Prod. Leiteiros	6,2	121,9	63,2	0,86	0,09	1,66	5,58
Conjunto das farms	100,0	146,6	72,3	0,43	0,07	0,90	3,66

Verificamos que as duas primeiras categorias (feno e cereais; mistas), podem ser classificadas como médias, tanto pelo grau de desenvolvimento do caráter capitalista da exploração (os gastos com mão-de-obra assalariada são os mais próximos da média: 0,35-0,45, enquanto a média é de 0,43 para o conjunto dos Estados Unidos), quanto pela intensidade da agricultura. Todos os indicadores da intensidade da exploração (despesas com adubos, valor das máquinas e do gado por acre de terra) são os mais próximos da média geral para o conjunto dos Estados Unidos.

Não há dúvida de que estes dois grupos sejam particularmente típicos da maioria das explorações agrícolas em geral. O feno e os cereais, seguidos do conjunto dos diversos produtos agrícolas (as fontes “mistas” de renda), são os principais tipos de explorações agrícolas em todos os países. Seria bastante interessante possuir dados mais detalhados sobre estes grupos para, por exemplo, subdividi-los em grupos mais ou menos mercantis, etc. Contudo, como vimos, as estatísticas americanas, após terem dado um passo nesta direção, não mais avançaram, mas recuaram.

As duas categorias seguintes — pecuária e algodão — fornecem o exemplo das farms menos capitalistas (gastos com mão-de-obra assalariada: 0,29-0,30, para uma média de 0,43), e cuja agricultura menos intensiva. O valor global dos instrumentos e máquinas é nitidamente inferior à média (0,66 e 0,53 contra 0,90). É óbvio que a quantidade média de gado por acre nas farms cujo rendimento essencial é fornecido pela pecuária, é maior do que a média para os Estados Unidos (4,43 contra 3,66); mas trata-se, evidentemente, de uma pecuária extensiva: as despesas com adubos reduzem-se à taxa mínima, a dimensão média das farms é a maior (226,9 acres), a proporção de terra cultivada é a menor (86,1 acres sobre 226,9). O consumo de adubos nas explorações algodoeiras é superior à média, mas os outros índices de intensidade da agricultura (valor do gado e das máquinas por acre de terra), são os mais baixos.

Enfim, nas três últimas categorias (legumes, frutas e produtos leiteiros), as farms são, em primeiro lugar, as mais reduzidas (33-63 acres de terra cultivada contra 42-8 e 46-111 nas outras categorias); em segundo lugar, as mais capitalistas: os gastos com mão-de-obra assalariada são os mais elevados, de 2 a 6 vezes superiores à média; em terceiro lugar, as mais intensivas. Quase todos os índices de intensidade da agricultura são aqui superiores à média: as despesas com adubos, o valor das máquinas, o valor do gado (unia pequena exceção é constituída pelas farms frutíferas que, neste aspecto, estão abaixo da média, permanecendo superiores às farms que retiram sua renda, sobretudo do feno e dos cereais).

Passemos agora a estudar o lugar exato ocupado por estas farms altamente capitalistas no conjunto da economia do país. Mas antes devemos nos deter um pouco mais em seu caráter intensivo.

Consideremos as farms que retiram seu principal rendimento dos legumes. Sabe-se que em todos os países capitalistas o desenvolvimento das cidades, fábricas, cidades industriais, terminais ferroviários, portos, etc., provoca uma demanda crescente de produtos deste gênero, faz subir seus preços, aumenta o número de empresas agrícolas que os produzem para a venda.

A exploração “hortigranjeira” média possui uma superfície cultivada três vezes menor que a da farm “comum”, que retira sua renda, sobretudo do feno e dos cereais: a primeira é de 33,8 acres, a de 111, 1. O que significa que uma determinada técnica para um determinado tipo de acumulação

de capital na agricultura, requer dimensões menores, quando se trata de uma farm hortigranjeira; em outros termos, para investir um agricultura e obter um lucro que não seja inferior à média, é necessário, no atual estágio técnico, uma superfície para urna exploração que produza legumes do que para que produza feno e cereais.

Mais ainda, O desenvolvimento do capitalismo na agricultura consiste, acima de tudo, na passagem da agricultura natural à agricultura mercantil. Isto é sempre esquecido, e é preciso que se insista continuamente neste ponto. Quanto ao desenvolvimento da agricultura mercantil, ele não segue, de forma alguma, a via “simples” imaginada ou suposta pelos economistas burgueses, e que consistiria no crescimento da produção dos mesmos produtos. Não, O desenvolvimento da agricultura mercantil consiste, com maior freqüência, na passagem de uma determinada produção à outra, A passagem da produção do feno e dos cereais à dos legumes insere-se precisamente nestas transformações em curso. Mas o que significa uma tal passagem cai relação à questão que nos interessa, a da superfície da exploração e do desenvolvimento do capitalismo na agricultura?

Ela significa o desmembramento da “grande” farm de 111,1 acres, em mais de três “pequenas” farms de 33,8 acres, A produção da antiga farm era de 760 dólares (valor médio dos produtos, deduzidos os que servem para alimentar o gado) numa farrn cuja renda principal é obtida do feno e cereais, A produção de cada nova farm é de 665 dólares, O que perfaz um total de  $665 \times 3 = 1.995$  dólares, ou seja, mais do dobro.

A eliminação da pequena produção pela grande faz-se acompanhar de uma redução da superfície da exploração.

A média de gastos com mão-de-obra, que era de 76 dólares na antiga farm, eleva-se a 106 dólares na nova, ou seja, um aumento próximo da metade, enquanto a superfície se reduz em mais de três vezes. As despesas com adubos passam de 0,04 dólares por acre a 0,59 dólares, aumentando de quase 15 vezes; o valor dos instrumentos e máquinas dobrou, passando de 1,04 a 2,12 dólares.

Alguém objetará, como se faz habitualmente, que o número destas farms tipicamente capitalistas, que praticam culturas especiais, “mercantis”, é insignificante em relação ao número total de explorações. Ma nós responderemos, em primeiro lugar, que o número e o papel de tais jarras, seu papel econômico, é infinitamente superior ao que geralmente se supõe; em segundo lugar, e aí está o essencial, que são precisamente estas culturas que crescem com maior rapidez nos países capitalistas. Por isto, a redução da superfície da exploração, acompanhada de um processo de intensificação da agricultura significa, com muita freqüência, um aumento, e não uma redução do volume econômico da produção; um acréscimo, e não uma redução da exploração do trabalho assalariado,

Eis a este respeito dados precisos fornecidos pelos estatísticos americanos, abrangendo o conjunto do país. Consideremos todas as culturas especiais ou “mercantis”, enumeradas acima sob as rubricas 5 a 14: legumes, frutas, laticínios, tabaco, arroz, açúcar, flores, produtos de estufa, colocásia e café. Em 1900, nos Estados Unidos, o número de farms nas quais estes produtos constituíam a principal fonte de renda elevava-se a 12,5% do número total. Trata-se, portanto, de uma pequena minoria correspondente à oitava parte. A superfície destas farms representava 8,6% da superfície total, ou seja, apenas 1/12. Mas prossigamos. Consideremos o valor global dos produtos de toda a agricultura americana, com exceção daqueles que servem para alimentar o gado. Sobre este valor, a participação das farms acima já é de 16%, ou seja, uma proporção quase duas vezes superior à da terra.

O que significa dizer que, nestas farms, a produtividade do trabalho e da terra é quase duas vezes superior à média.

Consideremos o montante global dos gastos com mão de obra assalariada na agricultura americana. A parcela das farras mencionadas acima é aqui de 26,6%, ou seja, mais de 1/4 do total; ela supera em mais de três vezes a percentagem de terra e é mais de três vezes superior à média. O que equivale a dizer que o caráter capitalista destas farms é claramente superior à média.

Sua participação no valor global dos instrumentos e máquinas é de 20,1%, e de 31,7% no somatório global das despesas com adubos, ou seja, um pouco menos que 1/3 da soma global, cerca de quatro vezes maior que à média.



Conseqüentemente, chegamos ao fato incontestável, válido para todo o país no seu conjunto, de que as farras particularmente intensivas têm uma superfície particularmente pequena, um emprego particularmente grande de trabalho assalariado, uma produtividade do trabalho particularmente elevada; e que o papel econômico destas jarras no conjunto da agricultura do país considerado supera em duas, três ou mais vezes sua participação percentual no número total de jarras, para não falar de sua participação na superfície total.

O papel destas culturas e farms altamente capitalistas e intensivas diminui ou aumenta com o tempo, em relação às outras propriedades e culturas?

A comparação dos dois últimos recenseamentos fornece, seguramente, uma resposta afirmativa no sentido de um crescimento deste papel. Consideremos a superfície ocupada pelas diferentes culturas. De 1900 a 1910 a superfície cultivada com cereais de todas as espécies só aumentou em 3,5% nos Estados Unidos; a ocupada pelas favas, ervilhas, etc., em 26,6%; a ocupada com feno e plantas forrageiras, em 17,2%; pelo algodão, em 32,0%; pelos legumes, em 25,5%; pela beterraba açucareira, a cana-de-açúcar, etc., em 62,6%.

Consideremos os dados sobre a produção agrícola. De 1900 a 1910, a colheita global de cereais aumentou em apenas 1,7%; a de favas, em 122,2%; a de feno e plantas forrageiras, em 23,0%; a de beterraba açucareira, em 395,7%; a de cana-de-açúcar, em 48,5%; a de batatas, em 42,4%; a de uvas, em 97,6%; se em 1910, a colheita de bagas\* { \* *Baga, nome genérico dos frutos de polpa mole e sem caroço, mas com mais de uma semente, como a uva, por exemplo. (Nota da edição brasileira.)* }, maçãs, etc., foi ruim, a de laranjas e limões triplicou, etc.

Assim, fica demonstrado para o conjunto da agricultura americana este fato paradoxal e, contudo incontestável de que, de uma maneira geral, não apenas se processa uma eliminação da pequena produção pela grande, mas que esta eliminação reveste-se da seguinte forma:

A eliminação da pequena produção pela grande consiste na eliminação das farms “maiores” quanto à superfície, mas menos produtivas, menos intensivas e menos capitalistas, pelas farms “menores” quanto à superfície, mas mais produtivas, mais intensivas e mais capitalistas.

### **13. Como se minimiza a eliminação da pequena produção pela grande na agricultura**

Alguém poderia objetar: se a eliminação da pequena produção se realiza “também” sob a forma da intensificação (e da “capitalização”) da economia nas farms menores, seria possível de um modo geral considerar como possuindo algum valor o agrupamento segundo a superfície? Não existiriam, a partir daí, duas tendências opostas, tornando impossível qualquer conclusão, por mais geral que fosse?

Para responder a esta objeção é necessário apresentar todo o conjunto da agricultura americana e sua evolução. Para isto, é preciso tentar comparar e confrontar os três agrupamentos que representam, por assim dizer, o máximo fornecido pelas estatísticas sociais no domínio da agricultura no curso dos últimos anos.

Esta comparação e confrontação são possíveis. Elas só requerem a constituição de um quadro que, à primeira vista, pode parecer bastante abstrato e complexo e, como consequência, de natureza a “enfadar” o leitor. Entretanto, com um esforço de atenção relativamente mínimo, a “leitura”, assimilação e análise deste quadro não oferecem qualquer dificuldade.

Para comparar os três diferentes agrupamentos é preciso considerar apenas os percentuais dos diferentes grupos. Os cálculos correspondentes são todos fornecidos pelo recenseamento americano de 1900. Reduzimos cada tipo de agrupamento a três grupos principais. Quanto à superfície, consideramos:

1. as pequenas farms (até 100 acres); 2. as farms médias (de 100 a 175 acres); e 3. as grandes farms (de 175 acres e mais). Quanto ao valor do produto, consideramos: 1. as farms não-capitalistas (até 500 dólares); 2. as farms médias (de 500 a 1 000 dólares); e 3. as farms capitalistas (1 000 dólares e mais). Quanto à principal fonte de renda, consideramos: 1. as farms fracamente capitalistas (gado,

algodão); 2. as farms médias (feno e cereais mistas), e 3 as farms altamente capitalistas (as culturas especiais, “mercantis”, enumeradas acima, na parte 12, sob as rubricas 5 a 14).

Em cada grupo, consideramos primeiramente, a percentagem das farms, isto é, o número de farms do grupo considerado em relação ao número total das farms dos Estados Unidos. Em seguida, a percentagem da superfície, ou seja, a superfície total das farms do grupo em relação à superfície total do conjunto das farms dos Estados Unidos. A quantidade de terra pode servir como indicador do caráter extensivo da economia (infelizmente, só dispomos dos dados sobre a superfície total, e não sobre a superfície cultivada considerada separadamente, o que seria mais preciso). Se a percentagem da superfície total for superior à do número de farms (por exemplo, se a 17,2% de farms correspondem 43,1% de terra), isto significa que estamos tratando de grandes farms, maiores que a média, representando, neste caso, mais do dobro da média. Se a percentagem da terra é inferior à das farms, chega-se à conclusão inversa.

Em seguida, consideram-se os indicadores do caráter intensivo da agricultura, o valor dos instrumentos e máquinas e o montante das despesas com adubos. Ainda neste caso, considera-se a percentagem do valor e do montante de despesas referentes a determinado grupo, em relação ao volume total para o conjunto do país. E ainda aí, se a percentagem é superior à percentagem da terra, deduz-se que a intensidade é superior à média, etc.

Enfim, para determinar com precisão o caráter capitalista das explorações, agrícolas, emprega-se o mesmo procedimento no tocante à soma global das despesas com salários; e, para determinar o volume da produção, faz-se a mesma coisa em relação ao valor global dos produtos da agricultura de todo o país.

Desta forma, foi constituído o quadro da página 74, que passamos a explicar e analisar.

### COMPARAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS

(As cifras indicam a percentagem em relação ao total; a soma das três casas horizontais é igual a cem)

		Segundo a principal fonte de renda da farm			Segundo a superfície da farm			Segundo o valor do produto da farm			
		Farms fracamente capitalistas	Médias	Altamente capitalistas	Pequenas	Médias	Grandes	Não capitalistas	Médias	capitalista	
Número de farms		46,0	41,5	12,5	57,5	24,8	17,7	58,8	24,0	17,2	Índice do caráter extensivo da agricultura
Numero de acres da superfície total		52,9	38,5	8,6	17,5	22,9	59,6	33,3	23,6	43,1	
Capital constante	Valor dos instrumento e máquinas	37,2	42,7	20,1	31,7	28,9	39,4	25,3	28,0	46,7	Índices do caráter intensivo da agricultura
	Gastos com fertilizantes	36,5	31,8	31,7	41,9	25,7	32,4	29,1	26,1	44,8	
Capital variável	Gastos na contratação de operários	35,2	38,2	26,6	22,3	23,5	54,2	11,3	19,6	69,1	Índice do caráter capitalista da produção
Volume da produção	Valor do produto	45,0	39,0	16,0	33,5	27,3	39,2	22,1	25,6	52,3	

Consideremos o primeiro agrupamento: segundo a principal fonte de renda. Aí, as farms estão agrupadas, por assim dizer, de acordo com a especialidade da agricultura: de certo modo, de maneira análoga à qual se agrupam as empresas industriais segundo os ramos da indústria. Com a diferença de que o quadro é infinitamente mais complicado na agricultura.

A primeira coluna mostra-nos um grupo de farms fracamente capitalistas, que compreendem quase a metade do número total das farms: 46,0%, englobando 52,9% das terras; o que significa que se trata de explorações com uma extensão superior à média (elas reúnem as explorações de pecuária

extensiva, particularmente grandes, e as farms algodoeirais, com uma dimensão inferior à média). As percentagens do valor das máquinas (37,2%) e do montante de despesas com adubos (36,5%), são inferiores à percentagem da terra: portanto, a intensidade é inferior à média. O mesmo ocorre com o indicador do carácter capitalista da exploração (35,2%) e com o valor dos produtos (45,0%). A produtividade do trabalho é inferior à média.

A segunda coluna é a das farms médias. Em decorrência do fato de que as explorações “médias”, sob todos os aspectos, em relação aos três agrupamentos, entrem neste grupo médio, todas as percentagens são aí mais próximas umas das outras. As variações são relativamente pouco importantes.

A terceira coluna é a das farms altamente capitalistas. Já analisamos detalhadamente a importância das cifras desta coluna. Notemos que é apenas sobre este tipo de farms que possuímos — tanto para 1900 quanto para 1910 — dados precisos e comparáveis, que atestam que estas culturas altamente capitalistas têm um ritmo de desenvolvimento mais rápido que a média.

De que maneira este crescimento mais rápido de tais culturas se evidencia através da classificação habitual dos censos na maioria dos países? Isto é o que mostra a coluna seguinte: a do grupo das pequenas farms segundo a superfície.

Este grupo reúne grande número de farms (57,5% do total) - Ele possui apenas 17,5% da superfície total, ou seja, menos de um terço da média. Como consequência, é o grupo que possui menos terra, o mais “pobre”. Mas nós constatamos mais adiante, que a intensidade da agricultura (valor das máquinas e despesas com adubos), seu carácter capitalista (gastos com mão-de-obra), e sua produtividade do trabalho (valor do produto) são superiores à média: 22,3 a 41,9% para 17,5% de superfície.

O que significa isto? É evidente que este grupo, “pequeno” quanto à superfície, compreende um número particularmente grande de farms altamente capitalistas (ver a coluna vertical anterior). A uma maioria de agricultores realmente pequenos, detentores de pouca terra e pouco capital, acrescenta-se aqui uma minoria de agricultores, poderosos por seu capital, e que organizaram em uma pequena parcela de terra uma grande exploração capitalista por sua escala. Em relação à América como um todo, estes agricultores representam apenas 12,5% (= percentagem das farms altamente capitalistas); o que significa que, ainda que eles entrassem todos no grupo das farms consideradas pequenas (segundo a sua superfície), restariam neste grupo 45% (57,5 menos 12,5) de farmers sem terra e capital em quantidade suficiente. Com efeito, é evidente que uma parte, ainda que pequena, das farms altamente capitalistas são explorações médias e grandes por sua superfície, de modo que a cifra de 45% minimiza ainda mais o número real dos farmers que possuem pouca terra e nenhum capital.

Não é difícil perceber a que ponto se embeleza a situação destes 45% — no mínimo 45% — de farmers deserdados de terra e capital, ao se incluir no mesmo grupo os 10, 12, etc., por cento de agricultores melhor providos que a média em capital, instrumentos, máquinas, dinheiro para a compra de adubos, contratação de operários, etc.

Não entraremos em mais pormenores sobre as farms médias e grandes do grupo considerado. Isto nos levaria a repetir apenas sob uma forma modificada, o que foi dito a respeito das pequenas farms. . . Assim, se, por exemplo, os dados sobre as pequenas farms por sua superfície embelezam a situação desastrosa da pequena produção, os dados sobre as farms consideradas grandes de acordo com o mesmo indicador, aparentemente minimizam a concentração real operada na agricultura pela grande produção. A seguir, veremos uma expressão estatística exata desta concentração minimizada.

Chegamos à seguinte tese geral, que pode ser enunciada como uma lei aplicável ao agrupamento das explorações segundo a superfície, em qualquer país capitalista:

Quanto mais rápida e ampla é a intensificação da agricultura, mais o agrupamento segundo a superfície contribui para embelezar a situação de asfixia da pequena produção agrícola, do pequeno agricultor que não dispõe de terra nem de capital; mais ele dissimula a agudização real da contradição de classe entre o grande produtor florescente e o pequeno produtor ameaçado pela

ruína; mais ele minimiza a concentração do capital nas mãos dos grandes produtores e a eliminação dos pequenos.

O terceiro e último agrupamento — segundo o valor dos produtos — fornece a esta tese uma confirmação incontestável. A percentagem das explorações não-capitalistas (ou com um rendimento fraco, se se considera o rendimento global) é de 58,8%, ou seja, ela supera, ainda que ligeiramente, a percentagem das ‘pequenas’ explorações (57,5%). A quantidade de terra que possuem é muito maior: 33,3% (contra 17,5% do grupo dos “pequenos” farmers). Contudo, sua participação no valor global dos produtos é uma vez e meia menor: 21,1% contra 33,5%!

Por que isto? Porque não figuram neste grupo as explorações altamente capitalistas em pequenos lotes de terra, que inflaram de maneira falsa e artificial a parcela de capital pertencente aos pequenos agricultores sob a forma de máquinas, adubos, etc.

O empobrecimento e asfixia (e como conseqüência, a ruína) da pequena produção na agricultura revelam-se, desta forma, bem mais acentuados do que se poderia supor de acordo com os dados sobre as pequenas farms.

Os dados sobre as farms pequenas e grandes segundo a superfície não consideram, em absoluto, o papel do capital; e é compreensível que, negligenciando este “detalhe” da economia capitalista, se apresente sob um falso ângulo a situação da pequena produção, se embeleze falsamente tal situação, pois ela “poderia” ser suportável “se” o capital não existisse, isto é, o poder do dinheiro e as relações entre o trabalhador assalariado e o capitalista, entre o farmer e o comerciante e credor!

Portanto, a concentração da agricultura pelas grandes farms é bem inferior à sua concentração pela grande produção, isto é, pela produção capitalista: 17,7% das “grandes” farms concentram 39,2% do valor do produto (pouco mais do dobro da média), enquanto 17,2% das farms capitalistas concentram 52,3% do valor global do produto, ou seja, mais do triplo da média.

Mais da metade de toda a produção agrícola de um país onde se distribuem gratuitamente enormes quantidades de terras desocupadas — e que os Malinov \* (\* *Malinov, personagem de Almas Mortas de Gogol. Tipo loquaz do vão sonhador, sinônimo do visionário quimérico, indiferente a realidade que o cerca.*) denominam um país de explorações “baseadas no trabalho familiar” — está concentrada em cerca de 1/6 de explorações capitalistas, que despendem, com a contratação de operários, quatro vezes a média por farm (69,1% para 17,2% das farms), e uma vez e meia a média por acre de superfície total (69,1% de gastos com mão-de-obra assalariada para 43,1% da superfície total).

No outro pólo, mais da metade, quase 3/5 do número total de explorações (58,8%), fazem parte das farms não-capitalistas. Elas possuem um terço de toda a terra (33,3%), mas esta terra é mais mal equipada em máquinas que a média (25,3% do valor das máquinas), mais mal adubada (29,1% dos gastos com adubos), o que faz com que sua produtividade seja uma vez e meia inferior à média. Possuindo um terço da superfície total, esta enorme massa das farms mais oprimidas pelo jugo do capital fornece menos de um quarto (22,1%) do produto total e de seu valor total.

Com relação ao valor do agrupamento segundo a superfície, chegamos à conclusão geral de que ele não pode ser considerado como inteiramente inútil. Isto com a condição de que jamais seja esquecido que ele minimiza a eliminação da pequena produção pela grande - e tanto mais quanto mais ampla e rápida é a intensificação da agricultura — e que as diferenças entre as explorações segundo o montante de capital investido numa mesma superfície são mais importantes. Com os modernos métodos de investigação que fornecem um conjunto muito valioso e rico de dados sobre cada exploração, seria suficiente, por exemplo, combinar dois métodos de agrupamento; dividir, por exemplo, cada um dos cinco grupos definidos segundo a superfície total, em dois ou três grupos de acordo com a utilização de trabalho assalariado. Se isto não é feito, é sobretudo porque se receia apresentar uma imagem muito crua da realidade, um quadro por demais eloqüente da opressão, miséria, ruína, expropriação da massa dos pequenos agricultores, cuja situação é embelezada de uma forma tão “cômoda” e tão “discreta” através das explorações capitalistas “modelo”, igualmente “pequenas” por sua superfície, e que constituem uma pequena minoria entre a massa dos despossuídos. Do ponto de vista da ciência, ninguém ousará contestar que o capital, do mesmo modo que a terra desempenha um papel na agricultura moderna. Do ponto de vista da técnica

estatística ou da quantidade de trabalhos estatísticos, o número global de 10-15 grupos não é em absoluto excessivo se se compara, por exemplo, com os 18 + 7 grupos segundo a superfície que são encontrados nas estatísticas alemãs de 1907. Estas estatísticas, que reúnem uma documentação muito rica referente a 5.736.082 explorações, repartidas por este número de grupos de acordo com a superfície, constituem um modelo de rotina administrativa, de incoerências científicas, um jogo de cifras absurdas, pois aí não se encontra nem sombra de algum fundamento sensato; racional, teórico ou prático, que possa explicar a adoção de um tal número de agrupamentos.

### 13. A expropriação dos pequenos agricultores

A questão da expropriação dos pequenos agricultores é de importância capital para se compreender e apreciar o papel do capitalismo na agricultura em geral. E é extremamente característico da economia política e das estatísticas modernas — profundamente impregnadas de concepções e preconceitos burgueses — que esta questão quase não seja abordada ou que só seja objeto de análises inteiramente superficiais.

Os dados gerais colocam em evidência, em todos os países capitalistas, um processo de crescimento da população urbana através da absorção da população rural, um êxodo da população dos campos. Nos Estados Unidos, este processo evolui de maneira contínua. O percentual da população urbana passou, de 29,5% em 1880, a 36,1% em 1890, 40,5% em 1900, e 46,3% em 1910. A população urbana aumenta mais rapidamente que a do campo em todas as regiões do país; entre 1900 e 1910, no Norte industrial, a população rural aumentou em 3,9%, a das cidades em 29,8%; no antigo Sul escravista, o aumento foi de 14,8% e 41,4%, respectivamente; no Oeste em colonização, de 49,7% e 86,6%.

Aparentemente, um fenômeno tão generalizado deveria ser obrigatoriamente estudado quando dos recenseamentos agrícolas. Uma importante questão do ponto de vista científico coloca-se naturalmente: que categorias, camadas, grupos da população rural fornecem os trânsfugas dos campos, e em que condições? Visto que, a cada dez anos, são recolhidos dados mais detalhados sobre cada empresa agrícola, cada cabeça de gado que aí é encontrada, seria muito fácil perguntar quantas farms, e de que categorias, foram vendidas ou arrendadas pelos que partiram para a cidade, quantos membros da família, e em que condições, deixaram a agricultura por um período determinado ou definitivamente. Mas estas questões não são levantadas e a análise estanca nesta colocação oficial estereotipada: “A população rural passou, entre 1900 e 1910, de 59,5% a 53,7%”. Os investigadores sequer parecem suspeitar da miséria, da opressão, da ruína que tais cifras esquemáticas ocultam. E, com maior freqüência, os economistas burgueses e pequeno-burgueses não querem sequer considerar a ligação evidente existente entre o êxodo rural e a ruína dos pequenos produtores.

Nada mais nos resta do que tentar reunir num todos os dados extremamente sucintos e mal-elaborados sobre a expropriação dos pequenos agricultores, que figuram no recenseamento de 1910. Existem dados sobre as formas de apropriação das farms: sobre o número de proprietários — os que são donos de toda a sua farm, e sobre os que dispõem de apenas uma parte; depois, sobre o número de parceiros que arrendam a terra pagando com uma parcela da produção, e dos arrendatários, que arrendam a terra contra o pagamento de uma importância em dinheiro. Estes dados estão repartidos por regiões, mas não por grupos de explorações.

Tomemos os resultados de conjunto para 1900 e 1910, o que nos fornece, de início, o seguinte quadro:

O conjunto da população rural aumentou em	11,2%
O número total de farms aumentou em	10,9%
O número total de proprietários aumentou em	8,1%
O número total de proprietários de toda a sua farm aumentou em	4,8%

É evidente que tal quadro indica uma expropriação crescente da pequena agricultura. A população rural aumenta mais lentamente que a população urbana; o número de farmers, mais lentamente que a população rural; o número de proprietários, mais lentamente que o número total de farmers; o número de proprietários de toda sua farm mais lentamente que o número de proprietários em geral. A percentagem de proprietários em relação ao número total de farmers vem se reduzindo constantemente há várias décadas. Ela era:

Em 1880	74,0%
Em 1890	71,6%
Em 1900	64,7%
Em 1910	63,0%

Paralelamente, cresce a percentagem dos arrendatários, e o número de parceiros aumenta mais depressa que o dos arrendatários que quitam seu arrendamento em dinheiro. A percentagem de parceiros era de 17,5% em 1880, em seguida foi de 18,4% e 22,2% e, em 1910, ela já se elevava a 24,0%.

Que a redução da proporção dos proprietários e o crescimento dos arrendatários indicam, de uma forma geral, a ruína e eliminação dos pequenos agricultores, é o que sobressai dos seguintes dados:

Categoria de farm	Porcentagem de farms possuidoras de					
	Animais domésticos			Cavalos		
	1900	1910	+ -	1900	1910	+ -
Proprietários	96,7	96,1	- 0,6	85,0	81,5	-3,5
Arrendatários	94,2	92,9	- 1,3	67,9	60,7	-7,2

De acordo com todos os dados relativos aos dois anos, os proprietários são economicamente mais fortes. A situação dos arrendatários agrava-se mais rapidamente que a dos proprietários.

Passemos aos dados sobre as diferentes regiões.

Como já indicamos antes, o número mais significativo de arrendatários localiza-se no Sul, e é aí que ele aumenta com maior rapidez, passando de 47,0% em 1900 a 49,6% em 1910. Há meio século o capital destruiu o escravismo, para restabelecê-lo agora sob uma forma renovada, a da parceria.

No Norte, o número de arrendatários é consideravelmente menor e cresce de uma forma muito mais lenta, passando de 26,2% em 1900 a apenas 26,5% em 1910. E no Oeste que ele é menos significativo, e é somente nesta região que ele não aumenta, mas diminui, passando de 16,5% em 1900 a 14,0% em 1910. “É possível constatar uma percentagem bastante reduzida de explorações de arrendatários” — diz o balanço do recenseamento de 1910 — “na região das Montanhas e na do Pacífico” (estas duas regiões juntas formam o “Oeste”); “Com efeito, isto se deve sobretudo ao fato de que estas duas regiões só foram povoadas recentemente e que ai, numerosos farmers são homesteaders” (isto é, eles receberam lotes de terra não-ocupada, a título gratuito ou a um preço muito baixo), “que receberam sua terra do governo” (t. 5, p. 104).

Vemos afirmar-se aqui, com toda a sua evidência, uma particularidade dos Estados Unidos que nós já ressaltamos diversas vezes, e que consiste na existência de terras não-ocupadas, de terras vagas.

Esta particularidade, explica, de um lado, o desenvolvimento extremamente rápido e amplo do capitalismo americano. A ausência de propriedade privada da terra em certas regiões deste imenso país não elimina o capitalismo (recado a nossos populistas!), mas, ao contrário, lhe oferece uma base mais ampla e acelera o seu desenvolvimento. Por outro lado, esta particularidade, absolutamente desconhecida dos velhos países capitalistas da Europa desde há muito povoados, tem por resultado mascarar na América o processo de expropriação dos pequenos agricultores que se realiza nas regiões já povoadas e mais industrializadas do país.

Considerando o Norte, podemos obter o seguinte quadro:

	<b>1900</b>	<b>1910</b>	<b>Acréscimo ou redução</b>
<b>Totalidade da população rural (em milhões)</b>	22,2	23,1	+3,9%
<b>Número total de farms (em milhares)</b>	2.874	2.891	+0,6%
<b>Número total de proprietários (em milhares)</b>	2.088	2.091	+0,1%
<b>Numero total de proprietários de toda a sua farm</b>	1.794	1.749	- 2,5%

Constatamos não apenas uma redução relativa do número de proprietários, não apenas o seu recuo em relação ao número total do farmers, etc., mas indiscutivelmente, uma redução absoluta do número dos proprietários de toda a sua terra, indo de par com o crescimento da produção na principal região dos Estados Unidos, onde se localizam 60% das terras cultivadas do país!

Ademais, é preciso não esquecer que em uma das quatro regiões que constituem o “Norte”, a saber, o Nordeste Central, continua até hoje a distribuição de homesteads, distribuição que atingiu em 10 anos, de 1901 a 1910, o total de 54 milhões de acres.

A tendência do capitalismo à expropriação da pequena agricultura manifesta-se com tal vigor que o “Norte” dos EUA apresenta uma redução absoluta do número de proprietários, apesar da distribuição de dezenas de milhões de acres de terras livres não-ocupadas.

Só dois fatores ainda freiam esta tendência observada nos Estados Unidos: 1.º A existência de plantations escravistas ainda não desmembradas no Sul, onde vive uma população negra oprimida e esmagada, e 2.º O fraco povoamento do Oeste. É evidente que estas duas circunstâncias contribuem juntas para ampliar a futura base do capitalismo e preparar-lhe as condições para um desenvolvimento mais rápido e mais amplo. O aguçamento das contradições e a eliminação da pequena produção não desaparecem, mas transladam-se para um campo muito mais vasto. O incêndio capitalista parece “apagar-se”, mas ao preço de uma acumulação ainda maior de material ainda mais inflamável.

Prossigamos. No tocante à expropriação da pequena agricultura, dispomos de dados sobre o número de farms que possuem gado. Eis os totais para o conjunto dos Estados Unidos:

<b>Porcentagem das farms possuidoras</b>	<b>1900</b>	<b>1910</b>	<b>Acréscimo ou redução</b>
De animais domésticos em geral	95,8	94,9	- 0,9
De vacas leiteiras	78,7	80,8	+2,1
De cavalos	79,0	73,8	-5,2

Estes dados revelam, em termos gerais, uma redução do número dos proprietários em relação ao número total dos farmers. A porcentagem dos que possuem vacas leiteiras aumenta, mas com menos intensidade que a redução dos que possuem cavalos.

Examinemos os dados por grupos de explorações, em função dos dois principais tipos de gado:

<b>Grupos de farms</b>	<b>Porcentagem das farms que possuem vacas leiteiras</b>		<b>Acréscimo ou redução</b>
	<b>1900</b>	<b>1910</b>	
Até 20 acres	49,5	52,9	+3,4
De 20 a 49 acres	65,9	71,2	+5,3
De 50 a 99 acres	84,1	87,1	+3,0
De 100 a 174 acres	88,9	89,8	+0,9
De 175 a 499 acres	92,6	93,6	+0,9

De 500 a 999 acres	90,3	89,6	+0,7
De 1000 acres e mais	82,9	86,0	+3,1
Conjunto dos EUA	78,7	80,8	+2,1

Observamos que o maior aumento se produziu no número das pequenas farms criadoras de vacas leiteiras; seguem os latifúndios é as farms médias. A percentagem das farms que criam gado leiteiro diminuiu entre os grandes proprietários detentores de 500 a 999 acres de terra.

Em suma, isto parece indicar uma vantagem para a pequena agricultura, Recordemos, entretanto que, na agricultura, a posse de um rebanho leiteiro tem um duplo significado: pode significar, de um lado, uma elevação geral do bem-estar e uma melhoria das condições alimentares. De outro — e é o que ocorre com maior frequência — significa o desenvolvimento de um dos ramos da agropecuária comercial: a produção de leite para a venda nas cidades e centros industriais. Vimos mais acima que as farms deste tipo, as farms “leiteiras”, foram classificadas pela estatística americana em um grupo à parte segundo a principal fonte de renda. Este grupo se caracteriza por uma quantidade de terra cultivada e uma superfície total interiores à média, e por emprego de trabalho assalariado por acre de terra duas vezes superior à média. O crescimento do papel das pequenas farms leiteiras pode facilmente significar — e certamente significa — um desenvolvimento das farms leiteiras capitalistas do tipo já indicado: em pequenas parcelas de terra. Eis, para estabelecer um paralelo, os dados relativos à concentração do rebanho leiteiro na América:

Regiões	Número médio de vacas leiteiras por farm		Acréscimo de
	1900	1910	
Norte	4,8	5,3	+0,5
Sul	2,3	2,5	+0,1
Oeste	5,0	2,4	+0,2
Total	3,8	4,0	+0,2

Verificamos que o Norte foi o mais rico em gado leiteiro, o que mais aumentou sua riqueza. Vejamos como este crescimento se repartiu entre os grupos:

Norte Grupos de farms	Porcentagem de acréscimo ou redução do número de vacas leiteiras de 1900 a 1910
Até 20 acres	- 4% (+ 10,0% de acréscimo do número de farms)
De 20 a 49 acres	- 3% (- 12,6% de acréscimo do número de farms)
De 50 a 99 acres	+9% (-7,3% de acréscimo do número de farms)
De 100 a 174 acres	+14% (+ 2,2% de acréscimo do número de farms)
De 175 a 499 acres	+18% (+ 12,7% de acréscimo do número de farms)
De 500 a 999 acres	+29% (+ 40,4% de acréscimo do número de farms)
De 1000 acres e mais	+18% (+ 16,4% de acréscimo do número de farms)
Total	+14% (+ 0,6% de acréscimo do número de farms)

O crescimento mais rápido do número das pequenas farms possuidoras de gado leiteiro não impediu uma concentração mais rápida deste gado nas grandes explorações.

Vejamos agora os dados sobre o número de farms que possuem cavalos. Tratam-se de informações sobre os animais de tração, que fornecem as indicações sobre a estrutura geral da economia, e não sobre um ramo particular da agricultura mercantil.

Grupos de farms	Porcentagem das explorações que possuem cavalos		Redução de
	1900	1910	



Até 20 acres	52,4	48,9	- 3,5
De 20 a 49 acres	66,3	57,4	-8,9
De 50 a 99 acres	82,2	77,6	-4,6
De 100 a 174 acres	88,6	86,5	-2,1
De 175 a 499 acres	92,0	91,0	-1,0
De 500 a 999 acres	93,7	93,2	-0,5
De 1000 acres e mais	94,2	94,1	-0,1
Total	79,0	73,8	-5,2

Observamos aqui que, à medida que diminui a superfície da exploração, maior é o número dos estabelecimentos que não possuem cavalos. Com exceção das explorações mais reduzidas (até 20 acres), que compreendem, como sabemos, um maior número de farms capitalistas em relação aos grupos contíguos, nós constamos, de menor à maior categoria, que a falta de cavalos se faz sentir cada vez menos e que a redução das explorações que não dispõem de cavalos se torna menos perceptível. É possível que nas propriedades ricas, o emprego de charruas a vapor e outros engenhos a motor mecânico compensem em partes o número de redução de animais de tração, mas esta hipótese está excluída no tocante à massa das explorações pobres.

Enfim, o crescimento da expropriação revela-se também a partir dos dados relativos ao número de farms hipotecadas:

Regiões	Porcentagem das farms hipotecadas		
	1890	1900	1910
Norte	40,3	40,9	41,9
Sul	5,7	17,2	23,5
Oeste	23,1	21,7	28,6
Conjunto dos EUA	28,2	31,0	33,6

A percentagem das farms hipotecadas cresce continuamente em todas as regiões do país, e sobretudo na mais povoada, o Norte industrial e capitalista. A estatística americana assinala (tomo V, p. 159) que, no Sul, o crescimento do número de farms hipotecadas explica-se, provavelmente, pelo “desmembramento” das plantations, que são vendidas em parcelas a farmers negros e brancos, que pagam apenas uma parte do preço de compra, enquanto o restante é transformado em hipoteca. Assim, assiste-se no Sul a uma operação de resgate de caráter original. Notemos que, em 1910, os negros possuíam, ao todo, nos Estados Unidos, 920.883 farms, isto é, 14,5% do número total, e que, enquanto entre 1900 e 1910, o número de farms pertencentes aos brancos havia aumentado em 9,5%, o das farms pertencentes aos negros aumentara duas vezes mais depressa: em 19,6%. Meio século após a “vitória” sobre os escravistas, o desejo de libertarem-se dos “plantadores” continua a manifestar-se entre os negros, com uma intensidade excepcional.

Os estatísticos americanos assinalam também que a hipoteca de uma farm não indica sempre falta de prosperidade. Significa às vezes, um modo de obter capital para trabalhos de benfeitoria, etc. Isto é incontestável. Mas esta incontestável observação não deve obscurecer o fato — o que é comum entre os economistas burgueses, de que apenas uma minoria de farmers abastados tem condições de obter, desta forma, os capitais necessários para trabalhos de benfeitoria, etc. e empregá-los de maneira produtiva; quanto à maioria, ela se arruína ainda mais, caindo nas garras do capital financeiro que, então, assume esta forma particular.

A dependência dos farmers em relação ao capital financeiro poderia — e deveria — atrair muito mais a atenção dos investigadores. Mas este aspecto da questão, apesar de sua importância capital, tem permanecido na obscuridade.

Ora, o crescimento do número de farms hipotecadas significa, seja como for, que elas caem sob o controle do capital. Ocorre ainda que, além das propriedades legalmente hipotecadas, muitas outras são enredadas em todo um círculo de dívidas privadas não formalizadas com rigor e que não são consideradas pelo recenseamento.

## 15. Quadro comparativo da evolução da agricultura e da indústria

Apesar de todos os seus defeitos, os materiais fornecidos pelas estatísticas americanas apresentam, em relação aos existentes em outros países, a vantagem de serem mais completos e de terem sido coletados de forma uniforme. Por isto, é possível comparar os dados relativos à indústria e agricultura para os anos de 1900 e 1910, e confrontar o quadro conjunto da estrutura econômica dos dois ramos da economia nacional, bem como a sua evolução. A idéia mais difundida pela economia burguesa — que, diga-se de passagem, é retomada também pelo Sr. Guimmar — é a da existência de uma oposição entre a indústria e a agricultura. Vejamos, à luz de uma grande quantidade de dados precisos, até que ponto esta oposição é real.

Começemos pelo número de empresas existentes na indústria e na agricultura.

	Número de empresas (em milhares)		Crescimento (em %)	Crescimento da população (urbana e rural)
	1900	1910		
Indústria	207,5	268,5	+29,4%	+34,8%
Agricultura	5.757,0	6.361,0	+10,9%	+11,2%

Na agricultura as empresas são bem mais numerosas e menores. Daí o seu atraso, desmembramento, fragmentação.

O crescimento do número total de empresas é bem mais lento na agricultura que na indústria. Nos Estados Unidos existem duas circunstâncias, desconhecidas dos outros países avançados, que reforçam e aceleram enormemente o crescimento do número das empresas na agricultura. Elas são, em primeiro lugar, o desmembramento dos latifúndios escravistas que prossegue no Sul, como o “resgate” pelos farmers negros e brancos, de pequenos lotes aos “plantadores”; em segundo lugar, a existência de uma enorme quantidade de terras não-ocupadas, livres, distribuídas pelo governo a quem as deseje. E contudo, o número de empresas cresce muito mais lentamente na agricultura que na indústria.

E isto por duas razões. De um lado, a agricultura ainda conserva, em grande medida, o seu caráter de economia natural, e diferentes operações que antes faziam parte do trabalho de uma família camponesa — por exemplo, a fabricação e preparação de diversos instrumentos, utensílios, etc. — separam-se gradualmente da agricultura para constituírem-se em ramos particulares da indústria. Por outro lado, existe um monopólio próprio da agricultura, que a indústria desconhece, e que não é eliminado no regime capitalista: o monopólio da propriedade da terra. Mesmo quando a propriedade privada da terra não existe (até o presente, ela é praticamente inexistente em vastas regiões dos Estados Unidos), a posse da terra — sua ocupação por produtores individuais privados — cria um monopólio. Nas principais regiões do país toda a terra está ocupada, e o crescimento do número de empresas agrícolas só é possível pelo desmembramento das empresas já existentes; a livre criação de novas empresas ao lado das antigas é impossível. O monopólio fundiário freia o desenvolvimento da agricultura e, de forma diversa ao que se passa na indústria, este monopólio retarda o desenvolvimento do capitalismo na agricultura.

Não podemos comparar com precisão o montante dos capitais investidos nas empresas industriais e nas empresas agrícolas porque o valor da terra compreende também a renda fundiária. A comparação só pode ter por objeto o capital investido na indústria e o preço dos produtos industriais, de um lado, e o valor global de todos os bens das farms e o preço do principal produto agrícola, de outro, sendo os percentuais de acréscimo respectivamente perfeitamente comparáveis.

		Milhões de dólares		Acréscimo (em %)
		1900	1910	
<b>Indústria</b>	Capital de todas as empresas	8.975	-18.428	+105,3%

	Preço de seus produtos	11.406	20.671	+81,2%
<b>Agricultura</b>	Valor de todos os bens das farms	20.440	40.991	+100,5%
	Preço da colheita total de cereais	1.483	2.665	+79,8%
	Produção de cereais em milhões de bushels	4.439	4.515	+1,7%

Podemos constatar que em dez anos, de 1900 a 1910, o valor do capital investido na indústria e o de todos os bens das farms dobrou. A diferença enorme e fundamental é que, na agricultura, a produção do gênero principal, os cereais, cresceu na ínfima proporção de 1,7%, enquanto o conjunto da população aumentou em 21,0%.

Em seu desenvolvimento, a agricultura atrasa-se em relação à indústria: este é um fenômeno comum a todos os países capitalistas e constitui uma das causas mais profundas da desproporção entre os diferentes ramos da economia nacional, das crises, e da alta do custo de vida.

O capital libertou a agricultura do regime feudal; ele a introduziu no circuito comercial e a partir daí, no desenvolvimento da economia mundial; ele a arrancou da estagnação e da rotina da idade média e do patriarcado. Mas, longe de eliminar a opressão, a exploração, a miséria das massas, ele desencadeia estes flagelos sob uma nova forma e restaura suas antigas formas sob uma base “moderna”. Não apenas o capitalismo não elimina a contradição entre a indústria e a agricultura, mas ao contrário, ele a aprofunda e agrava cada vez mais. O jugo do capital, que se forja sobretudo na esfera do comércio e da indústria, pesa cada vez mais sobre a agricultura.

O crescimento insignificante da quantidade do produto agrícola (+1,7%), e o enorme aumento de seu preço (+79,8%) mostram claramente, de um lado, o papel da renda fundiária, do tributo que os proprietários fundiários impõem à sociedade, O atraso da agricultura, que se deixa distanciar em relação ao desenvolvimento da indústria, realiza-se em proveito dos proprietários fundiários que, graças à sua situação monopolista, embolsam milhões e milhões de dólares. Nos dez anos, o valor global dos bens das farms cresceu em 20,5 bilhões de dólares. Sobre esta importância, o aumento do preço das construções e do capital vivo e morto representa apenas 5 bilhões. Portanto, em dez anos, o preço da terra, a renda fundiária capitalizada, aumentou em 15 bilhões ( $\pm 118,1\%$ ).

Por outro lado, vemos afirmar-se aqui com um relevo particular, a diferença entre a situação de classe dos pequenos agricultores e a dos trabalhadores assalariados, Com efeito, uns e outros “trabalham”; com efeito, uns e outros são explorados pelo capital, ainda que sob formas inteiramente diferentes. Mas apenas os democratas burgueses vulgares podem, a partir daí, classificar numa mesma categoria estas diferentes classes, e falar de uma pequena agricultura “fundada no trabalho familiar”. Mais precisamente, isto significa dissimular e encobrir a estrutura social da economia, seu caráter burguês, fazendo passar ao primeiro plano um indicador comum a todas as formações sociais anteriores: a necessidade do pequeno agricultor entregar-se ao trabalho físico para garantir sua sobrevivência.

No regime capitalista, o pequeno agricultor transforma-se, quer queira ou não, quer perceba ou não, num produtor de mercadorias. E é nesta modificação que está o essencial. Mesmo quando o pequeno agricultor ainda não explora o trabalho assalariado, esta mudança é suficiente para fazer dele um antagonista do proletariado, para transformá-lo num pequeno-burguês. Ele vende o seu produto, o proletariado vende a sua força de trabalho. Os pequenos agricultores não podem, enquanto classe, deixar de aspirar pelo aumento de preços dos produtos agrícolas, e isto equivale à sua participação, ao lado dos grandes proprietários de terras, na partilha da renda fundiária; eles se tornam solidários com os proprietários fundiários contra o resto da sociedade. Por sua situação de classe, o pequeno agricultor torna-se, inevitavelmente, à medida que se desenvolve a produção mercantil, um partidário da estrutura agrária existente, um pequeno agrarista\*.{\* *Agrarista ou*

*agrariano, partidário da doutrina do “agrarianismo”, entre cujos fundadores estava T. Jefferson, e que visava medidas em favor dos farmers, enquanto “family farmers” (Nota da ed. brasileira.)}*

Entre os operários assalariados ocorre também de uma pequena parte deles aliar-se aos patrões contra o conjunto da classe operária. Mas isto significa apenas a união de uma ínfima parcela da classe com seu adversário e contra toda a classe. Não é possível imaginar uma melhoria da situação dos trabalhadores assalariados, enquanto classe, sem uma elevação do bem-estar das massas e sem um agravamento do antagonismo que as opõe ao senhor da sociedade moderna, ao capital, a toda a classe dos capitalistas. Ao contrário, é perfeitamente possível imaginar — e trata-se de um fenômeno típico do capitalismo — que a melhoria da situação dos pequenos agricultores, enquanto classe seja resultado de sua união com os proprietários fundiários, de sua participação na imposição de uma renda fundiária crescente sobre toda a sociedade, de seu antagonismo com a massa dos proletários e semiproletários que dependem inteiramente, ou principalmente, da venda de sua força de trabalho.

Eis um quadro comparativo dos dados fornecidos pelas estatísticas americanas sobre a situação e o número de operários assalariados e dos pequenos agricultores:

		1900	1910	Acréscimo (em %)
<b>Indústria</b>	Número de operários assalariados (em milhares)	4.713	6.615	+40,4%
	Seu salário (em milhões de dólares)	2.008	3.427	+10,6%
<b>Agricultura</b>	Número de operários assalariados	?	?	+47,1% (aproximadamente)
	Seu salário (em milhões de dólares)	357	652	+82,3%
	Número de farms (em milhares)	5.737	6.361	+10,9%
	Preço de seu produto principal, os cereais (em milhões de dólares)	1.483	2.665	+79,8%

Os operários da indústria saíram perdendo, pois o montante de seus salários aumentou em apenas 70,6% (“apenas”, pois quase a mesma quantidade de cereais, 101,7% da antiga cifra, vale agora 179,8% do preço anterior!), enquanto seu número aumentou nem mais nem menos que em 40% .

Os pequenos agricultores saíram ganhando, enquanto pequenos agraristas, às expensas do proletariado Seu numero só cresceu em 10,9% (mesmo considerando apenas as pequenas farms comerciais, o acréscimo é de apenas 1 1,9%); a quantidade de seus produtos quase não aumentou (+1,7%), mas o preço destes produtos cresceu em 79,8% .

Com efeito, o capital comercial e o financeiro levaram a parte do leão desta renda fundiária; contudo, a situação de classe existente entre os pequenos agricultores e os operários assalariados é quase análoga — no tocante às suas relações mútuas — a que existe entre o pequeno-burguês e o proletário.

O aumento do número de operários assalariados é mais veloz que o crescimento da população (+40% contra +21%). A expropriação dos pequenos produtores e dos pequenos agricultores se acentua. A proletarização da população é crescente.\* (\* o número de operários assalariados da agricultura, ou mais exatamente, o seu acréscimo, é determinado pela seguinte regra de 3  $82,3 \cdot 70,6 = X \cdot 40,4$ , donde  $X = 47,1$ .)

O crescimento do número de farmers — e mais ainda, como sabemos, do número de farmers que são proprietários de suas terras — atrasa-se em relação ao crescimento da população (10,9% contra 21 %). Os pequenos agricultores, tornam-se cada vez mais monopolistas, pequenos agraristas.

Vejamos agora, as relações entre a pequena e a grande produção na indústria e na agricultura. Para a indústria os anos de referência não são os de 1900 e 1910, mas os de 1904 e 1910.

Dividiremos as empresas industriais em três grupos principais de acordo com o volume de sua produção, classificando entre as pequenas empresas aquelas cujo montante da produção vai até 20000 dólares, entre as médias empresas aquelas de 20.000 a 100.000. dólares, e entre as grandes empresas, as de 100.000 dólares e mais. Só temos condições de agrupar as propriedades agrícolas de acordo com a superfície. Classificamos entre as pequenas farms aquelas que possuem até 100 acres, entre as médias as de 100 a 175 acres, e entre as grandes aquelas com 175 e mais.

Grupos de empresas		Número de empresas (em milhares)				Acréscimo (em %)
		1900	%	1910	%	
Indústria	Pequenas	144	66,6	180	67,2	+25,0%
	Médias	48	22,2	57	21,3	+18,7%
	Grandes	24	11,2	31	11,5	+29,1%
	Total	216	100,0	268	100,0	+24,2%
Agricultura	Pequenas	3.297	57,5	3.691	58,0	+11,9%
	Médias	1.422	24,8	1.516	23,8	+6,6%
	Grandes	1.018	17,7	1.154	18,2	+13,3%
	Total	5.737	100,0	6.361	100,0	+10,9%

E possível constatar uma notável identidade de evolução.

Tanto na indústria quanto na agricultura ocorre uma redução percentual das empresas médias, cujo número cresce mais lentamente que o das grandes e pequenas.

Tanto na indústria quanto na agricultura o número das pequenas empresas aumenta mais lentamente que o das grandes.

Quais são as modificações no poder econômico ou no papel econômico dos diferentes tipos de empresas? Para a indústria, nós dispomos de dados sobre o preço do produto; para a agricultura, sobre o preço do conjunto dos bens das propriedades.

Grupos de empresas		Milhões de dólares				Acréscimo (em %)
		1900	%	1910	%	
Indústria	Pequenas	927	6,3	1.127	5,5	+21,5%
	Médias	2.129	14,4	2.544	12,3	+19,5
	Grandes	11.737	79,3	17.000	82,2	+44,8%
	Total	14.793	100,0	20.671	100,0	+39,7%
Agricultura	Pequenas	5.790	28,4	10.499	25,6	+81,3%
	Médias	5.721	28,0	11.089	27,1	+93,8%
	Grandes	8.929	43,6	19.403	47,3	+117,3%
	Total	20.440	100,0	40.991	100,0	+100,5%

Também aqui a identidade de evolução é notável.

Tanto na indústria quanto na agricultura a participação das pequenas e médias empresas se reduz; apenas a parcela das grandes empresas aumenta.

Em outros termos, tanto na indústria quanto na agricultura a pequena produção é eliminada pela grande.

Neste caso, a diferença entre a indústria e a agricultura consiste em que, na indústria, a parte das pequenas empresas aumentou um pouco mais que a das empresas médias (21,5% contra 19,5%), enquanto na agricultura ocorreu o contrário. Evidentemente, esta diferença é débil e não se pode tirar daí qualquer conclusão geral. Mas, no mínimo, permanece o fato de que, no curso dos últimos dez anos, na indústria do país capitalista mais avançado do mundo, a pequena produção cresceu mais acentuadamente que a produção média. Este fato vem demonstrar quão pouco sérias são as afirmações correntes dos economistas burgueses, segundo as quais a indústria confirmaria inteiramente e sem exceção, a lei da eliminação da pequena produção pela grande, enquanto a agricultura a desmentiria.

Não somente na agricultura dos Estados Unidos a pequena produção é eliminada pela grande, como também esta eliminação se realiza segundo uma lei ou uma regra mais rigorosa que na indústria. E preciso não esquecer o que demonstramos mais acima, a saber, que o agrupamento das explorações agrícolas segundo a superfície minimiza o processo de eliminação da pequena produção pela grande.

No tocante ao nível de concentração já atingido, a agricultura manifesta um atraso considerável, Na indústria, 11% das grandes empresas detêm mais de oito décimos da produção global. O papel que cabe às pequenas empresas é insignificante: 5,5% da produção para os 2/3 do número total das empresas! Em relação a esta situação, a agricultura ainda é fragmentada: 58% de pequenas empresas detêm um quarto do valor de todos os bens das farms, e 18% de grandes empresas possuem menos da metade (47%). O número total das empresas agrícolas é mais de vinte vezes superior ao das empresas industriais.

Isto confirma a conclusão há muito estabelecida, segunda a qual, na agricultura, se se compara a sua evolução com a da indústria, o capitalismo se encontra num estágio mais próximo da manufatura que da grande indústria mecânica. O trabalho manual ainda predomina na agricultura, e o emprego de máquinas é relativamente débil: Mas os dados relacionados acima não demonstram em absoluto a impossibilidade de se socializar a produção agrícola, mesmo no estágio atual de seu desenvolvimento. Aquele que detém os bancos, detém diretamente um terço de todas as farms da América, e as domina indiretamente em sua totalidade. A organização da produção, segundo um plano conjunto, em um milhão de empresas que fornecem mais da metade do montante global de toda a produção é algo perfeitamente realizável, dado o desenvolvimento atual das associações de todo tipo e das técnicas de comunicações e de transportes.

## **16. Balanço e conclusões**

Os recenseamentos agrícolas realizados nos Estados Unidos em 1900 e 1910 representam a última palavra da estatística social neste domínio da economia nacional. Seus materiais, os melhores existentes nos países avançados, têm por objeto milhões de explorações e permitem tirar conclusões precisas e concretas sobre a evolução da agricultura no regime capitalista. Na medida em que os Estados Unidos da América constituem o país onde a agricultura capitalista ocupa as mais vastas extensões e apresenta a maior diversidade de relações, a maior riqueza de nuances e formas, estes materiais permitem que as leis desta evolução possam ser mais particularmente estudadas.

Neste país, encontramos, de um lado, a passagem da estrutura escravista da agricultura — ou feudal, o que vem a dar no mesmo. — à estrutura mercantil e capitalista; de outro lado, uma amplitude e rapidez. particulares do desenvolvimento do capitalismo no país burguês mais livre e mais avançado. E, ao mesmo tempo, uma colonização em vastíssima escala, guiada pelos princípios da democracia capitalista.

Encontramos aí regiões há muito povoadas, extremamente industrializadas, com uma agricultura altamente intensiva, análogas à maioria das regiões da Europa Ocidental civilizada, nas quais o capitalismo desde há muito se instalou; e também regiões de agricultura, e pecuária primitivas e extensivas, do gênero de certas regiões periféricas da Rússia ou de partes da Sibéria. Nos Estados Unidos, nós encontramos os mais variados tipos de pequenas e grandes farms: grandes latifúndios, plantations no antigo Sul escravista, o Oeste em processo de colonização e o Norte altamente capitalista no litoral do Atlântico; pequenas farms de parceiros negros e pequenas farms capitalistas produtoras. de leite ou hortaliças no Norte industrial, ou de frutas não litoral do oceano Pacífico; “fábricas de trigo” que empregam trabalhadores assalariados, e homesteads de pequenos, agricultores “independentes” ainda cheios de ingênuas ilusões sobre a possibilidade de viverem “do trabalho de suas próprias mãos”.

Notável a diversidade de relações, abrangendo o passado e o futuro, a Europa e a Rússia. A comparação com a Rússia é particularmente instrutiva, especialmente em relação às conseqüências da passagem eventual de todas as terras, sem indenizações, aos camponeses, operação progressista, mas de caráter indiscutivelmente capitalista.

O exemplo do Estados Unidos permite, melhor que qualquer outro, estudar as leis gerais do desenvolvimento do capitalismo na agricultura e a diversidade de formas sob as quais elas se manifestam. E este estudo conduz a conclusões que podem ser resumidas nas sucintas teses que se seguem.

Na agricultura, o trabalho manual predomina sobre a máquina muito mais que na indústria. Mas a máquina está em constante avanço, melhorando a técnica de cultivo, ampliando a escala das explorações e tornando-as mais capitalistas. As máquinas são empregadas de forma capitalista na agricultura moderna.

O indicador essencial do capitalismo na agricultura é o trabalho assalariado. É possível constatar o desenvolvimento do trabalho assalariado, bem como o aumento do emprego de máquinas, em todas as regiões do país e em todos os ramos da agricultura. O aumento do número de operários assalariados supera o de população rural e o da população total do país. O crescimento do número de farmers atrasa-se em relação ao crescimento da população rural. As contradições de classe aprofundam-se e exacerbam-se.

A eliminação da pequena produção pela grande avança na agricultura. A comparação dos dados de 1900 e 1910 sobre o conjunto dos bens das farms fornece, com relação a este aspecto, a prova formal.

Mas esta eliminação é minimizada e a situação dos pequenos agricultores é embelezada como decorrência do fato de que, em 1910, os investigadores limitaram-se na América — como, eles fazem em quase toda a Europa — a classificar as explorações segundo sua superfície. Quanto mais intensiva se torna a agricultura, mais se observa esta tendência a minimizar e embelezar os fatos.

O capitalismo não se expande apenas pela aceleração do desenvolvimento das explorações de grande extensão nas regiões de agricultura extensiva, mas também pela criação de explorações maiores quanto ao volume de sua produção, de caráter capitalista mais acentuado, em lotes de terra de menor dimensão, nas regiões de agricultura intensiva.

Em suma, a concentração da produção nas grandes explorações é efetivamente mais forte, a eliminação da pequena produção é efetivamente mais profunda e progressiva do que indicam os dados habituais sobre as farms agrupadas segundo a sua superfície. Os dados do recenseamento de 1900, interpretados de forma mais criteriosa, mais detalhada e mais científica, não deixam qualquer sombra de dúvida a este respeito.

A expropriação da pequena agricultura prossegue. No curso das últimas décadas observa-se uma contínua redução dos proprietários em relação ao número total de farmers, que por seu lado, atrasa-se em sua progressão, em relação ao crescimento da população. Na principal região, o Norte, que fornece a massa mais significativa de produtos agrícolas e que desconhece qualquer vestígio de escravismo e colonização, o número de farmers proprietários de toda a sua fazenda diminuiu em termos absolutos. No curso dos últimos dez anos, a percentagem de farmers que possuem gado decresceu, paralelamente ao aumento da percentagem de explorações que possuem gado leiteiro cresceu o número de explorações que não possuem cavalos. E isto numa proporção bem mais acentuada, sobretudo entre os pequenos farmers.

De uma forma geral, a confrontação de dados da mesma natureza e para uma mesma época, relativos à indústria e à agricultura, mostram-nos, - juntamente com um atraso infinitamente mais significativo da segunda, uma notável identidade das leis de evolução e a eliminação da pequena produção tanto numa quanto na outra.

**FIM**